



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE**

**LADY DAIANE MARTINS RIBEIRO**

**DIÁLOGO E INTERDISCURSO NA LITERATURA DE  
AUTOAJUDA**

CATALÃO

2014

LADY DAIANE MARTINS RIBEIRO

**DIÁLOGO E INTERDISCURSO NA LITERATURA DE  
AUTOAJUDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem – nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Grenissa B. Stafuzza.

CATALÃO  
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)  
GPT/BSCAC/UFG**

R482d Ribeiro, Lady Daiane Martins.  
Diálogo e interdiscurso na literatura de autoajuda  
[manuscrito] / Lady Daiane Martins Ribeiro. - 2014.  
109 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Grenissa Bonvino Stafuzza  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,  
Campus Catalão, Departamento de Letras, 2014.

Bibliografia.

Anexos.

1. Análise do Discurso. 2. Círculo de Bakhtin. 3.  
Interdiscurso. 4. Diálogo. 5. Autoajuda. I. Título.

CDU: 82: 81'42

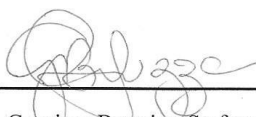
LADY DAIANE MARTINS RIBEIRO

**“DIÁLOGOS E INTERDISCURSOS NA LITERATURA DE  
AUTOAJUDA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovado em **29 de janeiro de 2014.**

BANCA EXAMINADORA



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Grenissa Bonvino Stafuzza  
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Erislane Rodrigues Ribeiro  
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão



---

Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos  
Universidade Federal de Uberlândia

Dedico esse trabalho aos meus pais, José e Ana, meu esteio incontestável.

Ao meu esposo, Thiago, por todo amor e incentivo.

Aos meus filhos, Francisco e Ana Clara, meus amores incondicionais.

À minha amiga Grenissa, pelo apoio e parceria.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço aos meus queridos pais, José e Ana Maria, e minhas irmãs Leidiane e Lubiane, pela paciência e cuidado nesse tempo de escrita.

Ao meu esposo, Thiago, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e sendo suporte de carinho e incentivo nessa caminhada de estudos.

Aos meus filhos Francisco e Ana Clara que mesmo sem entenderem o que a mamãe estava fazendo, permaneciam presentes dando sentido a cada parágrafo desse trabalho.

Há tantos colegas e amigos que compartilharam comigo suas experiências acadêmicas e de vida, que com certeza foram suporte e esteio nesse tempo.

Aos professores João Bôsko Cabral dos Santos e Erislane Rodrigues Ribeiro por suas fecundas contribuições no Exame de Qualificação.

Ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, a todos os professores e alunos do mestrado, principalmente aos colegas do grupo de estudos GEDIS pelas discussões teóricas, pois sem elas com certeza não conseguiria desenvolver essa pesquisa.

De maneira muito especial e carinhosa quero agradecer à minha orientadora e amiga, Grenissa Stafuzza, por estar junto comigo em todo o processo de construção da pesquisa e por me ensinar a desenvolver um trabalho de parceria. Flor, dentre as vozes que circulam nesse trabalho, a sua é com certeza a que mais me identifico, justamente por ser a voz que esteve soando nos momentos de fluidez e, mais ainda, nos períodos de angústia e estagnação. A sua “voz” foi meu guia e sustento nesse tempo, muito obrigada!

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o Tu). [...] O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*. (BAKHTIN, 2011, p. 341).

## RESUMO

A pesquisa “Diálogo e interdiscurso na literatura de autoajuda” tem como objetivo analisar a construção interdiscursiva e dialógica na obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury. A reflexão teórica se inscreve nos pressupostos da Análise do discurso de Michel Pêcheux (1997, 2002, 2007, 2009, 2011), focando nas noções de sujeito e interdiscurso em diálogo com a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin (1981, 2001, 2006, 2011) a respeito da teoria do dialogismo e da noção de sujeito. Pêcheux (2009), ao dialogar com a teoria foucaultiana, observa que as formações ideológicas compõem as formações discursivas (FD), resultando, assim, na combinação de diferentes discursos, ao que, na AD, denominamos de interdiscurso. Esses discursos que perpassam o discurso são enunciados apreendidos pela materialidade linguística que se constituem de acontecimentos e ideologias marcados na história que se transformam e se modificam em dadas situações languageiras. Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, o discurso é concebido não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa em que discursos outros – veiculados sócio-historicamente e que se realizam nas e pelas interações entre os sujeitos – se entrelaçam e se atravessam. Na análise das sequências discursivas, constatamos que o sujeito enunciativo do discurso de autoajuda que se apresenta na obra *Você é insubstituível*, apropria-se de vários discursos socialmente legitimados como forma de validação de seu dizer. Focamos a reflexão na análise dos discursos capitalista, religioso e científico por serem discursos constituintes fundantes do discurso de autoajuda. Portanto, buscamos a partir da análise do *corpus* identificar as interdiscursividades (discursos-outros), bem como os diálogos (a interação entre diversos dizeres) na obra *Você é insubstituível*, bem como analisar a produção de sentidos no embate entre as discursividades capitalista, religiosa e científica na constituição do discurso de autoajuda.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Círculo de Bakhtin; interdiscurso; diálogo; autoajuda.

## ABSTRACT

The research "Dialogue and interdiscourse in self-help literature" aims at analyzing the interdiscursive and dialogical construction work on the book *Você é insubstituível*, written by Augusto Cury. The theoretical reflection is inscribed on the assumptions of discourse analysis from Michel Pêcheux (1997, 2002, 2007, 2009, 2011), focusing on the notions of subject and interdiscourse, also in dialogue with the philosophy of language from the Bakhtin Circle (1981, 2001, 2006, 2011) on the theory of dialogism and the notion of subject. Pêcheux (2009), in dialogue with Foucault's theory, notes that the ideological formulations comprise the discursive formations (FD), thus resulting in the combination of different discourses, to what in Discourse Analysis, we call interdiscourse. These discourses that permeate the speech utterances are seized by linguistic materiality of events that are marked on the history and ideologies that transform and change in given language situations. In view of the Bakhtin Circle, discourse is not conceived as individual speech, but as significant instance in which other discourses - conveyed socio- historically and taking place in and by the interactions between subjects - intertwine and cross each other. In the analysis of discursive sequences, we found that the enunciator subject of self-help discourse who is presented on the book *Você é insubstituível*, appropriates various socially legitimated discourses as a way to validate his own speech. We focused our reflection on the analysis of capitalist, religious and scientific discourses once they are founder discourses that constitute the self-help discourse. Therefore, we seek from the corpus analysis identify interdiscursivity (other discourses) as well as the dialogues (the interaction between different words) in the book *Você é insubstituível*, as well as to analyze the production of meaning in the confrontation between the capitalist, religious and scientific discursivities in the constitution of self-help discourse.

**Key-words:** Discourse Analysis; Bakhtin's Circle; interdiscourse; dialogue; self-help.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

i) Por que estudar autoajuda.....	10
ii) O discurso de autoajuda na contemporaneidade.....	14

### Capítulo 1 – DIÁLOGOS ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E O CÍRCULO DE BAKHTIN

1.1 Algumas noções da Análise do Discurso Francesa para pensar o discurso de autoajuda.....	26
1.1.1 Interdiscursos.....	28
1.1.2. Memória e formação discursiva.....	33
1.1.3. Noção de sujeito em Pêcheux.....	38
1.2 Aproximações teóricas entre Pêcheux e Bakhtin e o discurso de autoajuda.....	45
1.2.1. Dialogismo bakhtiniano.....	50
1.2.2. Noção de sujeito em Bakhtin e a noção de sujeito na autoajuda.....	55

### Capítulo 2 – ANÁLISE DE DISCURSOS NA OBRA *VOCÊ É INSUBSTITUÍVEL*, DE AUGUSTO CURY

2.1. Interdiscursos na literatura de autoajuda.....	59
2.2. “Determine ser alegre, seguro e feliz”: análise do discurso capitalista.....	60
2.3. “Cada ser humano possui um mundo único no palco da sua alma e espírito”: análise do discurso religioso.....	74
2.4. “A lógica numérica jamais compreenderá a lógica da emoção”: análise do discurso científico.....	89

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	105
----------------------------------	-----

ANEXOS.....	109
-------------	-----

## INTRODUÇÃO

### i) *Por que estudar autoajuda*

O presente trabalho diz respeito da pesquisa de mestrado intitulada *Diálogo e interdiscurso na literatura de autoajuda*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*.

Propomos pesquisar e analisar as interdiscursividades constitutivas do discurso de autoajuda presente na obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury (2002), utilizando como proposta teórico-metodológica a relação entre a Análise do Discurso de linha francesa e o pensamento dialógico da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, para pensarmos as construções interdiscursivas que se estabelecem no discurso de autoajuda, considerando suas condições de produção.

No Brasil, uma das literaturas mais vendidas é referente ao gênero autoajuda. De acordo com Furloni (2009), os primeiros livros foram escritos no início do século XX, mas seu auge ocorreu no final deste século, especificamente na década de 90. O grande sucesso desses livros é o uso de fórmulas que fazem com que o leitor acredite que será capaz de realizar e conquistar o que deseja sozinho, como fazer amigos, alcançar um bom emprego, ser bem sucedido financeiramente, conquistar pessoas. Segundo Rüdiger (1996), esse tipo de texto tem grande aceitação devido à crise do homem moderno e de seus valores morais, que o levam a buscar a individualidade em detrimento do social.

A busca pela individualidade também se deve ao capitalismo e ao novo sistema de organização da produção que leva à divisão do trabalho, isso faz com que o ser humano acredite ser capaz de conquistar tudo por si próprio. Dessa forma, o discurso de autoajuda faz com que o indivíduo tenha a esperança de que algum dia alcançará realização, sucesso e felicidade por mérito pessoal. O termo indivíduo colocado nessa

---

<sup>1</sup> Concordamos com o Prefácio de Paula e Stafuzza (2010) quando as autoras situam que a dialogia da linguagem encontra-se na própria produção teórica do Círculo, pois “não podemos falar do Círculo sem mencionar a importância da amizade entre Bakhtin, Volochínov e Medvedev e da relação dialógica de seus escritos teóricos – feitos a quatro ou a seis mãos e, por vezes, por meio de trocas de identidades sob pseudônimos – como forma de resistência à visão totalitária do stalinismo” (PAULA; STAFUZZA, 2010, p. 14). Nesse sentido, tomamos os termos “Círculo de Bakhtin”, ou “pensamento bakhtiniano”, ou ainda, “dialogismo bakhtiniano” como proveniente de um construto teórico dialógico no conjunto da obra do Círculo.

seção refere-se ao ser humano singularizado, diferente do que será explanado *a posteriori*, a partir de Althusser (2003), para explicar o processo de interpelação do indivíduo pela ideologia, transformando-o em sujeito. Apropriando dessa ideia, Pêcheux (2009) concebe o sujeito como uma instância discursiva que se concretiza nos diferentes discursos que circulam na sociedade. Portanto, no discurso de autoajuda o indivíduo é tratado de forma singular e desvinculado dos aspectos sociais, culturais próprios de sua constituição.

Entre os autores brasileiros desse tipo de texto, o escritor Augusto Cury possui um dos acervos mais vendidos no Brasil, composto, por exemplo, pelos livros *Pais brilhantes, professores fascinantes, Você é insubstituível, Inteligência Multifocal, Dez leis para ser feliz*, entre outros.

Augusto Cury é psiquiatra e fundador da Inteligência Multifocal, teoria que busca desvendar o complexo funcionamento da mente humana a fim de orientá-la, controlá-la, numa espécie de domesticação do pensamento segundo as vontades do indivíduo. Portanto, o sujeito enunciador do *corpus* em estudo enuncia de um lugar segundo o qual diz ser possível o domínio dos pensamentos e emoções, desconsiderando a característica da complexidade do ser humano.

No geral, podemos observar que o discurso de autoajuda pode inculcar no leitor a crença de que ele é insubstituível em qualquer circunstância vivenciada, seja no contexto do trabalho, da família, nas relações amorosas etc. Além disso, a ideia transmitida é que o leitor possui capacidade de lutar incondicionalmente para obter sucesso sem o apoio do outro.

O aparato teórico do trabalho são as orientações teórico-metodológicas da Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux (1938-1983) no final dos anos 60, na França. A AD tem como objeto de estudo o discurso, logo, para Pêcheux (1997), o discurso deve ser analisado como um processo e deve ser indagado sobre as condições de sua produção a partir do pressuposto de que se constitui pelo tecido histórico-social.

Para o desenvolvimento da AD, Pêcheux se baseia em três balizas do conhecimento: o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística. Essa base interdisciplinar faz do estudo desse teórico uma inovação no campo das ciências, colaborando para o descentramento do sujeito cartesiano e oferecendo meios para uma “busca dos vestígios da história e da memória no discurso, e a consequente inter-relação

entre a ordem da língua, a ordem da história e a ordem do discurso” (GREGOLIN; BARONAS, 2003, p. 08).

Na AD o sujeito não é analisado individualmente, mas inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórico e ideologicamente marcado. Como afirma Pêcheux (2009, p. 146), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.

Dessa forma, analisar as construções ideológicas presentes num determinado discurso é importante para entendermos suas condições de produção<sup>2</sup>, pois cada palavra tem sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos se inscrevem. Assim, através da análise dessas construções ideológicas é possível perceber a presença de diferentes discursos que se entrelaçam em momentos diferentes, provindos da história e de lugares sociais distintos.

A interdiscursividade presente em cada discurso é percebida por Maingueneau (2006) através da diferenciação entre discursos fundadores e não-fundadores, assinalando, assim, a noção de discurso constituinte. Segundo Maingueneau, (2006, p.43), “o caráter *constituente* de um discurso confere uma autoridade particular a seus enunciados, que são investidos de toda a autoridade conferida por seu estatuto enunciativo”. Diante disso, entendemos por discurso constituinte como aquele discurso que funciona como alicerce para a construção dos demais discursos, por seu valor de verdade, valor esse que lhe é conferido por locutores que se organizam e possibilitam sua retomada através da memória.

De acordo com Maingueneau (2006, p. 34), “os discursos constituintes possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras”. Nesse sentido, esses discursos, além de serem fundantes na constituição de diversos discursos (heteroconstituintes), servem de

---

<sup>2</sup> Concordamos com Stafuzza (2011, p. 15) quando afirma que “(...) podemos questionar “quem fala”, “o quê fala”, “por que fala” e “para quem fala”; o porquê de um dizer ter um determinado lugar na história e não outro; o porquê de um dizer refletir uma dada inscrição ideológica e não outra. Assim, torna-se claro que as condições de produção do discurso referem-se a um processo de formação e transformação do dizer e não a uma força hegemônica a qual o discurso atrela-se e permanece estático”.

base para a constituição de si mesmos (autoconstituintes), sendo que, essa particularidade de caráter legitimador, reflete em seus funcionamentos, dada suas constituições.

Por isso, “os discursos constituintes se definem pela posição que ocupam no interdiscurso, pelo fato de não reconhecerem discursividade para além da sua e de não poderem se autorizar senão por sua própria autoridade” (MAINGUENEAU, 2006, p. 34). Sendo assim, os discursos constituintes são retomados por outros discursos, a fim de validar seus enunciados devido ao aspecto superior pertencente aos discursos constituintes.

O discurso de autoajuda apresenta-se atravessado (e, por isso, constituído) de enunciados que refletem a presença de outros discursos como o religioso, o capitalista, o místico, o político, o psicológico, entre outros. Portanto, a problemática a qual nos propomos pesquisar encontra-se na questão de pesquisa do discurso de autoajuda se valer da apropriação interdiscursiva de outros discursos (capitalista, religioso, científico, místico etc.) como forma de autovalidação de seu próprio dizer. A partir desse apontamento podemos observar como funciona o discurso de autoajuda presente na obra *Você é insubstituível*.

Nesse sentido, a hipótese de pesquisa que pode viabilizar uma reflexão sobre as questões supracitadas é que o enunciador da obra *Você é insubstituível* apropria-se de vários discursos já legitimados socialmente como forma de afirmação do seu próprio discurso.

Como metodologia de trabalho, propomos uma pesquisa descritivo-analítica de caráter interpretativista do discurso de autoajuda presente na obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury, considerando a construção dos interdiscursos presentes na obra. A pesquisa é descritiva, pois iremos descrever como os discursos se constituem no discurso de autoajuda a partir dos enunciados do *corpus* em pesquisa. É analítica, pois propõe relacionar as bases teóricas que refletem sobre interdiscurso e dialogismo no discurso de autoajuda em estudo. E, por fim, a pesquisa é interpretativista por situar o olhar de pesquisador no *corpus*, considerando a relação histórico-social do discurso de autoajuda da obra em questão.

Para a análise, elegemos a noção de sequência discursiva como ferramenta metodológica, a fim de compreendermos as manifestações discursivas dos discursos

capitalista, religioso e científico na composição e constituição do discurso de autoajuda presente na obra em estudo. Essa escolha metodológica é feita a partir de Santos (2004) que entende as sequências discursivas como representantes de

[...] conjuntos de enunciados, recortados do escopo da manifestação em estudo, que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou efeito, e passam a constituir unidades-base de análise de comportamentos subjetudiniais ou de conjunturas sentidurais. (SANTOS, 2004, p. 114).

Diante disso, pretendemos identificar as ocorrências existentes nas sequências discursivas do discurso de autoajuda, a partir da identificação e análise dos discursos capitalista, religioso e científico, considerando o enfoque teórico da perspectiva do interdiscurso e do dialogismo, a fim de percebermos os sentidos que são produzidos na relação desses discursos para a constituição e funcionamento do discurso de autoajuda.

Portanto, a partir dessa apresentação, a respeito do lugar teórico e metodológico que partimos para esse estudo, pretendemos, a seguir, por meio dos autores pioneiros no estudo do discurso de autoajuda, traçar um panorama sobre esse discurso na contemporaneidade.

## *ii) O discurso de autoajuda na contemporaneidade*

Iniciamos essa seção justificando o porquê de estudar o discurso de autoajuda, especificamente os discursos apresentados pelo sujeito enunciativo da obra *Você é insubstituível*, buscando compreender a interdiscursividade que perpassa e constitui esses discursos, bem como a identificação desses discursos com outros discursos que ocorrem de forma dinâmica.

De acordo com Rüdiger (1996), a autoajuda surge no final do século XIX, na Escócia, e se populariza nos Estados Unidos da América ao longo do século XX. Os primeiros trabalhos foram desenvolvidos pelo médico escocês Samuel Smiles em 1859, com o texto *Self-Help* traduzido para o Brasil como *Ajuda-te*. A proposta de Smiles consistia em dar lições de diferentes disciplinas para trabalhadores comuns. Já no final desse mesmo século, as obras estavam sendo desenvolvidas para as questões do

mentalismo, procurando ensinar seus leitores a controlar suas mentes a fim de atingirem o bem estar.

O discurso de autoajuda utiliza fórmulas que podem criar no leitor a crença de que será capaz de realizar e conquistar tudo o que deseja individualmente: como fazer amigos, alcançar o emprego dos sonhos, ser bem sucedido financeiramente, conquistar o amor da sua vida, tornar-se um líder em seus grupos sociais, realizar-se emocionalmente etc. Diante disso, esse tipo de discurso apropria-se de teorias mentalistas com a finalidade de solucionar os problemas das pessoas, pautando no poder e na capacidade de todo ser humano de controlar suas faculdades mentais.

Conforme Cortina (2013), o discurso de autoajuda é um fenômeno na sociedade contemporânea e, apesar de ser ridicularizado no meio acadêmico por ser um produto de consumo de massa, é importante estudá-lo, pois a autoajuda representa uma manifestação cultural, principalmente na sociedade brasileira.

Os livros de autoajuda estão nos topos das pesquisas de revistas, jornais e, de acordo com uma pesquisa realizada por Cortina (2013), entre o período de 1966 a 2004, o número de exemplares que foram lançados no mercado editorial e a procura por esse tipo de texto nas livrarias brasileiras ilustra o fenômeno cultural. Isso não significa dizer que em outros países os textos de autoajuda não são consumidos da mesma maneira que no Brasil, pois, para confirmar essa hipótese demandaria pesquisas para constatar a relevância desses textos em um cenário que englobasse os países que consomem esse tipo de literatura.

Em se tratando da realidade do mercado editorial brasileiro, “a autoajuda é um gênero de discurso segundo a perspectiva da sociedade contemporânea” (CORTINA, 2013, p. 230), principalmente por se tratar de uma manifestação social, cultural e histórica que cada vez mais está sendo propagada e difundida. A perspectiva de Cortina (2013) em nomear os textos de autoajuda como um gênero discursivo<sup>3</sup> é feita a partir de Mikhail Bakhtin (2011), que compreende o gênero através de sua constituição e não propriamente por descrever seus aspectos formais. De acordo com o filósofo russo:

---

<sup>3</sup> A compreensão de gênero por muito tempo referia-se a aspectos formais, principalmente relacionados aos tipos textuais: narrativos, descritivos e argumentativos. Com Bakhtin (2011), alarga-se essa compreensão, inserindo as esferas de atividades humanas como suporte da construção dos gêneros discursivos, levando em consideração os aspectos sociais e históricos.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdos temático, estilo e construção composicional) estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado, e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua engloba seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifos do autor).

Portanto, os gêneros discursivos estabelecem uma relação intrínseca com os enunciados (orais ou escritos), veiculados às diferentes atividades humanas de comunicação social. Por isso, os gêneros são formados por enunciados relativamente estáveis, por pertencerem a uma composição comum, mas que se diferenciam e se ampliam na medida em que a própria esfera de atividade se desenvolve.

De acordo com Bakhtin (2011, p. 262), “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]”, pois para cada esfera da atividade humana o repertório do gênero é integral e, na medida em que essa esfera se desenvolve, o gênero se modifica e se transforma.

Por isso, Bakhtin (2011), no início do seu texto *Os gêneros do discurso*, afirma que é difícil chegar a uma classificação satisfatória dos gêneros discursivos devido ao seu aspecto heterogêneo. No entanto, estabelece uma diferenciação entre gênero do discurso primário (simples) e gênero do discurso secundário (complexo), sendo que, o discurso simples diz respeito a uma comunicação verbal mais espontânea enquanto que o discurso complexo refere-se a uma forma artificial de comunicação.

Bakhtin (2011) acrescenta que os gêneros do discurso primários são aqueles que se “[...] formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2011, p. 263), ou seja, correspondem a enunciados distintos que apresentam características próprias, na medida em que, dependendo da situação que realizam, assumem configuração determinada como, por exemplo, o diálogo cotidiano, a carta pessoal, o bilhete etc. Já os gêneros do discurso secundários surgem nas condições de

um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado, tais como o romance, o teatro, o científico.

A constituição dos gêneros secundários se dá a partir dos gêneros primários, dessa maneira, eles possuem um novo sentido, de acordo com o contexto no qual estão inseridos, de tal forma que uma carta pessoal inserida num romance, por exemplo, estará subordinada às características próprias desse gênero. Segundo Bakhtin (2011), a diferenciação entre esses dois gêneros é extremamente importante, pois estabelece características próprias de cada gênero dando subsídio para um estudo da natureza do enunciado linguístico.

Nessa perspectiva, o estudo do enunciado é importante na compreensão dos discursos. Dentre as características do enunciado, duas estão interligadas à noção de gênero, a primeira diz respeito ao seu caráter dialógico, “no sentido de que o enunciado é o suporte do processo de interação entre os interlocutores [...]. A segunda é a ligação indissolúvel que se estabelece entre o enunciado e o estilo”. (CORTINA, 2013, p. 224).

A primeira característica considera que ambos os enunciados produzidos, tanto pelos gêneros primários quanto pelos gêneros secundários, visam à resposta do outro, ou seja, a uma “compreensão responsiva ativa”. (BAKHTIN, 2011, p. 281). Portanto, o receptor não é passivo, ao contrário, ao ouvir e compreender o enunciado assume uma atitude responsiva, uma vez que ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, transformar, enfim, pode de alguma maneira atuar no processo enunciativo. Aliás, o locutor espera isso mesmo do outro, uma resposta, um retorno, ele atua sobre o outro com o objetivo de convencê-lo, influenciá-lo e obter um posicionamento. Diante dessa constatação, Bakhtin (2011) afirma que todo enunciado é, então, determinado por três fatores: o tratamento do tema, o intuito discursivo e as formas do gênero do acabamento.

O primeiro fator diverge em relação aos diversos campos de atividade humana, pois, enquanto nos gêneros primários o tema é exaustivamente tratado, nos gêneros secundários, por ser da ordem das esferas criativas, a exaustão do tema é relativa e se dá “em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida do autor*” (BAKHTIN, 2011, p. 281, grifos do autor).

O segundo fator refere-se à “intensão *discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2011, p. 281, grifos do autor). Por isso é possível perceber a conclusividade do enunciado, ou seja, somos capazes de compreender quando o outro finalizou seu turno, para que possamos tomar o nosso.

O terceiro e último fator relaciona-se à escolha do gênero discursivo pelo sujeito, “[...] essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 282).

Quanto à segunda característica do enunciado, que diz respeito a sua relação com o estilo, Bakhtin (2011, p. 265) afirma que:

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e as formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual.

De acordo com a concepção bakhtiniana, somente o gênero literário apresenta marcas de individualidade do estilo de quem produz o enunciado, pois os gêneros discursivos que se constituem de maneira mais padronizada, refletem apenas aspectos mais superficiais “tais como maneiras de organização dos enunciados próprios a determinados sujeitos” (CORTINA, 2013, p.225). Na realidade, o que Bakhtin (2011), afirma, segundo Cortina (2013, p. 225), é que “como os textos não literários obedecem a uma forma mais padronizada de estruturação, são menos propícios à variação de estilo”. Por isso, a maioria dos gêneros, exceto os gêneros artístico-literários, são construídos através de enunciados que não precisam refletir um modo próprio de um sujeito enunciadador. Dessa forma, para se “saber o que na manifestação da língua é da ordem do uso corrente ou do indivíduo, torna-se necessário um estudo do enunciado” (CORTINA, 2013, p. 226).

Bakhtin (2011) estabelece uma relação indissolúvel e orgânica entre estilo e gênero ao afirmar que:

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos, e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Portanto, diferentes esferas de comunicação humana propiciam tipos de gêneros, na medida em que o estilo de um gênero se transpõe para outro gênero. Isso significa dizer que não ocorre apenas uma “modificação no estilo, mas também no próprio gênero que, ao incorporá-lo, transforma-se”. (CORTINA, 2013, p. 226).

Diante disso, os gêneros do discurso correspondem a tipos de enunciados os quais possuem características e propriedades comuns, a partir de sua temática, estilo e construção composicional, que se materializam nas esferas de atividades humanas e, portanto, sociais. De acordo com Fiorin (2006, *apud* CORTINA, 2013, p. 221), o conteúdo temático, “não é um assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero”, já o estilo “é uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa” e a construção composicional refere-se ao “modo de organizar o texto, de estruturá-lo”.

Por isso, os gêneros são produzidos e reformulados continuamente, nenhum texto é idêntico ao outro, cada sujeito autor imprime, nos enunciados, as suas captações, que resultam de seu percurso histórico de interação da produção com a interlocução.

Ao entrar em contato com um texto, partindo dessa concepção bakhtiniana de gênero, vários aspectos são observados, primeiramente a manifestação discursiva, enquanto materialidade linguística, bem como os aspectos sócioideológicos os quais são impressos nos enunciados que compõem o produto discursivo. Nessa perspectiva, os aspectos gramaticais, fonéticas e lexicais não são suficientes para a compreensão do sentido do texto, ou seja, é necessário ultrapassar os aspectos formais constitutivos da língua, razão pela qual Bakhtin propõe uma disciplina que deve ir além da linguística, a qual denomina de metalinguística.

Essa proposta de Bakhtin abarca compreender o texto a partir de seu “caráter material, a língua, e seu caráter imaterial, o discurso. No primeiro caso, temos a determinação do significado, no segundo, a do sentido” (CORTINA, 2013, p. 221). É na relação entre língua e discurso, significado e sentido, que identificamos traços e manifestações discursivas sociais, ideológicas, culturais, políticas e econômicas. Portanto, na compreensão dos discursos, o caráter dialógico é imprescindível para análise do discurso, pois os enunciados se constroem a partir do embate de vozes que se manifestam por pontos de vistas específicos de acordo com dados da realidade construídos pela linguagem.

Nesse sentido, ao produzir um discurso, manifesta-se um “princípio pluridiscursivo, pois sua constituição se dá por uma tomada de posição relativa a um determinado tema ou conceito que se contrapõe à visão de outros que dele trataram ou que dele tratarão”. (CORTINA, 2013, p. 222). Dessa forma, o aspecto dialógico é o princípio constitutivo do discurso, por isso, a manifestação dos sentidos é por meio da linguagem, e esses são construídos na apreensão da realidade de forma heterogênea e inacabada.

As contribuições de Bakhtin no entendimento sobre as características do gênero do discurso são relevantes para pensarmos o discurso de autoajuda, como um gênero discursivo da contemporaneidade. Ainda de acordo com Cortina (2013), o discurso de autoajuda é marcado por um estilo particular, e seu horizonte se expande de tal forma que “acaba constituindo um “estilo de autoajuda”, ultrapassando as dimensões do formato tradicional do gênero autoajuda.” (CORTINA, 2013, p. 231).

Sob o olhar dos aspectos que compõem o gênero: conteúdo temático, estilo e construção composicional, Cortina (2013), examina o discurso da autoajuda pelo conteúdo temático da seguinte forma:

Do ponto de vista do conteúdo temático, pode-se dizer que esse tipo de texto é aquele que propõe mostrar ao sujeito leitor como adquirir um saber para ajudar a si próprio, isto é, um texto de autoajuda é sempre aquele que tem o propósito de levar alguém a aprender a cuidar de si. Nesse sentido, portanto, pode-se identificar que o conteúdo temático próprio de todo discurso dito de autoajuda é a característica do “auto-conhecimento”. (CORTINA, 2013, p. 231, grifos do autor).

O autoconhecimento é a premissa balizar do discurso de autoajuda, é preciso que o sujeito se conheça e também aprenda a dominar seus sentimentos e emoções. Nesse sentido, por meio dos manuais de autoajuda, são apresentadas técnicas ao sujeito leitor que visam o ideal de manipulação das aptidões individuais e qualidades interiores que devem ser desenvolvidas com o objetivo de conquistar tudo que se deseja: amigos, emprego, amor, felicidade.

A autorrealização é consequência desse processo de modelar-se aos costumes da modernidade, sendo flexível, comunicativo, confiante em si mesmo, seguro; no mundo contemporâneo da autoajuda, não há lugar para as fraquezas, inseguranças, desmotivações, medos, pelo contrário, os indivíduos são seguros, autossuficientes, extraordinários, eficientes, realizados, amados, felizes.

O discurso de autoajuda, de acordo com Cortina (2011, p. 141),

Apresenta uma construção composicional que lhe é peculiar, qual seja, uma estruturação na forma do discurso programador, da receita, embora haja uma certa mobilidade nessa estrutura, que permite a alguns textos uma organização peculiar desse modo de composição.

Assim, muitos textos de autoajuda possuem formato de manual, composto por uma série de explicações, de conselhos, de exercícios, de relatos de experiência, de depoimentos etc.

Segundo Cortina (2013), os textos de autoajuda são perpassados tanto pelos gêneros primários, na medida em que “transpõem para o enunciado a constituição do diálogo, quando o enunciador se projeta no enunciado na forma de um interlocutor que se dirige a um enunciatário, o interlocutário, com quem simula uma conversa” (CORTINA, 2013, p. 233), quanto pelo gênero secundário, “pois se organizam a partir da reconstituição de uma cena enunciativa em que o código linguístico não é utilizado para reproduzir uma situação de diálogo entre interlocutores”. (CORTINA, 2013, p. 246).

Dentre os vinte e três livros de autoajuda analisados por Cortina (2013, p. 252), “a linguagem simples e coloquial está presente tanto nos textos que classifiquei como pertencentes ao gênero primário proposto por Bakhtin, quanto na maioria dos textos que classifiquei como pertencentes ao gênero secundário”. Por isso, a preocupação primordial dos textos de autoajuda é a proximidade com o leitor por meio

da simplicidade e do coloquialismo languageiro, a fim de atingir maior número de leitores.

O estilo do texto de autoajuda é composto por um enunciador que assume uma postura íntima, próxima, particular de relação entre os sujeitos do discurso. Nesse tipo de texto o interlocutor é nomeado (caro leitor, meu amigo etc.) e constantemente referido. Conforme Cortina (2011, p. 140, grifos do autor),

[...] o enunciador sempre se dirige diretamente a seu leitor para com ele estabelecer o contato da troca de conhecimento. O leitor de autoajuda é um ser concretizado pelo texto; ao mesmo tempo em que é uma pessoa que está lendo o livro, é um ser único com que o autor conversa. Essa estratégia, que consiste em fazer com que o leitor se sinta o real interlocutor do dizer, é importante para a produção do efeito terapêutico. Linguisticamente, a forma de manifestação do enunciador é a primeira pessoa, quer se concretize no pronome ou na desinência verbal, e a do interlocutor é a segunda pessoa, majoritadamente representada pela forma “você” ou, no plural, “vocês”.

Portanto, na perspectiva bakhtiniana de gênero, de acordo com o estudo realizado por Cortina (2013), os textos de autoajuda se constituem como gênero discursivo, por ter um conteúdo temático pautado na autorealização, e na afirmação da individualidade. Apresenta também uma construção composicional muito particular, de mobilidade de estrutura e, por fim, assume um estilo muito familiar e informal com o interlocutor.

Segundo Rüdiger (1996), os textos que compõem o gênero autoajuda estão divididos em duas categorias:

[...] a primeira, os livros que ensinam a desenvolver capacidades objetivas, como conseguir sucesso nos negócios, comunicar-se com as pessoas, conservar o marido; segunda, os livros que ensinam a desenvolver capacidades subjetivas, como estimar a si mesmo, saber envelhecer, vencer a depressão ou viver em plenitude. (RÜDIGER, 1996, p. 18).

Dessa maneira, através de uma diversidade de temas que visam a autorealização, os textos de autoajuda buscam atingir todos os campos da vida humana. Por isso, os textos desse gênero possuem uma diversidade de assuntos que envolvem temas como religiosidade, trabalho, relações interpessoais, entre outros.

No estudo realizado por Cortina (2013), nos vinte e três livros analisados, o pesquisador identificou grupos de obras que elegiam um tema dominante na

constituição do discurso de autoajuda, os temas foram: positividade (os livros com esse tema buscam valorizar os aspectos positivos de si e do mundo); misticismo e esoterismo (crença nas forças espirituais, seres mágicos, amuletos etc.); sexualidade (textos com esse tema buscam tratar aspectos da sexualidade humana como maneira de atingir a felicidade); administração (textos que focam no sucesso profissional); estética (textos que apresentam a felicidade por meio de um corpo saudável e adaptado aos padrões de beleza dominante); crença (textos que reafirmam os dogmas da igreja católica); feminilidade (foco nos aspectos ligados à conquista da mulher, desvinculando da figura masculina).

No texto de Augusto Cury, *Você é insubstituível*, o gênero que predomina na composição da obra é o gênero primário: o enunciador estabelece um diálogo com o leitor através de expressões cotidianas e se dirige ao leitor por “você”. O tema que perpassa a obra refere-se à positividade, direcionando o leitor a buscar dentro si aspectos positivos a fim de enfrentar e resolver seus conflitos.

Em relação às categorias propostas por Rüdiger o *corpus* refere-se à segunda categoria, pois as composições enunciativas do texto propõem ao leitor a valorização de si mesmo, o cultivo de pensamentos positivos e a busca por manter-se bem consigo e com os outros.

Podemos verificar, sob essa perspectiva do discurso de autoajuda como um manual de relações pessoal e interpessoal, que o sujeito enunciador da autoajuda utiliza de enunciados que anunciam que o

[...] indivíduo é o responsável pelo próprio destino, pois tem o poder, a capacidade de atrair as coisas boas ou ruins de acordo com a atitude mental e que, portanto, também tem o poder de mudar os aspectos da vida com os quais não está satisfeito. (BRUNELLI, 2004, p. 26).

Essa postura enunciativa de controle total da vida humana através do poder de decisão dos acontecimentos cotidianos pode incutir no leitor a ideia de que suas atitudes e seus comportamentos são regidos unicamente por suas decisões individuais. Destituindo, assim, as responsabilidades que são de caráter social, cultural, ideológico, histórico, político e econômico, a simplesmente questões do indivíduo, como se o êxito ou o fracasso no trabalho, na vida amorosa, na profissão, dependesse simplesmente do sujeito.

Uma característica peculiar do discurso de autoajuda é que o sujeito enunciador desse discurso é marcado por uma postura segura, esclarecida, inteligente: ele se coloca como um especialista, um detentor do conhecimento. Dessa forma, é através dos enunciados afirmativos e informativos, provindos desse sujeito enunciador seguro e autoconfiante que o leitor poderá transformar sua vida. Por isso, Furloni (2009, p. 80) diz que, “ao criar um sujeito-enunciador seguro, o discurso de autoajuda deixa transparecer um destinatário sem rumo, desorientado, que precisa de alguém que o aconselhe e o ajude a encontrar seu caminho”.

Outro aspecto relevante do discurso de autoajuda é a proposta do pensamento positivo: é preciso abominar da mente qualquer formulação negativa. Nessa concepção, é necessário dizer “as palavras com clareza e objetividade para que o cérebro as compreenda, evitando expressões de dúvida e negação” (FURLONI, 2009, p. 81). Caso o sujeito não exerça essa atividade, atrairá para si o que não deseja.

Essas práticas de domínio do pensamento são veiculadas pela crença do poder da mente. As correntes mentalistas e espirituais utilizam do recurso da força do pensamento, com o intuito de solucionar os “problemas que enfrentamos na vida originam-se dentro de nós são provocados por desequilíbrios espirituais, que, todavia, podem ser solucionados através do recurso a diferentes exercícios de mentalização” (RÜDIGER, 1996, p. 19).

A concepção do discurso de autoajuda, de que é por meio da busca interior que se encontra o equilíbrio e referência para uma vida feliz, ancora-se na percepção de que há uma grande crise, que afeta principalmente as profissões consideradas de “ajuda” como a medicina, psicologia, psiquiatria, magistério, religião, entre outras, e que a solução dos problemas não está no exterior, mas sim, nas forças interiores. Por isso,

[...] propõem eles a descoberta de forças, principalmente interiores, capazes de melhor servir às necessidades humanas sem recurso a “terceiros”, ao menos humanos, exceção feita precisamente aos membros da comunidade mais ampla de autoajuda – real ou virtual. Esses livros influenciam e/ou tentam influenciar todos os campos da atividade humana, podendo mesmo ser considerados manifestações de uma dada concepção de “natureza humana” e do “bem-agir” no mundo. (SOBRAL, 2006, p. 40, grifos do autor).

O denominador que resume todas as práticas proposta pela autoajuda, como afirma Rüdiger (1996, p. 17), “é o individualismo, segundo o qual o indivíduo precisa

procurar dentro de si os recursos necessários para resolver suas dificuldades”. Apesar dos problemas e sofrimentos terem origem nos fatores sociais, são tratados como de maneira pessoal e desvinculados da sociedade.

Diante da relevância do discurso da autoajuda, como um dos fenômenos culturais em vigência na sociedade brasileira, procuramos a partir da análise das sequências discursivas da obra *Você é insubstituível*, dialogar com as relações interdiscursivas a partir das concepções de interdiscurso em Pêcheux (1997; 2009), e dialogismo em Bakhtin (1981; 2006).

No primeiro capítulo da dissertação, expomos a fundamentação teórica utilizada nesse estudo. Nesse capítulo, fundamentamos a dissertação na relação de diálogo teórico entre a Análise do Discurso de linha francesa (AD), principalmente os postulados de Michel Pêcheux sobre discurso, memória discursiva, sujeito e interdiscurso e os postulados do pensamento do Círculo bakhtiniano a respeito de discurso, sujeito e dialogismo. Ainda, no primeiro capítulo, apresentamos confluências teóricas entre Pêcheux e Bakhtin, demonstrando, assim, o caráter dialógico do discurso nas relações teóricas que aproximam esses dois teóricos.

O segundo capítulo destina-se às análises das sequências discursivas retiradas do *corpus* em questão, considerando o arsenal teórico para demonstrar como as interdiscursividades funcionam no discurso de autoajuda. Elegemos para essa análise as construções interdiscursivas, em que os discursos a serem estudados são o capitalista, o religioso e o científico, por tais discursos configurarem-se como discursos constituintes da autoajuda.

Nas considerações finais, produzimos uma reflexão a respeito da proposta de investigação, como também dos objetivos e hipótese que direcionaram a pesquisa *Diálogos e interdiscursos na literatura de autoajuda*, apresentando os diálogos que emergiram da relação entre o arsenal teórico, o *corpus* e analista.

## Capítulo I

### DIÁLOGOS ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E O CÍRCULO DE BAKHTIN

#### 1.1. Algumas noções da Análise do Discurso Francesa para pensar o discurso de autoajuda

O presente estudo tem o objetivo de analisar a interdiscursividade presente na literatura de autoajuda e fundamenta-se teoricamente na relação entre a Análise do discurso (AD) de linha francesa e o pensamento dialógico do Círculo de Bakhtin. A escolha desse campo teórico se deve pelos apontamentos que o campo aborda, como as questões de linguagem como produto social, histórico, político e ideológico, o que justifica também trabalhá-la enquanto ferramenta, para análise dos diferentes discursos que constituem o discurso de autoajuda.

A AD fundada por Pêcheux é perpassada por um percurso histórico marcado por três momentos: i) no 1º momento (1969-1975) a área vincula-se estreitamente à teoria estruturalista da maquinaria estrutural; ii) no 2º momento (1975-1980) caracteriza-se pelo dispositivo analítico da maquinaria-discursivo-estrutural; iii) o 3º momento (1980) orienta-se pela desconstrução das maquinarias discursivas e abertura para a percepção discursiva<sup>4</sup>.

Inicialmente, a AD é marcada pela análise automática do discurso, cuja proposta era “[...] reunir um conjunto de traços discursivos empíricos fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva” (PÊCHEUX, 1997b, p. 312). Dessa forma, a análise linguística é feita de modo rígido e fixo, composta por enunciados fechados que se relacionam entre si pela justaposição, sendo passíveis de serem analisados por uma máquina lógico-semântica, em que o outro subordina-se ao mesmo, isto é, “o outro da alteridade

---

<sup>4</sup> Utilizamos como base o texto de PÊCHEUX, Michel. “A análise do discurso: três épocas”. In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997, 3. ed., p. 311-319.

discursiva empírica” é reduzido ao mesmo e o “outro da alteridade estrutural só é de fato, uma diferença incomensurável entre máquinas” (PÊCHEUX, 1997b, p. 313).

No segundo momento, há uma reconfiguração do campo teórico, quando Pêcheux desloca o conceito de formação discursiva (FD) de Michel Foucault para desenvolver o conceito de formação ideológica (FI). Segundo Pêcheux (1997, p. 166) “[...] as formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas [...]” desse modo, “[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX, 1997, p. 166 grifos do autor). Por isso, “[...] é impossível identificar ideologia e discurso [...] mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica” (PÊCHEUX, 1997, p. 166).

Portanto, as formações ideológicas comportam uma ou várias formações discursivas que estão interligadas determinando o que pode e deve ser dito a partir da conjuntura ideológica, ou seja, toda formação discursiva resulta das condições de produção específicas. Essa posição começa

[...] a fazer explodir a noção e máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu exterior: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de “preconstruídos” e de discursos transversos”). (PÊCHEUX, 1997b, p. 314).

Nessa fase, Pêcheux dirige o olhar para o interior da própria teoria. Percebe-se que a máquina estrutural não é fechada e sim perpassada por questões exteriores. No entanto, é no terceiro momento que a teoria se configura como um campo epistêmico da relação entre a linguística e a teoria do discurso. Por isso, o arsenal teórico da AD pechetiana é perpassado pela Linguística, pela Psicanálise e pelo Materialismo Histórico.

Sob a perspectiva desse tripé teórico, Pêcheux formula sua teoria que nasce do posicionamento de interface (a AD só existe como área no diálogo com outras áreas do conhecimento), compreendendo a relação entre língua e discurso, seus embates,

confrontos, convergências. Ao construir um campo epistemológico que investiga a linguagem não somente enquanto estrutura semântica, fonética e lexical, Pêcheux inaugura uma metodologia de análise que articula língua, discurso, sujeito e história. Por isso, tomamos a AD, por se tratar de uma prática discursiva que tem como alicerce a ideologia e a história, pois daí, emanam aspectos de caráter filosófico, político, psicológico e sócio-cultural.

Uma vez que tomamos o discurso de autoajuda como uma enunciação fundamentada na prática social, vinculada a uma ideologia, a uma inscrição histórica, essa manifestação discursiva funciona como indício, ou seja, apresenta traços que remetem a outros discursos já cristalizados (discurso religioso, discurso científico). Portanto, instaura-se o embate contraditório entre práticas discursivas, como no caso do discurso capitalista e do discurso religioso atuarem em uma mesma instância discursiva, aqui, no discurso de autoajuda em estudo. Portanto, a rede conceitual da AD favorece a compreensão a respeito do funcionamento discursivo da autoajuda enquanto prática político-ideológica presente nos enunciados da obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury (2002).

Ao considerar o tema da interdiscursividade no discurso de autoajuda, focamos, no próximo item, na concepção pechetiana de discurso através das reflexões sobre os conceitos de interdiscurso, memória discursiva, formação discursiva e concepção de sujeito. As discussões a respeito dessas noções teóricas se imbricam, de modo que podemos observar que os conceitos interligam-se nas análises de discursividades.

### **1.1.1 Interdiscurso**

A noção de interdiscurso pechetiana é interligada aos conceitos de discurso, ideologia, memória discursiva, formação discursiva e sujeito. Embora façamos uma discussão sobre memória discursiva, formação discursiva e concepção de sujeito posteriormente, *a priori*, apresentamos como esses conceitos se articulam e se interrelacionam com o interdiscurso.

Na AD, a ideologia é um dos elementos fundamentais para analisarmos as várias vozes que perpassam o discurso. De acordo com Pêcheux (2009), não é apenas

pelo fator ideológico que se dá a reprodução/transformação das relações de produção, mas também pelos fatores econômicos. Essa premissa já havia sido levantada por Althusser, e reforçada por Pêcheux que leva em consideração a luta de classe, “pois ela atravessa o modo de produção, e não se instaura em apenas um dos lados” (FURLONI, 2009, p. 121).

Os fatores ideológicos que perpassam determinados lugares como a religião, o saber, a política se materializam nos aparelhos ideológicos institucionais: a escola, a família, a religião, a justiça, a moral (conforme as considerações de Althusser em *Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)*). É através desses aparelhos que a ideologia se faz dominante e reproduz as relações de produção existentes. Porém, os AIE não são “máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes” (PÊCHEUX, 2009, p. 131), os AIE são, ao mesmo tempo, e de forma contraditória, “o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações” (PÊCHEUX, 2009, p. 131).

O sujeito nessa concepção é constituído pela ideologia e pelo inconsciente. Tanto a ideologia quanto o inconsciente dissimulam essa existência, levando o sujeito a acreditar que ele se constitui por si só e em si mesmo. Dessa forma, o sujeito não é formado por ele mesmo, mas a partir de uma ideologia, como afirma Althusser (2003), o indivíduo se torna sujeito quando interpelado pela ideologia. O sujeito acha que tem a liberdade de sujeito-falante, porém, esse sujeito-falante se constitui a partir da formação discursiva que o atravessa, a qual é carregada de ideologia.

Diante disso, o sujeito acredita que é unicamente dono de si mesmo, de seu dizer, de suas escolhas, esquecendo-se que de é constituído pelo social. A tomada de consciência do sujeito se dá através do outro, ou seja, é por meio da interação social com o outro, mediada pela linguagem, que o sujeito se reconhece enquanto sujeito. Bakhtin (2011), no texto *Estética da criação verbal*, afirma que

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto, e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, uma função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando

nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. (BAKHTIN, 2011, p. 21).

O outro é, ao mesmo tempo, constitutivo do sujeito e fundamentalmente diferente em relação a ele, ou seja, a pluralidade de sujeitos encontra seu sentido não numa multiplicação quantitativa de “eus”, mas naquilo em que cada um é complemento do outro. Como afirma Bakhtin (2011, p. 14), “ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos [...]”.

Dessa forma, a relação do sujeito com o outro não ocorre de maneira contingente (podendo não existir), mas ao contrário, essa relação é indispensável para que o ser humano se constitua num todo. De acordo com Henry (1997, p. 30 grifos do autor) “[...] a evidência de que eu e você somos sujeitos – e que este fato não constitui nenhum problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”, é elementar, pois, “quer dizer precisamente que tal “efeito” não é consequência de alguma coisa. Nada se torna um sujeito, mas aquele que é “chamado” é sempre já-sujeito”.

Nesse sentido, a ideologia se instaura por e para os sujeitos, em outras palavras, “todo sujeito humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito” (HENRY, 1997, p. 30). Desse modo, o processo de constituição do sujeito pelo social (outro) é perpassado por diferentes inscrições ideológicas que se assemelham e divergem-se, num cenário de conflito e tensão. Tendo na materialidade dos discursos a construção, transformação, reformulação dos embates ideológicos.

Pêcheux (2009) tem uma posição a respeito das formações ideológicas, as quais ele denomina de formação discursiva (FD). A FD resulta da combinação de diferentes discursos, o que, na AD, denomina de interdiscurso. Esses discursos que perpassam o discurso são enunciados apreendidos pela materialidade linguística que se constituem de acontecimentos e ideologias, marcados na história, que se transformam e se modificam no espaço social. Pêcheux afirma que

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais. (PECHEUX, 1997b, p. 314).

Assim, uma formação discursiva é heterogênea, isto é, sempre constituída por diferentes discursos diante de um mesmo tema, gerando conflitos e tensões mediante aos diversos posicionamentos com os quais os sujeitos concordam ou divergem.

O conceito de interdiscurso aparece pela primeira vez na segunda fase da AD, na desconstrução que Pêcheux faz das maquinarias estruturais discursivas pela abertura para a presença do discurso do outro, ou seja, do interdiscurso. A compreensão de interdiscurso nesse momento é feita por meio da presença de diferentes discursos que perpassam as formações discursivas.

Já na terceira fase da AD, são tematizadas formas linguístico-discursivas do “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro [...] mas também e sobretudo a insistência de um ‘além’ interdiscursivo” (PÊCHEUX, 1997b, p. 316-317).

No texto *Semântica e discurso*, Pêcheux (2009) apresenta o interdiscurso como um “todo complexo dominante” das formações discursivas (FD), esclarecendo que também ele é submetido à “lei de desigualdade-contradição subordinação” que, como explica, caracteriza o “complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Diremos, portanto, que a FD é o espaço de constituição dos sentidos subordinada ao interdiscurso, tendo a função de “dissimular na transparência do sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso” (PÊCHEUX, 2009, p. 148). Diante disso, “‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar independentemente’” (PÊCHEUX, 2009, p. 149, grifos do autor), ou seja, todo dizer remete a um já-dito composto por formações ideológicas.

Por fazer parte de um lugar e em uma época específica é que uma FD “*determina o que pode e deve ser dito* [...]” (PÊCHEUX, 2009, p. 147, grifos do autor). Por isso que cada enunciado refere-se ao que se pode dizer somente em uma determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas.

Do mesmo modo, os dizeres enunciados sofrem mudanças na sua formação, podendo ser transformados e seus sentidos alcançar outros significados. Em toda FD os sentidos parecem evidentes, e isso se dá justamente devido à identificação do sujeito com estas formações discursivas. É na relação do sujeito com os sentidos que a FD

dissimula sua dependência ao interdiscurso, visto que as formações discursivas se encontram imbricadas nas formações ideológicas.

A respeito da manifestação e composição do interdiscurso, Pêcheux o apresenta através dos elementos de pré-construído e articulação, é por essas duas instâncias que o interdiscurso se estrutura e se configura nos discursos.

De acordo com Pêcheux, o

[...] “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. (PÊCHEUX, 2009, p. 151, grifos do autor).

Assim, o pré-construído impõe sobre a forma de universal a realidade e o sentido, fazendo com que o sujeito tenha a ilusão de que é agente de suas palavras. Já na articulação percebemos como o sujeito lida com o sentido, uma mesma palavra é composta por diferentes sentidos, o que determina cada um deles é a inscrição dessa palavra numa dada FD, ou seja, ao substituir uma palavra por outra, a substituição altera o sentido que o sujeito pretende produzir.

A essas substituições Pêcheux denomina de discurso transverso, o qual mantém relação direta com a articulação, sendo que esta “provém da linearização do discurso-transverso no eixo do que designamos pela expressão *intradiscurso*” (PÊCHEUX, 2009, p. 153, grifos do autor). O funcionamento da articulação se dá pelo discurso transverso que atravessa o discurso do sujeito e detecta as formulações discursivas do pré-construído dando indicativos da formação discursiva pela qual o sujeito enunciador se constitui.

Diante disso, o intradiscurso, segundo Pêcheux (2009, p. 153), “é o funcionamento do discurso com relação a si mesmo”, ou seja, é a parte interior do interdiscurso, o fio que conduz o discurso, sendo essa interioridade determinada pela exterioridade. Portanto, podemos afirmar que a forma-sujeito dissimula o interdiscurso no intradiscurso, transparecendo ao sujeito a ilusão de autonomia, de identificação consigo mesmo. Desse modo, o “interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência”. (PÊCHEUX, 2009, p. 154, grifos do autor).

Sendo assim, o interdiscurso determina a identificação ou a não identificação do sujeito com a formação discursiva. A escolha de uma palavra é feita pelos elementos de substituição como a paráfrase, processos de reformulação veiculados aos sentidos de acordo com a formação discursiva. Diante disso, podemos afirmar que é a formação discursiva que dá a ilusão de verdade no interior da forma-sujeito.

No *corpus* de análise (a obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury) do presente estudo, encontramos a presença de diversos discursos como o capitalista, o religioso, o científico, o místico, porém, não tomamos esses discursos de maneira isolada nomeando-os como uma FD (FD religiosa, FD científica entre outras), mas como uma FD onde os limites são opacos, sendo transpassada por outras FDs que convergem ou divergem em suas formulações. Essas vozes que compõem o discurso de autoajuda estão em funcionamento simultaneamente e se reformulam o tempo todo, através da inscrição de novos elementos ou pela transformação de outros.

### **1.1.2 Memória e formação discursiva**

Como já mencionamos, na AD francesa os conceitos epistemológicos encontram-se relacionados uns aos outros. Dessa forma, ao refletir a respeito do interdiscurso trabalhamos com as noções de formação discursiva, sujeito, ideologia; nessa seção retomaremos esses conceitos a partir dos elementos que compõem a memória discursiva em relação à formação discursiva.

Na compreensão do interdiscurso, a memória é parte fundante na produção dos discursos bem como na cristalização dos dizeres. Assim, a interdiscursividade deve ser entendida pelas redes de memórias que produzem sentidos em um dado momento histórico, pois

[...] o discurso não é um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço. (PÉCHEUX, 2002, p. 56).

A memória discursiva refere-se a um processo discursivo histórico que remete a algo pré-existente, ou seja, é algo que fala sempre, antes, em outro lugar. Dessa maneira, a memória discursiva é fruto de um movimento histórico, que resulta da interpretação de acontecimentos do presente e do passado, pois, através das formulações discursivas produzidas no interdiscurso é tomada pelo sujeito como sendo suas palavras. Por isso, Pêcheux (1997a) faz uma crítica à corrente fenomenológica por conceber a memória somente pela apreensão perceptiva, e afirma que:

Por oposição à tese “fenomenológica” que colocaria a apreensão perceptiva do referente, do outro e de si mesmo como condição pré-discursiva do discurso, supomos que a percepção é sempre atravessada pelo “já ouvido” e o “já dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas [...]. (PÊCHEUX, 1997a, p. 86, grifos do autor).

Nesse cenário, a memória se difere de uma memória cognitiva pessoal. Aqui, trata-se da memória construída socialmente, historicamente e coletivamente a fim de produzir condições necessárias para um funcionamento discursivo. Assim, é pelas redes de memória que são possíveis as retomadas de materialidades discursivas do passado, atualizando para um contexto histórico atual.

É na apropriação da memória (já dada) que o sujeito se manifesta de diversas formas em diferentes discursos. Ao definir a memória discursiva, Pêcheux afirma que:

A memória discursiva seria aquilo que, diante de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2007, p. 52, grifos do autor).

A função da memória não é somente de repetição e reprodução do já-dito, mas um campo de confronto entre reforçar os discursos estabilizados e de regulamentação dos deslocamentos que ela veicula. Os discursos estabilizados são discursos institucionalizados que possuem “autoridade” para enunciar como, por exemplo, os discursos religioso, jurídico, científico etc. Quando esses discursos institucionalizados são empregados num outro tipo de discurso, por exemplo, o discurso religioso utilizado pelo discurso jurídico, ocorre um deslocamento na produção e

constituição do sentido desses discursos. Esse processo de manutenção e deslocamento dos discursos é realizado por meio da memória discursiva.

A compreensão da memória, segundo Pêcheux (2007), não se refere a um reservatório que acumula conteúdos de forma homogênea, mas deve ser pensada como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2007, p. 56). Assim, a AD preconiza a memória como fundante nas formações discursivas, concebendo à como movimento e não como algo fixo, fechado, acabado. De outro modo, a memória é tomada como flexível, contraditória na produção das discursividades, pois é por meio da memória que o sujeito pode remeter-se sempre a algo exterior, ou seja, ao real histórico.

É exatamente por comportar formulações já enunciadas que a memória discursiva admite no interdiscurso, “a manifestação, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente” (FRANÇA, 2009, p. 50). Dessa maneira, os sentidos se estabelecem de acordo com os discursos que se inscrevem na língua e na história, sendo a memória a instância que dá sentido aos dizeres. Sob a regência do interdiscurso, a memória discursiva emerge a possibilidade de uma formação discursiva produzir e veicular discursos, ou seja, é através da memória que há um reforço ou apagamento de dizeres que pertencem a determinadas formações discursivas.

Pêcheux (2009) apresenta a dependência do sentido ao interdiscurso através de duas teses: a primeira apresenta os significados das palavras não pertencentes somente à composição estrutural da palavra, mas determinado pelas formações ideológicas em que elas se inscrevem, ou seja, “sustentaremos a ideia de que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2011, p. 72, grifos do autor) a partir de uma dada posição social e uma dada conjuntura.

Importante ressaltar que essa tese pechetiana a respeito do sentido interligado ao interdiscurso por meio das formulações ideológicas, não se trata somente de investigar a natureza das palavras empregadas, “[...] *mas também e sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão” (PÊCHEUX, 2011, p. 73,

grifos do autor). Diante disso, o sentido de uma palavra se modifica “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...], isto é, “as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva para outra” (PÊCHEUX, 2011, p. 73, grifos do autor).

Nesse contexto, Pêcheux reformula o conceito focaultiano de formação discursiva e afirma que

[...] chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 2009, p. 147, grifos do autor).

Desse modo, os elementos sociais, culturais, econômicos e políticos de um contexto, configuram a composição das formações discursivas em consonância com o tempo histórico. Por isso Pêcheux considera que, ao falar de

[..] uma formação social, poderemos falar de uma “formação ideológica” para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um dado momento; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX, 2011, p. 73, grifos do autor).

A compreensão de Pêcheux a respeito da formação discursiva é em relação à ideologia e a luta de classes. Essa posição pechetiana reconfigura o conceito focaultiano de FD. Para Foucault, as formações discursivas são tratadas como um conjunto de enunciados que não são apenas elementos linguísticos, mas são subordinados a uma regularidade e dispersão sob o mecanismo de saber e poder. Ao invés de ideologia, Foucault trabalha com a constituição de saberes/poderes que não necessariamente passariam pelas classes sociais.

Na perspectiva pechetiana, os “sentidos” produzidos pelos enunciados que emergem de determinada FD vão ao encontro com a tomada de posição dos sujeitos. Assim, ao determinar “o que pode ser dito” a formação discursiva confere “sentidos” às palavras e, ainda, faz com que o sujeito acredite que o dizer é seu, ou seja, o sujeito acredita ser dono de seu “discurso”.

Portanto, o sentido de uma palavra parece evidente, na medida em que o sujeito se inscreve numa FD e compartilha de seus significados. Dependendo da FD a palavra produz diferentes sentidos ou um mesmo sentido atribuído a diversas palavras no interior de uma FD. Para Pêcheux, esse processo discursivo é um “sistema de relações de substituição, paráfrase, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada” (PÊCHEUX, 2009, p. 148, grifos do autor).

Na segunda tese, Pêcheux afirma que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas definido mais acima” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Apesar de serem diferentes e contraditórias, as formações discursivas se unem na dependência (dissimulada) ao “todo complexo dominante”, ou seja, no interdiscurso.

Toda formação discursiva é constituída e subordinada pelo interdiscurso, pois, de acordo com Pêcheux (2009, p. 149), “algo fala, sempre antes, em outro lugar e independente”, sob a dominação das formações ideológicas. Sendo assim, “o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos ‘em plena liberdade’” (PÊCHEUX, 2009, p. 199, grifos do autor).

Nessa perspectiva, a inscrição do sujeito em uma dada FD é determinada pelo interdiscurso, e os sentidos dos enunciados e das palavras serão tomados como “fixos” e verdadeiros. Portanto, a função da FD é inculcar no sujeito a ilusão de verdade, mas ao mesmo tempo manter-se aberta para a interferência dos diversos discursos que se reafirmam, modificam e se transformam continuamente.

A noção de memória discursiva e formação discursiva participam efetivamente na construção e manutenção dos sentidos. Com vimos, é por meio dessas instâncias sob a dominação do interdiscurso, que o sujeito se vê dono de seus dizeres e dono de suas palavras tendo a ilusão de autonomia e liberdade.

Em *Você é insubstituível* percebemos a retomada do sujeito enunciator de alguns acontecimentos que marcaram o percurso histórico da humanidade – invenção da roda; chegada ao topo do Everest; romance literário de Willian Shakespeare, *Romeu e Julieta*; referências bíblicas – esses eventos discursivos fazem parte da memória social,

ao serem retomados servem como artifício de argumentação e sustentação dos discursos capitalista, científico e religioso que se apresentam no discurso de autoajuda da obra em estudo.

### 1.1.3 Noção de sujeito em Pêcheux

A AD é um campo teórico que se constitui no entremeio da Linguística, da História e da Psicanálise. Conforme já dissemos anteriormente, esse caráter interdisciplinar faz do campo de estudos de discursos uma arena de diálogo com diversas outras áreas e teóricos que colaboram para a compreensão dos funcionamentos discursivos e, conseqüentemente, dos sujeitos.

Na teoria pechetiana, o ideológico e o inconsciente não devem ser pensados como elementos residuais da linguagem, mas como sendo constitutivos do discurso e em consequência do sujeito. Dessa maneira, a teoria do discurso de Pêcheux concebe o sujeito por meio da linguagem, *na ordem do desejo inconsciente e da ideologia*<sup>5</sup>. Esse posicionamento pechetiano frente ao sujeito provoca uma ruptura no campo da linguística, pois desestabiliza as concepções estruturais cristalizadas referentes à língua (texto, gramática, fonética etc.), com posicionamento de análise a partir das condições sociais, políticas e ideológicas.

Partindo dessa premissa, apresentamos primeiramente o sujeito althusseriano e o sujeito da psicanálise lacaniana, para, em seguida, pensarmos na noção de sujeito em Pêcheux (2009).

A tese de Althusser sobre os indivíduos – denominados em sua teoria como sujeitos – apresenta a ideologia como constituinte dos sujeitos, ou seja, a ideologia está intimamente ligada ao sujeito e vice-versa. Logo,

[...] a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa denominada *interpelação*. (ALTHUSSER, 2003, p. 96, grifos do autor).

---

<sup>5</sup> Conforme STAFUZZA, Grenissa; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. Apontamentos sobre a Análise do Discurso e suas práticas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Vol. 2. Campinas: Mercado de Letras (no prelo).

É por meio da interpelação, ou seja, pelo processo histórico que se constitui o sujeito, que todo indivíduo humano pode ser agente de sua prática, revestir-se de forma-sujeito.

A “forma sujeito”, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais: pois as relações sociais de produção e de reprodução compreendem necessariamente, como parte *integrante*, aquilo que Lênin chama de “*relações sociais* [jurídico] *ideológicas*”, as quais, para funcionar, impõem a todo indivíduo-agente a forma de *sujeito*. Os indivíduos-agentes, portanto, agem sempre na forma de sujeitos, enquanto sujeitos. (ALTHUSSER, 1978, p.67, grifos do autor).

É por meio do revestimento pela forma-sujeito (a forma de existência histórica de qualquer indivíduo) que os sujeitos agem através das implicações sociais de produção e reprodução. Esse processo imaginário provocado pela interpelação teria a função de transformar o indivíduo em sujeito e também direcionar a autosujeição ao sistema dominante.

Assim, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (ALTHUSSER, 2003, p. 98), pois a ideologia tem o papel de assujeitar o indivíduo nas práticas sociais, conduzidas pelos *Aparelhos ideológicos do Estado*, fazendo com que o sujeito se reconheça nessas práticas sociais por meio da própria ideologia. Ora, é pela ideologia que o indivíduo se reconhece enquanto sujeito, e é por meio dela também que ocorre a sujeição ao sistema dominante.

Já o sujeito preconizado pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud é um marco na construção do conhecimento a respeito do ser humano: se antes se pensava que o sujeito era dotado de consciência de suas ações e emoções e as dominava pelo uso da razão, Freud apresenta o descentramento da noção do eu, através do inconsciente, sendo que este “escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu” (LACAN, 1992, p. 15). Dessa maneira, o sujeito do inconsciente é o sujeito por excelência, e se difere do eu, função imaginária, que pode ser consciente. A consciência faz com que o sujeito se iluda a respeito do conhecimento de si, de modo transparente, e acredita na apreensão total dos acontecimentos, no entanto,

[...] mesmo que efetivamente seja verdade que a consciência é transparente a si própria e que é apreendida como tal, fica patente que, nem por isso, o eu lhe é transparente. [...] Mesmo que este eu nos seja efetivamente entregue, no ato de reflexão, como uma espécie de dado imediato em que a consciência se

apreende transparente a si própria, nada indica, no entanto, que a totalidade desta realidade – e dizer que se vai chegar a um julgamento de existência já é muito – fique de todo esgotada. (LACAN, 1992, p. 14).

Nessa perspectiva, a consciência seria uma espécie permeada de lacunas que são preenchidas com eventos mentais inconscientes. Esses eventos aparecem na consciência através dos sonhos, atos falhos de linguagem de uma forma distorcida, ou seja, utilizam de mecanismos de condensação ou deslocamento.

O mecanismo de condensação ocorre quando há um elemento comum a duas ou mais ideias associativas, essas duas ideias recebem a mesma carga de investimento, ou seja, essas ideias se fundem e se transformam em conteúdo manifesto no sonho. Geralmente, o resultado dessas ideias condensadas são imagens com características de vários objetos em um só, tendo um caráter fantasioso. Por exemplo, um jovem sonha com um cachorro que fala francês e é advogado. Essas ideias não fazem sentido nenhum à primeira vista, no entanto, através de uma análise contextual, e associando essas características, o dono do sonho pode associar, a imagem do cachorro condensada a de um professor de francês ao mesmo tempo com a imagem de um amigo advogado.

Já o deslocamento acontece quando uma representação (ideia) é substituída por outra, mas com o mesmo sentido, de modo que a segunda representação acaba por substituir completamente a primeira. Esse deslocamento ocorre principalmente por ideias censuradas pela consciência, por isso adquirem nova roupagem, mas com mesmo significado. Por exemplo, uma jovem sonha com um padre, mas na verdade a representação é a do pai.

Partindo da concepção de Freud, o psicanalista Lacan afirma que o sujeito é um significante, para outros sujeitos ou outros significantes, é nessa relação de significante para significantes que esse autor afirma que “o sujeito é falado pelo Outro”. (LACAN, 1992, p. 17).

Lacan, ao tratar sobre o “Outro”, que nessa visão é o inconsciente, ele o assume como estrutura da linguagem e afirma: “é porque o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, que o que é desconhecido apresenta-se como sendo uma estrutura de linguagem” (LACAN, 1992, p. 47).

É nessa relação do indivíduo com o Outro<sup>6</sup> que o sujeito aparece. O inconsciente lacaniano é o lugar desconhecido, estranho, de onde emanam as vozes sociais do pai, da família, da cultura, das leis, enfim, do Outro, em que o sujeito se define e se constitui. Nessa perspectiva, o “Outro” não é apenas formado a partir de um outro real e semelhante (físico), mas a partir do que o próprio sujeito denomina de o “Outro”, o inconsciente que se manifesta, dando-se a reconhecer e constituindo o próprio ser enquanto sujeitos falantes.

Nesse sentido, o acesso ao inconsciente é por meio da consciência, ou seja, pelas suas formulações e seus efeitos, pela linguagem por excelência. Esse posicionamento lacaniano difere de qualquer noção de profundidade, de qualquer referência metafísica.

A compreensão do sujeito em Pêcheux se dá na relação da ideologia e do inconsciente, sendo que esses dois mecanismos, conforme Pêcheux (2009, p.139), tem a função de “[...] dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento”, produzindo evidências subjetivas, nas quais constitui o sujeito”. Portanto, o sujeito pechetiano deve ser pensado como uma instância que a todo momento é afetado por fatores sociais, ideológicos e históricos.

Pêcheux retoma Althusser a respeito da formação ideológica na constituição do sujeito e salienta que é

[...] a ideologia que fornece evidências [...] que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

É por meio da interpelação ideológica que os indivíduos sujeitos se inscrevem nos discursos, e é por meio dela também que ocorre o processo de produção dos sentidos, uma vez que sujeito e sentido se unem sob o mecanismo da interpelação. Nessa relação, há um processo de naturalização dos sentidos para o sujeito que o enuncia, sendo que essa aparente transparência do sentido faz com que o sujeito acredite

---

<sup>6</sup> “Outro” com “O” maiúsculo é da ordem do inconsciente, da ordem simbólica, que se distingue do “outro” com “o” minúsculo que diz respeito ao semelhante.

ser o formulador dos enunciados. Essa ilusão de que o sujeito é dono de seu próprio dizer se faz porque este se constitui pelo esquecimento.

De acordo com Pêcheux, os sentidos podem ser mantidos ou apagados, a esses apagamentos, ele os denominou de esquecimentos, sob duas formas:

[...] *esquecimento nº 2* [...] todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.* [...] *esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº 1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão. (PÊCHEUX, 2009, p. 161, grifos do autor).

No esquecimento nº2 o sujeito tem a ilusão de que o que ele diz só poderia ser dito dessa maneira e não de outra, sendo que ele acha que o significado desse dizer é recebido pelo seu interlocutor com o mesmo sentido pensado pelo sujeito. Dessa forma, o sujeito acredita que controla seu processo enunciativo. O esquecimento nº 1 liga-se diretamente ao inconsciente, pois é devido a esse esquecimento que o sujeito tem a certeza de que é dono de seu discurso, que o formula e produz também seus sentidos, mas na realidade, o discurso, é sempre um retorno do que já foi dito. O sujeito acredita que tem liberdade de sujeito-falante, no entanto, esse sujeito-falante é constituído por seu exterior, ou seja, pelas formações discursivas que o dominam.

Para Pêcheux, as formações discursivas são provindas das formações ideológicas, assim, o esquecimento nº1 diz respeito ao inconsciente, sendo composto pelas inscrições ideológicas em que o sujeito se insere. Portanto, o sujeito pechetiano só pode ser atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, pensando essas instâncias não de forma individual, mas pertencentes a um momento histórico e social.

Cabe aqui retomar a forma-sujeito que Pêcheux extrai de Althusser, pois é pela via da forma-sujeito do discurso, ou seja, a forma de existência de qualquer indivíduo que ocorre o processo de mascaramento dos esquecimentos nº 1 e nº 2. É por meio da forma-sujeito que ocorre o processo de inscrição ideológica do sujeito na sociedade, através dessa inscrição que a forma-sujeito se insere nas formações discursivas que irão transparecer nas suas relações interdiscursivas.

Diante disso, “o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva dada aparece como o lugar de constituição do que chamamos o *imaginário linguístico* (corpo verbal)” (PÊCHEUX, 2009, p. 165, grifos do autor). O imaginário linguístico, o qual o sujeito adquire na sua existência, e acredita ser dono de suas palavras e sentidos, é o espaço de formulação e paráfrase de um dado lugar discursivo, permeado de inscrições ideológicas. Esse espaço discursivo se dá justamente porque a inscrição da forma-sujeito acontece numa configuração histórica do sujeito em relação as suas práticas sociais.

Portanto, a constituição dos sentidos do *corpus* não é dada pelo sujeito enunciador, mas são produzidos mediante a inscrição em dadas formações discursivas, cuja significância se dá pela constituição histórica. Os sentidos são formados pela presença do dizer do outro e estão em contínuo movimento, isto é, não são acabados, estabilizados, mas se modificam dependendo e a partir do contexto histórico/social.

O sujeito pechetiano é marcado pela relação com o outro, com outros discursos, ou seja, pelo interdiscurso. Através do interdiscurso e seus mecanismos de pré-construído e discurso-transverso o sujeito se constitui em sujeito-falante, tendo a percepção de si como singular, além de ter a ilusão de ser dono de seu dizer. Essa dissimulação do sujeito provocada pelo interdiscurso, enquanto discurso-transverso, “atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído” (PÊCHEUX, 2009, p. 154).

O pré-construído, “sempre já aí”, é constituído inconscientemente pelo discurso do “Outro” (inconsciente): é esse discurso que faz com que o sujeito tome posição enquanto sujeito-falante; essa atitude não deve ser entendida de forma “imaginária”, mas como um efeito da forma-sujeito, como mesmo afirma Pêcheux (2009):

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc., e as noções de asserção e de enunciação estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante. (PÊCHEUX, 2009, p. 159, grifos do autor).

Nessas condições, a tomada de posição é um processo que resulta do retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a identificação consigo mesmo e o reconhecimento dos outros sujeitos se dá “em total consciência e total liberdade”.

A concepção de Pêcheux sobre sujeito se vincula aos aspectos históricos e ideológicos que constituem tal noção, por isso achamos importante estabelecer uma relação dessa compreensão pechetiana com a concepção de sujeito apresentada no discurso de autoajuda.

No discurso de autoajuda percebe-se que há uma marca do consumismo, característica primordial do sistema de produção capitalista. O discurso capitalista prega a valorização do consumo de objetos atrelada à satisfação pessoal do sujeito ao uso e acúmulo de bens materiais. Como o modo de produção econômico vigente é o capitalismo, o homem contemporâneo se vê no meio dessas relações sociais, sendo formado por esse discurso de acumulação e de consumo.

Apropriando-se desses aspectos do discurso capitalista de acúmulo e consumo, o discurso de autoajuda propõe ao indivíduo a busca de “ter” sempre mais, e “ser” sempre o melhor a cada dia, pois numa sociedade capitalista, o valor de cada pessoa é determinado pelo que se tem e por aquilo que se conquista. Por isso, o discurso de autoajuda apresenta ao seu leitor meios para que ele conduza sua vida a fim de adquirir um bom emprego, um bom casamento, enfim, um modo de se dar bem.

O consumo é uma marca ideológica na constituição do sujeito contemporâneo, essa crença de que o reconhecimento se dá pelo acúmulo de riquezas produz no indivíduo uma ilusão de liberdade e de poder, pois o indivíduo acredita ser livre em suas escolhas e investimentos, sejam eles financeiros ou até mesmo afetivos. O discurso de autoajuda vincula, portanto, a valorização do dinheiro à felicidade, ou seja, faz crer que ter dinheiro equivale a ter poder de decisão e que isso possa ser garantia de felicidade. Nesse pensamento, se o indivíduo não tem dinheiro e, conseqüentemente, não é feliz, essa infelicidade se deve unicamente a ele mesmo. Logo, o discurso de autoajuda responsabiliza o indivíduo por tudo aquilo que acontece em sua vida, como afirma Brunelli (2004, p. 26),

[...] cada indivíduo é o responsável pelo próprio destino, pois tem o poder, a capacidade de atrair coisas boas ou ruins de acordo com a atitude mental e que, portanto, também tem o poder de mudar os aspectos da vida com os quais não está satisfeito. (BRUNELLI, 2004, p. 26).

Segundo Pêcheux (2009), essa ilusão de liberdade se dá pela inscrição do discurso do Outro (inconsciente) na formação do sujeito. Em se tratando do sujeito da autoajuda, o inconsciente – o lugar do desejo, da falta, da incompletude – refere-se à busca pelo consumo como maneira de autorealização. Nesse sentido, o sujeito acredita que se não está completamente feliz é porque ainda não conquistou ou não consumiu o suficiente.

Portanto, o sujeito apresentado na autoajuda é constituído, principalmente, por aspectos ideológicos, os quais se vinculam ao sistema econômico dominante capitalista cujos principais aspectos são o consumo e o individualismo. O lugar do inconsciente nesse tipo de discurso se dá pelo desejo e busca de felicidade por meio do acúmulo, quanto mais melhor, por isso, ter muito dinheiro, muitos amigos etc.

Como vimos em Pêcheux (2009), o sujeito é formado a partir da ideologia e do inconsciente, sendo, portanto, nessa relação com o outro e o Outro (social, cultural, político, ideológico) que acontece a produção de sujeitos, entre eles, o sujeito proposto pela autoajuda.

A marca do discurso do outro no sujeito pechetiano também pode ser dialogada com a concepção de sujeito em Bakhtin, por isso, na seção *Aproximações teóricas entre Pêcheux e Bakhtin*, procuramos traçar possíveis diálogos entre os pensadores e suas teorias na busca pela compreensão da noção de sujeito.

## **1.2 Aproximações teóricas entre Pêcheux e Bakhtin**

Essa seção tem como objetivo demonstrar alguns possíveis diálogos entre os postulados epistemológicos de Mikhail Bakhtin e de Michel Pêcheux. Cada um desses autores é tratado de maneira singular, compreendendo as especificidades da rede conceitual que estabelecem em momentos bem diversos, sendo a do Círculo de Bakhtin pensada na filosofia da linguagem e a de Pêcheux com a Análise do Discurso Francesa (ADF). Entretanto, procuramos traçar algumas confluências teóricas desses autores, acerca de determinados conceitos e noções, para construirmos uma reflexão a respeito dos estudos dialógicos do Círculo bakhtiniano, aproximando com as concepções teóricas de Pêcheux.

Para Bakhtin/Volochínov (2006), a materialidade linguística resulta do processo de significação social, pois é através da língua que conhecemos os conflitos e as mudanças de uma dada sociedade, ou seja, a língua reflete as mudanças ideológicas que perpassam os sujeitos. Dessa forma, “[...] tudo que é ideológico possui significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 31).

Os signos, na perspectiva bakhtiniana, são um elemento vivo, que se apresentam nas enunciações e circulam entre os sujeitos. Além disso, o signo é fruto do contexto socio-histórico-cultural, isso faz do signo ideológico algo movente, distanciado de qualquer significado fixo, acabado, como, por exemplo, os significados apresentados nos dicionários.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2006), para se tornar signo ideológico os objetos da realidade material devem “refletir e refratar” uma outra realidade que lhe é exterior. Assim, os signos apontam para uma materialidade concreta (exterior), mas de modo refratado. E refratar significa

[...] que com nossos signos nós não somente descrevemos [...] o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre localizado (temporal e espacialmente), múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos sociais – diversas interpretações (refrações) desse mundo. (FARACO, 2013, p. 174).

Por fazer parte do mundo concreto, o signo é objetivo, e passível de ser estudado, levando em consideração seus aspectos exteriores que refletem a realidade, mas também os efeitos interiores que refratam a dinâmica das concepções ideológicas de um dado grupo social. Como mesmo afirma Bakhtin/Volochínov (2006, p. 33), “a ideologia é um fato de consciência e o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão”.

O caráter ideológico da língua, apresentado por Bakhtin/Volochínov, se assemelha à concepção de Pêcheux da língua como um processo que evidencia os aspectos ideológicos da sociedade. De acordo com Pêcheux (2009):

[...] é a ideologia que fornece evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” que mascaram assim, sob a “transparência da

linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009, p. 146, grifos do autor).

Pêcheux, ao falar sobre a significação da palavra, afirma que a significação não se dá nos dicionários, mas sim na e pela formação discursiva em que a palavra é dita, e que pode, por vezes, ser incompreendida quando há o choque de FDs, ou melhor, de acordo com a FD em que o sujeito se inscreve. Assim,

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 2009, p. 146, grifos do autor).

O processo sócio-histórico em que os sujeitos se inscrevem é responsável pela construção ideológica das palavras. Por isso, a palavra é o signo por excelência, ela é o único signo que “pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 37). Portanto, a palavra é considerada como um signo neutro, pois ela pode ser utilizada em diferentes contextos sociais e em diferentes situações de enunciação, sendo que os outros objetos adquirem simbolismo em um domínio específico.

Diante disso, tanto Pêcheux quanto Bakhtin veem na língua uma manifestação ideológica pela qual se dá a manipulação e a luta de classes, além disso, é por meio da linguagem que se evidencia essa luta e suas implicações ideológicas. Nesse sentido, a palavra é concebida como o elemento mais sensível e indicador das mudanças ideológicas, já que ela é “um fenômeno ideológico por excelência” no cerne da sociedade.

Portanto, o conceito de signo ideológico do Círculo de Bakhtin aproxima-se da noção de sentido da ADF, pois ambos possuem uma heterogeneidade de significação.

Tais conceitos são constitutivos por conceberem o objeto linguístico vinculado às instâncias sociais e ideológicas. Para Bakhtin, o signo ideológico tem significação apenas em sua materialização no interior do auditório social. Para a AD, a materialidade linguística também só significa quando vinculada com suas condições de produção. (FRANÇA, 2009, p. 45).

A diversidade de significação, tanto do signo como do sentido, se dá justamente por pertencer a um auditório social, de onde advém uma pluralidade de sentidos associados às condições de produção.

Outro atravessamento entre Bakhtin e Pêcheux é percebido nas noções de dialogismo “como constituinte da noção de formação discursiva na ADF” (GUILHERME, 2013, p. 266). Segundo a autora, podemos perceber essa afirmativa nas palavras de Bakhtin, quando salienta,

[...] o peso específico dos discursos retórico, judicial ou político na consciência linguística de um dado grupo social de valores. Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 159).

De acordo com Bakhtin, cada tipo de discurso, pertencente a um dado grupo social, obedece a uma hierarquia ideológica que delimita as fronteiras desse discurso. Quanto mais rígido o repertório de enunciação desse grupo social, menos atravessamentos esse discurso sofrerá. No entanto, as condições de produção determinam as modificações de um dado para outro.

A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. As condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época. As condições mutáveis da comunicação socioverbal precisamente são determinantes para as mudanças de forma que observamos no que concerne à transmissão do discurso de outrem. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006, p. 160).

Dessa maneira, as fronteiras apresentadas por Bakhtin/Volochínov podem ser compreendidas como

[...] um atravessamento constitutivo para a construção ação do conceito de formação discursiva, na medida em que funcionam como aspecto fundador para a tese de Pêcheux de que a formação discursiva é a matriz do sentido, ou seja, é o lugar da constituição do sentido, acrescentando, porém, que toda formação discursiva representa, na linguagem, a formação ideológica que lhe é correspondente. (GUILHERME, 2013, p. 266).

Pêcheux (2009) afirma que a formação discursiva é o espaço da constituição dos sentidos e, assim, observa:

[...] próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” sempre “antes em outro lugar e independente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2009, p. 149).

Desse modo, mesmo que o espaço das significações das formações discursivas seja heterogêneo, há sempre um tema que sobressai no interior de uma formação discursiva, sendo que, essas significações são articuladas ao interdiscurso em um dado movimento discursivo, a partir da inscrição da forma-sujeito nesse processo.

Podemos afirmar que, se para Bakhtin, a instância de significação advém do signo ideológico na instância dialógica, em Pêcheux, o sentido se instaura no interior das formações discursivas pelo viés do interdiscurso. Em Pêcheux (2009, p. 147, grifos do autor), “[...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na “linguagem” as formações ideológicas que lhe são correspondentes”.

Outro aspecto de encontro entre Bakhtin e Pêcheux refere-se à relação produzida pelas estruturas sociais e pelo processo de enunciação. Se, para Pêcheux, as condições de produção de ordem sócio-histórico-ideológica constituem o processo enunciativo, na teoria bakhtiniana os aspectos históricos e sociais que constituem os sujeitos são definidos por meio das relações dialógicas, de acordo com as interações verbais. Por isso, para Bakhtin, “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2011, p. 274).

Nesse sentido, a perspectiva do “outro” no processo enunciativo em Bakhtin reflete a ideia de que a língua é o reflexo da interação entre os falantes, ou melhor, “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117).

Na teoria pecheutiana, o “outro” é entendido através do conceito psicanalítico de alteridade; isso significar dizer que o sujeito é descentrado de si, isto é, o sujeito é sempre um outro. Apoiando-se sobre a teoria lacaniana, Pêcheux compreende o sujeito como constituído pelo “outro” (outrem) e pelo “Outro” (inconsciente). É no entremeio dessas duas instâncias que o sujeito se encontra numa permanente relação com o exterior que o determina. Para Pêcheux, o sujeito é constituído pela ideologia e pelo inconsciente, pertencente e interpelado por uma ordem sócio-histórico que o coloca num movimento de alteridade. Nessa perspectiva, o inconsciente não deve ser entendido como um fenômeno inato ao sujeito-falante, e sim concebido a partir de suas manifestações, como da ordem do social.

Procuramos nessa seção demonstrar algumas possíveis aproximações teóricas entre Bakhtin e Pêcheux, valorizando as especificidades de cada autor em seu contexto de produção. No entanto, a forma com que ambos concebem a interpelação dos processos ideológicos na composição dos discursos, o aspecto dialógico que perpassa as construções interdiscursivas, bem como a concepção de sujeito em alteridade com o outro, enfim, esses atravessamentos teóricos colocam Bakhtin e Pêcheux num processo de diálogo que proporciona uma ampliação na compreensão em torno do discurso e, conseqüentemente, a postura de cada um deles em relação aos aspectos da linguagem.

### **1.2.1 Dialogismo bakhtiniano**

A proposta dessa pesquisa caminha para o estudo do dialogismo de Mikhail Bakhtin, uma vez que acreditamos que tal noção dialoga com a noção de interdiscurso de Michel Pêcheux. Logo, ao estudar o discurso de autoajuda de *Você é insubstituível*, de Augusto Cury, almejamos “escutar” as vozes que perpassam e constituem essa obra, e que emergem sob a forma de enunciados científicos, capitalistas e religiosos na constituição e validação de seu discurso.

A contribuição teórica do Círculo de Bakhtin<sup>7</sup> aos estudos da Linguagem é um avanço na compreensão da língua enquanto materialidade linguística construída

---

<sup>7</sup> O chamado Círculo de Bakhtin era um grupo formado por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento que se reuniam para discussões sobre diferentes assuntos. Dentre esses estudiosos

socialmente num dado momento histórico, pois, “em cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 p. 79).

Por isso, Bakhtin não ignora a relevância dos códigos linguísticos, pelo contrário, reconhece como elementos semelhantes em qualquer produção textual e afirma que “são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 p. 79). Porém, avança os estudos numa compreensão que aborda os fundamentos e características essenciais da significação linguística.

É característica da obra de Bakhtin a disseminação dos conceitos em toda obra do Círculo, por isso, trabalhamos nessa discussão principalmente a partir dos textos *Marxismo filosofia da linguagem* (2006), *Estética da criação verbal* (2011) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981), a respeito da concepção dialógica da linguagem.

De acordo com Stafuzza (2011, p.42, grifos do autor),

[...] a concepção polifônico-dialógica da linguagem, concebida e desenvolvida por Mikhail Bakhtin, confere à expressão enunciativa um caráter social e ideológico que, determinada pelo meio externo, estrutura e orienta a atividade mental do sujeito falante. Observamos, então, que o discurso submete-se a uma situação social imediata, bem como ao meio social mais amplo no processo da materialização da linguagem, fundamentando o processo de *interação verbal*.

Assim, no texto *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1981) põe em discussão o caráter polifônico que se constrói no discurso literário. A polifonia<sup>8</sup> literária compreende a valoração de cada voz no texto, ou seja, as vozes dos personagens e do narrador apresentam uma independência entre si, por isso, tanto o narrador quanto os personagens estão no mesmo patamar. De acordo com Bakhtin (1981, p. 177), “Dostoiévski escreve o romance onde todas as vozes tem vez”, sendo

---

destacamos Mikhail Bakhtin e Volochínov pela relevante contribuição para os estudos da linguagem com *Marxismo e filosofia da linguagem*.

<sup>8</sup> Polifonia, termo pensado por Bakhtin a partir da música, para designar a presença de várias vozes em uma única voz.

que esse autor (Dostoiévski), para Bakhtin, foi o primeiro a escrever um romance polifônico. Logo, como afirma Stafuzza (2012, p.42), ao estudar o discurso literário:

Ao teorizar sobre polifonia, Bakhtin estabelece uma relação desta com o problema do *diálogo* como fundamento do pensamento criativo e da própria criação. Nesta problematização, o teórico russo polemiza com os mais célebres críticos da literatura de Dostoiévski, considerando que a autêntica multiplicidade de vozes, bem como as consciências independentes, constituem a peculiaridade fundamental do estilo romanesco de Dostoiévski. Tais considerações bakhtinianas encontram seus fundamentos a partir da diversidade social, ideológica e psicológica da linguagem.

Apesar de observarmos que há uma relação entre polifonia e diálogo, não temos a pretensão, nesse estudo, travar uma discussão a respeito da noção de polifonia, mas em apresentar o caráter dialógico presente em todo e qualquer discurso, aqui em especial, no discurso de autoajuda.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006) e *Estética da criação verbal* (2011), o dialogismo é apresentado como constitutivo da linguagem, ou seja, o discurso é por natureza dialógico, na medida em que os enunciados são produzidos a partir das várias vozes que circulam sob diferentes pontos de vista, ou seja, essas vozes se assemelham ou se contradizem, é nessa dinâmica que os discursos são materializados. Portanto, o enunciado é célula na compreensão da produção e circulação dos discursos.

Para Bakhtin/Volochínov (2006, p. 116), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. A interação entre os sujeitos e o diálogo estabelecido entre eles é a origem constitutiva dos discursos, por isso, “[...] o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. Assim, é pela interação social que ocorre o processo enunciativo, consequentemente a constituição dos discursos.

A partir disso, a linguagem não é concebida de maneira individual, “nem é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 127), mas é produzida por seres sociais que através do diálogo (entendido por nós como discurso) mantêm relações com outros discursos que o antecederam e os que serão produzidos posteriormente. Assim,

[...] não há nem pode haver textos puros. [...] por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o

que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado). (BAKHTIN, 2011, p. 310).

Nessa perceptiva, o caráter dialógico está presente em todos os discursos e essa concepção também é perpassada pela constituição dos sujeitos, pois é impossível pensar o ser humano fora das relações com o outro. Logo,

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de que são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas. (BAKHTIN, 1981, p.169).

Por isso, através dos enunciados produzidos entre os sujeitos é possível perceber as formações ideológicas e sociais construídas. Nesse sentido, o ideológico surge na interação social do homem, e não a partir da consciência individual. É somente na e pela relação social que são produzidos os signos ideológicos, pois “sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 31).

Os signos partem do mundo concreto e ganham significados polivalentes de acordo com o grupo social aos quais são produzido. No entanto,

[...] no domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 33).

É importante ressaltar que a materialidade dos signos se dá de maneira objetiva, sendo um fenômeno do mundo exterior, mas que seu sentido ultrapassa suas particularidades podendo, além de refletir a realidade, também refratar outras situações, distorcendo-as ou apreendê-las de um ponto de vista específico.

Diante disso, o signo ideológico funciona como materialização das consciências individuais perpassadas pelo ideológico. “Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em

nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 36).

Dessa maneira, a linguagem consegue abarcar de maneira mais transparente o universo dos signos ideológicos. Bakhtin/Volochínov (2006, p. 36) afirma que a “palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”, é através dela que ocorre a comunicação e a interação social. Portanto, conforme Furloni (2009, p. 133), “podemos concluir que a palavra será sempre o primeiro ente das relações sociais a sofrer e a tornar perceptíveis as transformações sociais”.

É por meio da palavra que primeiramente percebemos as mudanças de valores que cada época e cada sociedade legitimam. Ao mudar os valores, os signos ideológicos também se modificam, pois somente o que a sociedade trata como valor social, se torna ideológico.

Ao propormos analisar as produções e o funcionamento dos discursos por meio das sequências discursivas, tendo como aparato a inscrição na teoria bakhtiniana sobre o dialogismo, consideramos importante demarcar a presença do discurso do outro, que nem sempre é perceptível, mas se mostra de forma velada, deturpada, existente. Por isso, tratamos da contribuição teórica de Jacqueline Authier-Revuz, que incorpora a noção de dialogismo à heterogeneidade discursiva. Assim,

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

A essa inscrição do outro na cadeia discursiva, alterando sua aparente unicidade, referindo-se à voz do outro inscrita no discurso, Authier-Revuz (1990), denomina de heterogeneidade mostrada marcada, e heterogeneidade mostrada não marcada. A heterogeneidade mostrada marcada são marcas linguísticas do outro são visíveis, manifestadas através do “discurso direto, aspas, itálicos, citações, [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25). Já a heterogeneidade mostrada não marcada refere-se ironia, o discurso indireto livre, etc, que contam com o “outro dizer”, sem explicitá-lo, para produzir sentidos.

A heterogeneidade constitutiva não se mostra no decorrer do discurso, mas pode ser detectada a partir da interdiscursividade entre os discursos, pois, não se apresenta em primeiro plano, porém, pode ser detectada pela relação dialógica que existe com outros discursos.

Sob essa perspectiva, utilizamos o primado bakhtiniano do dialogismo, bem como as concepções de heterogeneidade mostrada e constitutiva de Authier-Revuz para identificar as interdiscursividades que perpassam o discurso de autoajuda, com a finalidade de desvendar os sentidos marcados, aparentes, como também os que estão no entremeio dos diversos (inter)discursos que compõem o discurso de autoajuda em estudo.

### **1.2.2 Noção de sujeito em Bakhtin e a noção de sujeito na autoajuda**

A concepção Bakhtiniana sobre o sujeito parte do postulado que o “indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe” (BAKHTIN, 2001 p. 11). Para o filósofo russo, o sujeito nasce num contexto social que determina sua condição social, ou seja, sua inserção na sociedade, através da classe a que ele pertence.

Ao nascer, o seio familiar no qual o sujeito está sendo constituído proporciona a ele as primeiras relações sociais, através do nome, lugar de nascimento, sua condição econômica etc. Portanto, o ser humano não nasce abstrato, nasce num contexto que já o coloca numa condição social de riqueza ou pobreza, pertencente a uma nação, a uma cultura.

Essas primeiras identificações fazem com que o sujeito tenha a referência inicial, de seu lugar social, e é por meio da interação que ele se constitui. Assim, “para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social” (BAKHTIN, 2001, p. 11).

A interação acontece no convívio social, é num determinado espaço e numa determinada época que o sujeito absorve nos seus primeiros anos de vida as impressões do mundo exterior a sua volta. Sendo que essa interação perpetuará por toda a vida.

Diante disso, de acordo com Bakhtin, (2001, p. 79), “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou é produto da interação entre falantes”, em termos gerais, é fruto de uma situação social que foi gerada.

Bakhtin, na obra *O freudismo* (2001), enfatiza a importância da interação do sujeito com outros sujeitos para a constituição de si: o outro direciona o sujeito e compõem sua identidade. O outro para Bakhtin envolve todas as relações sociais do sujeito referentes ao seu mundo interior e exterior. Essas duas instâncias, interior e exterior, são tratadas na perspectiva bakhtiniana como produtos do meio social. É através do meio social que o sujeito adquire sua linguagem tendo nela suas significações e apreciações, assim,

[...] todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior) de maneira nenhuma pode ser creditado a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele mas sim ao seu grupo social (ao seu ambiente social). (BAKHTIN, 2001, p. 86).

É por meio do outro que nos constituímos e também por meio dele que descobrimos quem somos, ou seja, o outro é o espelho que reflete (e refrata) o sujeito; então, somos também o outro. A partir disso, “ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar para mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe” (BAKHTIN, 2001, p. 87).

Nessa perspectiva, os sujeitos são sempre sujeitos sociais em constante alteridade, já que cada sujeito se constitui na relação com o outro, ou seja, o sujeito é dialógico. Dessa forma, a relação eu-tu, que surge do aparato dialógico, deve ser entendido como um sujeito que é atravessado por diversas vozes sociais, fazendo desse sujeito um sujeito histórico e ideológico.

A língua, sob essa perspectiva de trabalho, apresenta-se como a ponte que interliga os sujeitos e os define,

[...] a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117).

Essa relação de comunicação faz com que o sujeito produza dizeres na espera de uma resposta, seja ela de concordância, protesto, objeção, problematização.

Assim, o sujeito bakhtiniano é gerador de respostas, se posiciona, não sendo totalmente desprovido de “autonomia”.

Tendo como base o sujeito bakhtiniano, podemos pensar em uma discussão a partir de como o discurso de autoajuda concebe a instância sujeito.

A marca característica do discurso de autoajuda é a percepção do sujeito moderno, como dono de si, de suas atitudes, tendo autonomia total para escolher sua profissão, seu salário, onde e quando quer trabalhar etc. É o sujeito da liberdade, apregoado como o responsável por tudo que lhe acontece. Porém, “a verdade é que o indivíduo está muito a mercê dos outros do que pensa” (FURLONI, 2009, p. 73), como por exemplo, no quesito profissão: são as profissões que “escolhem” os trabalhadores, ou seja, o mercado dita as especificações que ele necessita, para não ficar desempregado, o indivíduo precisa submeter-se a essas ordens.

Por outro lado, o sujeito da autoajuda é visto como desorientado, fragmentado, disperso, confuso, que necessita de um parâmetro didaticamente orientado, para que essa “angústia da perfeição” seja banida e a “realização plena” seja alcançada. Sob a perspectiva do sujeito como impotente, o discurso de autoajuda apresenta a solução para uma vida feliz, sem conflitos e sofrimentos.

No discurso de autoajuda, o sujeito se constitui por ele mesmo, é responsabilidade unicamente dele aprender a dominar seus pensamentos, emoções, conquistar o que deseja por mérito pessoal: o sujeito procura “gerir as tensões de viver como um indivíduo alheio à comunidade” (RÜDIGER, 1996, p. 19). Assim, por meio da prática de técnicas apresentadas nos textos, por meio de instruções no estilo de manuais, os indivíduos poderiam descobrir em seu interior a tranquilidade consigo mesmos. Essa percepção, de acordo Rüdiger (1996), não se vincula exclusivamente a nenhuma corrente religiosa, mística, mas a uma busca que ultrapasse o social e o coletivo, privilegiando o bem estar.

Na concepção bakhtiniana, o social é o lugar de construção e de reconhecimento dos sujeitos, logo, por intermédio da linguagem ocorre o processo da enunciação, ou seja, “a palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, se encontra fora da “alma” do falante, não pertence apenas a ele”. (BAKHTIN, 2011, p. 327).

Em *O freudismo*, Bakhtin (2001) acrescenta:

Nunca chegaremos às raízes verdadeiras e essenciais de uma enunciação singular se as procurarmos apenas nos limites de um organismo individual singular, mesmo quando tal enunciação concernir aos aspectos pelo visto mais pessoais e íntimos da vida de um homem. Toda motivação do comportamento de um indivíduo, toda tomada de consciência de si mesmo (porque a autoconsciência sempre é verbal, sempre consiste em encontrar um determinado complexo verbal) é a colocação de si mesmo sob determinada norma social, é, por assim dizer, a socialização de si mesmo e do seu ato. (BAKHTIN, 2001, p. 87).

Diante disso, o sujeito só se reconhece no convívio social, ou seja, na relação de interação com tudo que o cerca, sendo que esse movimento não é exclusivo no âmbito individual singular, mas é compreendido a partir do processo de socialização no qual o sujeito se insere. Para Bakhtin, a autoconsciência (tomada de consciência de si) refere-se ao reconhecimento de pertença a uma classe, ou melhor, “autoconsciência é tomar consciência de classe” (BAKHTIN, 2001, p. 87). Ao tomar consciência, de seu engajamento social, de sua cultura, do seu lugar na sociedade, o sujeito se posiciona e produz respostas através de seus atos.

Ao reconhecer-se como sujeito, ou ainda assujeitado a uma série de inscrições ideológicas que o atravessam em todos os setores sociais, não tendo saída aparente das garras de um sistema dominante, o sujeito bakhtiniano é perpassado por esses atravessamentos discursivos e produz, no entremeio dos contrastes sociais, um sujeito que não é livre, nem muito menos detentor exclusivo de seus pensamentos e palavras.

A concepção de sujeito apresentada nos textos de autoajuda se distancia do sujeito bakhtiniano, pois, ao tratar o sujeito de modo individualizado, como fonte de suas frustrações e também como o único responsável capaz de potencializar suas próprias aptidões e habilidades, o discurso de autoajuda legitima uma postura “antissocial”. As contradições e os debates que se instauram em uma sociedade são vistos como um empecilho para a harmonia interior e não como um gerador de possibilidades e caminhos.

## Capítulo 2

### ANÁLISE DE DISCURSOS NA OBRA *VOCÊ É INSUBSTITUÍVEL*, DE AUGUSTO CURY

#### 2.1. Interdiscursos no discurso de autoajuda

A proposta desse capítulo é identificar e analisar os interdiscursos que compõem a literatura de autoajuda tendo como recorte o texto de Augusto Cury, *Você é insubstituível*. Brunelli (2004) ao falar sobre o discurso de autoajuda afirma que:

Num certo sentido, podemos dizer que essa versatilidade que os autores de autoajuda pregam como uma qualidade necessária à vida também é, numa certa medida, uma característica textual desse discurso, já que explora uma grande quantidade de fontes e de gêneros: esquemas, ilustrações, testes, citações das mais distintas origens (que vão da Bíblia a Shakespeare) e pequenas narrações nas quais são contados episódios da vida do autor ou de outras pessoas. Esse procedimento ilustra de alguma forma as teses apresentadas. Dito de outro modo: há, nos textos de autoajuda, uma variabilidade de recursos que se sucedem com frequência. Assim, empregam procedimentos de naturezas diversas, os textos reforçam o que dizem. (BRUNELLI, 2004, 58-59).

A característica do discurso de autoajuda em utilizar várias fontes, sendo que, na maioria das vezes não são citados seus autores (e as próprias fontes), é utilizada pelo sujeito enunciativo como se fossem oriundas de seu próprio dizer. Assim, o sujeito enunciativo constrói seu dizer apropriando-se de discursos outros para demonstrar suas ideias, sem dar abertura para que o sujeito leitor procure por essas fontes, a fim de desenvolver sua própria conclusão.

No *corpus* em análise identificamos a presença de diversos discursos: capitalista, religioso, científico, místico, político, psicológico e o filosófico. Entretanto, a proposta é analisar os discursos capitalista, religioso e científico, pois a hipótese que baliza a presente pesquisa recai na questão de o discurso de autoajuda apresentado em *Você é insubstituível* ser o resultado do diálogo, principalmente, desses discursos. Apesar de apresentarmos os discursos capitalista, religioso e científico em tópicos distintos, a relação entre eles é estreita e em alguns aspectos um se apresenta em relação

ao outro. Diante disso, no decorrer das análises, mostramos as confluências e as divergências desses diálogos e discursos.

Nesse capítulo, retomamos os trabalhos sobre autoajuda de Furloni (2009), França (2009), Brunelli (2004), Cortina (2013), Sobral (2006), Duarte (2008) e Rüdiger (1996), estabelecendo um diálogo desses pesquisadores do discurso de autoajuda com as balizas teóricas de Pêcheux (interdiscurso) e Bakhtin (dialogismo) na compreensão do funcionamento dos discursos capitalista, religioso e científico no *corpus* em questão.

Para a análise desenvolvida logo a seguir, os discursos trabalhados foram separados por uma questão didática de organização do texto dissertativo. No entanto, podemos perceber que tais discursos dialogam – em uma relação interdiscursiva de constituição do discurso de autoajuda –, conforme veremos nas análises, por via de deslocamentos, modificações e transformações.

## **2.2. “Determine ser alegre, seguro, feliz”: análise do discurso capitalista**

O discurso capitalista é um dos discursos que atravessam (e constituem) os discursos de autoajuda, de modo geral. Isso acontece porque o discurso de autoajuda reverencia o modo de produção capitalista, como um sistema que trouxe ao ser humano, a possibilidade de “escolher” a quem vender sua força de trabalho, bem como, o mascaramento da pobreza em detrimento da elevação da riqueza.

O modo de produção capitalista surge com a decadência principalmente do sistema feudalista, em que a principal característica referia-se à exploração da terra e da relação contratual do senhor feudal e do trabalho dos servos. Com o surgimento de novas técnicas de plantio agrícola, com a expansão urbana, há um declínio do feudalismo, abrindo caminho para uma nova forma de organização da sociedade: o capitalismo.

O surgimento do modo de produção político-econômico-capitalista é datado no final do século XVIII início do século XIX, com o advento da Revolução Industrial nos países da Inglaterra, França e Alemanha, que posteriormente se expande para outros países do mundo.

A principal característica do sistema capitalista diz respeito ao acúmulo de capital (dinheiro) a poucos proprietários, donos dos meios de produção (fábricas, terras,

máquinas, usinas etc.), em contrapartida, a maioria da população é de trabalhadores que vivem com seus salários provenientes da venda da força de trabalho. Desse modo, os donos de produção que detêm o capital ficam cada vez mais ricos e os trabalhadores cada vez mais pobres.

O filósofo alemão Karl Marx em *O capital* (1988) faz uma análise crítica a respeito de como o modo de produção capitalista lida principalmente com a força de trabalho do proletariado em relação ao conceito de mercadoria. Diante disso, Marx afirma que:

O produto de trabalho é em todas as situações sociais (ou seja, em todos os modos de produção) objeto de uso, porém uma época historicamente determinada (a época da sociedade burguesa moderna) de desenvolvimento – a qual apresenta o trabalho despendido na produção de um objeto de uso como sua propriedade ‘objetiva’, isto é, como seu valor – transforma o produto de trabalho em mercadoria. (MARX, 1988, p.63).

Segundo Marx (1988), a mercadoria como produto capitalista possui duas finalidades, uma refere-se ao valor-de-uso, e a outra diz respeito ao valor-de-troca.

O produto, de propriedade do capitalista, é um valor-de-uso, fios, calçados etc. Mas, embora calçados sejam úteis à marcha da sociedade e nosso capitalista seja um decidido progressista, não fabrica sapatos por paixão aos sapatos. Na produção de mercadorias, nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores-de uso. Produz valores-de-uso apenas serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor-de-troca. Tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor-de-uso, que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de um valor-de-uso quer produzir mercadoria, além de valor-de-uso, valor, e não só valor, mas também valor excedente (mais valia). (MARX, 1988, p. 211).

O valor de uso diz respeito ao caráter material da mercadoria, é o objeto externo, princípio a satisfazer as necessidades e carências humanas, ou seja, o valor de uso refere-se às propriedades físicas do objeto. Dessa forma, o valor de uso nada tem a ver de imediato com o trabalho humano que pode ter custado, nem em relação com o custo da produção, permanecendo, por isso, fora das preocupações da economia e da política. Na concepção de Marx, as mercadorias enquanto valores de uso possuem

diversas utilidades, entretanto, enquanto valores são qualitativamente iguais, e só quantitativamente diferentes.

No valor de troca, aparece a relação quantitativa, ou seja, trata-se da proporção na qual as mercadorias se trocam, por exemplo, x de laranja= y de papel, isto é, os valores de uso de uma espécie se trocam por valores de uso de outra espécie, uma relação que se modifica constantemente dependendo do tempo e do espaço. Portanto, o valor de uma mercadoria nasce do relacionamento dos valores de troca e nada tem a ver, necessariamente, com suas propriedades naturais. Diante disso, o valor de uso só se realiza no uso e no consumo.

Os produtos de consumo possuem um tempo de trabalho necessário para a sua produção, no entanto, o produtor trabalha mais horas do que precisa para criar bens em quantidade necessária para satisfazer as necessidades de consumo de uma população, e devolver o capital adiantado pelo proprietário dos instrumentos de trabalho ou pelas patentes e invenções de ideias para produzir melhor, de maneira mais competente e em concorrência com outros produtores. Dessa forma, a lucratividade do produtor é mantida pelas horas a mais que o trabalhador despende de sua mão de obra, não paga.

Esse valor não pago ao trabalhador, Marx (1988) denomina de mais-valia, ou seja, o excedente na produção dos objetos que os capitalistas não repassam aos seus assalariados. É devido a esse não repasse (o trabalho não pago) que são tirados os possíveis lucros capitalistas. A lucratividade é a marca fundante do capitalismo, para isso, esse tipo de sistema promove o consumo, pois, para obter lucro é necessário que os indivíduos consumam. Assim, cada vez mais, o capitalismo faz uso de artifícios engenhosos para aumentar o número de consumidores desenfreados.

A literatura de autoajuda encaixa-se perfeitamente aos moldes capitalistas. Por isso, observamos que as obras de autoajuda possuem duas principais características: i) trata-se de um produto de consumo de massa e ii) fomenta o individualismo.

*Você é insubstituível* traz o título como um enunciado possível de ser analisado pelo viés do discurso capitalista, sendo, portanto, uma materialidade discursiva. O sujeito enunciador utiliza do pronome “você” como marca de informalidade, para estabelecer uma proximidade com o sujeito leitor. Ao utilizar “você” como recurso de linguagem de aproximação, o enunciador estabelece uma

relação de existência com o sujeito leitor: ao mesmo tempo em que o leitor constitui-se leitor da obra, ele também está concretizado no texto, uma vez que a promessa é falar dele, sobre ele, para ele.

Por outro lado, o pronome “você”, nesse contexto de análise, refere-se a qualquer indivíduo, a qualquer pessoa que compre o livro, ou seja, é vazio, impessoal e generalizante. Diante disso, o que era para ser uma marca pessoal (“você”) no discurso de autoajuda, acaba se deslocando para o sentido de “você” poder ser qualquer um.

Ao analisar o “você” na composição do enunciado *Você é insubstituível*, percebemos que o sujeito enunciativo é atravessado pelo discurso capitalista e pelo discurso religioso. Tanto o discurso capitalista, quanto o discurso religioso, possuem uma relação com os sujeitos contraditória, sendo ao mesmo tempo particular e generalizante, ou seja, fazem com que o sujeito se sinta singular, único, insubstituível, mas de maneira superficial.

Essa estratégia de fazer com que o sujeito se sinta singular, insubstituível, é a forma com que o capitalismo apresenta o sujeito para manter-se dominante. Por isso, ao mesmo tempo em que é necessário incentivar, motivar o trabalhador a produzir mais, garantindo a ele recompensas pela assiduidade, bom comportamento, competitividade, qualquer vacilo é motivo de demissão, de substituição.

Ao incutir no sujeito que ele é insubstituível, o sujeito enunciativo o apresenta configurado por uma ilusão sobre ele mesmo, por isso é válido retomar aqui os dois esquecimentos propostos por Pêcheux (2009). O “esquecimento número um”, que é da ordem do inconsciente, possibilita a ilusão do sujeito de ser origem do dizer; já o “esquecimento número dois”, da ordem da enunciação, faz emergir a ilusão de que aquilo que o sujeito diz apresenta somente um sentido, uma forma de dizer. Diante disso, os dizeres não são inscritos no sujeito, mas eles são determinados pela maneira que os sujeitos são inscritos na língua e na história, ou seja, o sujeito não tem controle sobre si mesmo, pois é a linguagem que o constitui como tal e não o contrário.

No entanto, o sujeito apresentado no discurso de autoajuda é constituído por ele mesmo, tendo controle absoluto de suas ações e potencial para dominar suas emoções e seus pensamentos.

Segundo os estudos realizados por Brunelli (2004, p. 7),

O discurso de autoajuda, de uma forma geral, sustenta que o segredo para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos, etc. Assim, quem acredita que vai conseguir, consegue e quem duvida, não. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade.

Assim, podemos perceber que o discurso de autoajuda baseia-se na crença da capacidade de cada indivíduo de ter fé em si mesmo, que anseia incondicionalmente em realizar seus sonhos. Essa é uma característica primordial no desenvolvimento da discursividade da autoajuda.

No discurso de autoajuda podemos verificar diversas formações discursivas operando nas construções enunciativas. Em relação ao discurso capitalista em interdiscursividade com o discurso de autoajuda, concordamos com Brunelli (2004) sobre a questão da predominância de uma FD da autoestima em relação às outras FDs que compõem o discurso de autoajuda.

Portanto, os indivíduos que procuram esse tipo de discurso assumem uma postura de baixa estima, se sentem inferiorizados por não conseguirem o que desejam, acreditando que se realizarem seus sonhos (casas luxuosas, roupas de marca, carros importados etc.) terão uma vida plena e feliz. Ao assumirem uma instância-sujeito de baixa estima, esses indivíduos apresentam a necessidade de que sua autoestima seja orientada e direcionada para que alcancem o que desejam. Por isso, o primeiro enunciado que constitui essa FD de autoestima é a valorização do indivíduo, para que ele acredite plenamente em si e em suas habilidades.

Como nos diz Pêcheux (2009), todo discurso é formado por diferentes formações discursivas (FDs), constituídas por enunciados possíveis, os quais derivam sempre de um enunciado de base, que são retomados pela memória discursiva.

Podemos, então, destacar um enunciado de base para a FD de autoestima presente no *corpus* de análise: *determine ser alegre, seguro e feliz*. Nesse sentido, qualquer pessoa é capaz de conquistar sucesso e felicidade, basta acreditar em seu potencial.

Tomando por base o que foi dito, prosseguimos com a análise das sequências discursivas do discurso de autoajuda, a partir de sua interdiscursividade com o discurso capitalista, extraídas do *corpus* *Você é insubstituível*:

<b>Sequências Discursivas</b>	
SD1	“[...] para provar isso, vou contar-lhe uma história real e impressionante de alguém que possui uma capacidade descomunal de lutar pela vida e que um dia foi o maior vencedor da Terra, o mais corajoso dos seres. Sabe quem? Você! Duvida? Deixe-me contar alguns fatos relevantes da sua biografia que talvez você desconheça!” (CURY, 2002, p. 26).
SD2	“Talvez fosse melhor desistir e se conformar com a derrota. Mas você era o ser mais teimoso do mundo, sua garra era incrível. Por isso jamais admitiu recuar. A palavra desistir não fazia parte do seu dicionário genético. Por quê? Porque, se perdesse essa corrida, perderia o maior prêmio da História. Qual? A VIDA” (CURY, 2002, p. 29).
SD3	“Um dia você foi inscrito para participar do maior concurso do mundo, da maior corrida de todos os tempos. Acredite, você estava lá! Eram mais de quarenta milhões de concorrentes. Pense nesse número. Todos tinham potencial para vencer e só um venceria. Será que você era mais um número na multidão ou tinha algo especial?” (CURY, 2002, p. 27)
SD4	“Que disputa era essa? A disputa do espermatozoide para fecundar o óvulo. A corrida pelo direito de formar uma vida. Talvez você nunca tenha imaginado, mas já participou da mais excitante e perigosa aventura da existência. Seria mil vezes mais fácil vencer as eleições para presidente de seu país. É incrível, mas você venceu! Como você conseguiu?” (CURY, 2002, p. 31).
SD5	“Sem sonhos, a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por se omitir! Não tenha medo dos tropeços da jornada. Não se esqueça de que você, ainda que incompleto, foi o maior aventureiro da História” (CURY, 2002, p. 35).
SD6	“Quando temos um grande sonho, nenhum obstáculo é grande demais para ser superado” (CURY, 2002, p. 43).
SD7	“O mundo da emoção as palavras-chaves são "treinamento" e "educação". Você precisa treinar sua emoção para ser feliz. Você precisa educá-la para superar as perdas e as frustrações. Caso contrário, sua emoção nunca será estável e nem capaz de contemplar o belo nos pequenos eventos da rotina diária. Você contempla o belo?” (CURY, 2002, p. 22).
SD8	“Não milagre para mudar a personalidade, mas é possível treinar a emoção para ser feliz” (CURY, 2002, p. 62).
SD9	“Determine ser alegre, seguro, feliz. Dê um choque de lucidez em sua emoção, arquive novas experiências! Seja autor e não vítima de sua história” (CURY, 2002, p. 61).
SD10	“Você é uma pessoa forte e especial. Superar um câncer, uma crise emocional,

	uma crise financeira, um transtorno profissional, um conflito de relacionamento é uma tarefa fácil comparada às turbulências que enfrentou para conquistar a vida que pulsa dentro de você. Nunca se auto-abandone e nem jamais desista das pessoas que o rodeiam, por mais que elas, ocasionalmente, o decepcionem!” (CURY, 2002, p. 101).
SD11	“Talvez você esteja tão ocupado que nem ache tempo para dialogar consigo mesmo. É provável que você cuide de todo mundo, mas tenha se esquecido de você mesmo. Talvez seja bom você fazer um “ <i>stop</i> introspectivo”: pare e repense seriamente o que você tem feito com sua vida. Será que você não se auto-abandonou?” (CURY, 2002, p. 79).

Percebemos que nas SD1, SD2, SD3, há a predominância da FD da autoestima, a fim de confirmar essa hipótese separamos algumas expressões dessas sequências para uma possível interpretação de como se configura o discurso de autoajuda constituído pelo discurso capitalista.

A primeira expressão é retirada da SD1, *um dia foi o maior vencedor da Terra, o mais corajoso dos seres. Sabe quem? Você!* Compreendemos esse enunciado, levando em consideração a FD da autoestima, que ao se reconhecer como uma pessoa inferior e que nada dá certo em sua vida, que não consegue que deseja, esse indivíduo assume uma postura de perdedor, de fracassado.

Nessa perspectiva, para que o indivíduo alcance seus objetivos, seja ele de caráter financeiro, afetivo, físico, é preciso que ele acredite que é um *vencedor*, um ser que não perde as esperanças, sendo *mais corajosos dos seres*. Por isso o sujeito enunciatador do *corpus* de análise retoma o processo de fecundação do óvulo com o espermatozoide na SD4, para provar ao seu leitor, que ele é *vencedor* desde os primeiros instantes de sua existência e propõe ao leitor uma apresentação *da sua biografia*.

Percebemos aqui a presença do discurso científico, mais especificamente de uma FD biológica, que diz que a vida humana tem início através do encontro do óvulo com um espermatozoide. Esse processo de encontro dessas “duas células” é demonstrado pelo sujeito enunciatador de maneira fantasiosa e espetacular pelas imagens: de uma corrida, de um grande concurso, de uma eleição para presidente, como vemos na SD3: *Um dia você foi inscrito para participar do maior concurso do mundo, da maior corrida de todos os tempos* e na SD4: *Seria mil vezes mais fácil vencer as eleições para presidente de seu país. É incrível, mas você venceu!*

A perspectiva que o sujeito enunciador transmite ao seu leitor do processo de fecundação é perpassada interdiscursivamente pelo discurso científico e atravessada pelo discurso capitalista. O sujeito enunciador apresenta o processo que a ciência legitima sobre a vida, mas a coloca numa dimensão de competição, algo muito característico do discurso capitalista, como mesmo emerge na SD3: *eram mais de quarenta milhões de concorrentes. Pense nesse número. Todos tinham potencial para vencer e só um venceria.*

Ao utilizar atividades que demonstram caráter competitivo como da corrida, do concurso e da eleição, podemos afirmar que o sujeito enunciador apropria dessas imagens com o objetivo de mostrar para seu destinatário que se a sociedade atual é perpassada por um viés competitivo, isso não deve ser encarado como uma forma que se construiu socialmente, mas que já “nascemos” em meio à concorrência. Por isso, o sujeito enunciador procura convencer o leitor de que é preciso descobrir essa força interior que o faz um competidor nato, pois o capitalismo aparece de forma naturalizada e não como uma estrutura regimental de governo que pode ser questionada e desaprovada pelo leitor.

Dessa forma, nas SD1, SD2, SD3, SD4 o sujeito enunciador propõe aos seus leitores um reconhecimento de sua capacidade de lutar pelo que busca, pois desde a formação inicial de sua vida, a coragem, o esforço e a persistência faziam parte de sua existência.

Assim, o sujeito enunciador se apropria de enunciados cuja predominância é de uma FD da autoestima, tais como: (SD1) *capacidade descomunal em lutar pela vida*; (SD2) *você era o mais teimoso do mundo, sua garra era incrível*; (SD3) *todos tinham potencial para vencer e só um venceria*; (SD4) *talvez você nunca tenha imaginado, mas já participou da mais excitante e perigosa aventura da existência*; com o objetivo de convencer o leitor de que faz parte de seu ser a capacidade de almejar e conquistar seus anseios. Segundo Rüdiger (1996, p. 17), o discurso de autoajuda tem como base “o princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas”.

Constatamos também a estratégia do sujeito enunciador de comprovar para o próprio indivíduo que o que ele deseja é real, verdadeiro e possível, uma vez que, desde sua concepção, o potencial para ser uma pessoa corajosa, destemida, são

características fundantes de sua vida. Desse modo, o sujeito enunciador do discurso de autoajuda é alguém que detém conhecimento, trata-se de um sujeito enunciador seguro e confiante. Ao contrário do sujeito se que se encontra com baixa estima, sem rumo, desorientado, que necessita de alguém que o oriente e o ajude a encontrar seu caminho, por isso a necessidade da certeza. De acordo com Brunelli (2004), o sujeito enunciador do discurso de autoajuda é aquele que demonstra ser uma pessoa segura de si, que demonstra habilidade e conhecimentos sobre o outro, sobre as fragilidades do outro, assim faz uso da certeza ao enunciar e se compromete no que diz.

Entretanto, no *corpus* de análise encontramos duas sequências discursivas, SD5 e SD11, que fogem da regra da certeza, fazendo uso de um advérbio de dúvida: *talvez*. *Talvez fosse melhor desistir e se conformar com a derrota; Talvez você esteja tão ocupado que nem ache tempo para dialogar consigo mesmo*. Como já foi dito anteriormente, não é comum que o discurso de autoajuda se construa baseado em dúvidas, em questionamentos, pois o leitor de autoajuda procura por respostas.

Porém, analisando as SD5 e SD11, percebemos que, nesse caso, o advérbio de dúvida tem a função de provocar o efeito de sentido de certeza, pois ao levantar possível dúvida quanto à atitude do leitor frente aos acontecimentos, o sujeito enunciador dá margem a outras possíveis explicações, provocando no sujeito leitor uma dúvida com efeito de certeza, que o leva a acreditar que chegou à conclusão sozinho e não através de um encaminhamento do sujeito enunciador. De acordo com Furloni (2009, p. 162), “esse tipo de recurso gera no sujeito-leitor o efeito de ilusão de controle de seus pensamentos e conclusão”.

Como já mencionamos, a palavra adquire sentido dependendo das condições linguageiras, sociais, culturais e ideológicas nas quais ela está inserida. A palavra sonho, apresentada nas SD5 e SD6, vincula-se ao discurso capitalista que possui significado de alcance dos objetivos, de se traçar e atingir metas. Nas expressões *sem sonho, a vida não tem brilho; quando temos um grande sonho, nenhum obstáculo é grande demais para ser superado*, percebemos que qualquer pessoa, independente de sua classe social, nível de escolaridade ou profissão, deve almejar um *grande sonho*, ou seja, não é qualquer sonho, mas um sonho que ultrapasse qualquer expectativa, por exemplo, ser um grande empresário, tornar-se um milionário, ter um casamento perfeito, ter uma posição social de destaque, entre outros.

Além disso, o discurso de autoajuda preconiza que todo aquele que busca viver seus sonhos com firmeza, e o busca com fé, é capaz de conquistá-lo, de modo bastante generalizado. Mas, segundo os princípios que operam nos dizeres de autoajuda, para conseguir o que se deseja, aquele que almeja conquistar seus sonhos, deve estar ciente de que é o único responsável por isso. Sendo assim, deve tomar posição de sua vida e lutar por aquilo que sonha. A proposta de realização do sonho individualizado distante da maioria dos indivíduos, que na sua maioria são desejos quase impossíveis de serem alcançados, diz sobre um posicionamento discursivo capitalista que, para sua manutenção, faz com que as pessoas almejem cada vez mais bem estar econômico e prestígio social, de maneira particular e individual.

Podemos certificar que o discurso de autoajuda reforça e legitima o individualismo, apropriando-se interdiscursivamente do discurso capitalista e com ele travando um (in)tenso diálogo, pois, na nossa sociedade, o discurso capitalista é propagado ao se colocar em evidência os desejos individuais como necessidades. Assim, pode ser justificado o desejo de buscar e seguir um sonho desconsiderando o outro ou a qualquer preço ou custo, pois, para a autoajuda, todos podem e possuem dentro de si a competência para conquistar o que almeja e o discurso capitalista ressoa na autoajuda “para ser é preciso ter”. O outro não faz parte do processo da autoajuda; o outro é apagado no discurso de autoajuda pelo viés dialógico e interdiscursivo com o discurso capitalista: o outro é seu rival, seu adversário, seu concorrente (desbakhtinianamente, pois o outro pode até se constituir rival socialmente inscrito do sujeito, desde que por meio do diálogo e da interação, nunca pelo individualismo).

Essa relação dialógica e interdiscursiva com o discurso capitalista perpassa e constitui o discurso de autoajuda de *Você é insubstituível* por meio de determinadas vozes e dizeres, como os expressos nas seguintes sequências discursivas: (SD5) *melhor é errar por tentar do que errar por se omitir*; (SD6) *seja autor e não vítima de sua história*. Por isso, o discurso capitalista se utiliza de um jogo discursivo que aparentemente exalta o leitor de autoajuda com a expressão *seja autor*, que na nossa sociedade é alguém que possui conhecimento e respeitado por seus dizeres. Diferente de *vítima*, que produz o sentido de alguém passivo ou que sofreu alguma injustiça.

Ao sugerir que o leitor se reconheça como autor de sua história, o discurso de autoajuda funciona numa concepção de que todas as situações da vida do indivíduo,

seja de cunho econômico, afetivo, social etc., são unicamente responsabilidades do próprio sujeito, ou seja, se o indivíduo conquista ou perde alguma coisa que deseja, ele é o *autor*, o responsável, tanto por seu sucesso como por seu fracasso. Há, sobretudo, um apagamento da esfera social em que vivem os sujeitos. Autoconhecimento, autodomínio, autossuficiência, autodeterminação, autodidatismo, autoanálise, autoterapia, autobiografia surgem como mecanismos e instrumentos para que os sujeitos possam se autoajudar. Esses mecanismos contribuem para firmar um discurso centrado exclusivamente no indivíduo, um discurso, por excelência meritocrático.

A meritocracia diz que aquilo que o indivíduo realiza (obté) é por méritos próprios, por sua força interior, não por fatores externos a ele. Essa ideia traz em sua concepção a justificativa do por que que alguns alcançam seus objetivos e outros não, pois os que conseguem são aqueles que tiveram fé em si mesmos e que buscaram a qualquer custo seus sonhos. Já “os indivíduos que não são ‘realizados’ são aqueles que não tiveram fé em si mesmos, que não acreditaram em sua força transformadora, ou não tiveram coragem de mudar, e preferiam ficar onde sempre estiveram” (FURLONI, 2009, p. 165). Portanto, é preciso tentar sempre, não desistir nunca, pois, na concepção do discurso de autoajuda em interdiscursividade com o discurso capitalista parece que tudo se passa como se “os problemas com que o indivíduo luta, embora se origemem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal, que não tem nada a ver com a realidade” (RÜDIGER, 1996, p. 17).

Nas SD7 e SD8 o sujeito enunciador utiliza as expressões “treinamento” e “educação” no sentido de que o indivíduo consiga dominar sua emoção a ponto de atingir a felicidade. Nesse sentido, uma pessoa feliz é aquela que consegue direcionar suas emoções a tal ponto que é capaz de superar *as perdas e frustrações*. O sujeito enunciador<sup>9</sup> do *corpus* de análise possui na sua formação acadêmica o curso de psicologia e trabalha com ferramentas da psicologia organizacional, dentre elas, a de treinamento. Podemos então verificar a interdiscursividade do discurso científico na relação entre o discurso capitalista e o discurso de autoajuda.

---

<sup>9</sup> Augusto Cury, enunciador do texto de análise *Você é insubstituível*, apresenta-se como psiquiatra, cientista e autor. É também fundador da Academia de Inteligência, um instituto que promove treinamento de psicólogos, educadores e profissionais da área de recursos humanos.

Atualmente, no mercado organizacional o treinamento dos trabalhadores compreende desde o aprendizado na execução de tarefas específicas como manuseio de máquinas industriais até referente a como lidar e se comportar diante de diferentes situações de conflito, desenvolvendo autocontrole, boas relações interpessoais, entre outros. Das concepções que envolvem o treinamento, a corrente behaviorista de Skinner (ciência do comportamento) é a mais utilizada entre os executores desse tipo de prática.

Grosso modo, na visão behaviorista o comportamento pode ser controlado e previsto, por meio do controle das variáveis presentes no ambiente. Por isso, através do controle das situações do ambiente é possível a manutenção do comportamento desejado. Para os behavioristas, o comportamento é apreendido, através da repetição. Nessa perspectiva, é preciso *treinar*, ou seja, repetir para aprender.

Esse processo, segundo o enunciador do discurso de autoajuda, não acontece de maneira rápida, pois se utiliza da palavra *milagre* na SD8 para dizer que a mudança verdadeira não acontece de uma hora para outra, mas que é necessário treinar a emoção para que a mudança da personalidade ocorra. O termo *milagre* é utilizado no discurso religioso, para designar algo impossível de acontecer naturalmente, mas que com a intervenção divina se concretiza. Na SD8 o enunciador reutiliza essa palavra a fim de legitimar e reforçar a prática da repetição, como forma de alcance da felicidade.

Nas SD7 *you need to train your emotion to be happy* e SD8 *it is possible to train your emotion to be happy*; a felicidade é apresentada como algo a ser adquirido pelo uso da razão, isto é, pelo uso da razão é possível dominar a emoção e fazer dela o que bem entender. Dessa forma, no discurso de autoajuda é construído o sujeito da racionalidade, da criatividade, da autossuficiência, do autodomínio, da liderança, aquele que é capaz de alcançar unidade e sucesso sobre si mesmo.

A racionalização e o planejamento diário dos atos e comportamentos do sujeito são heranças legadas do iluminismo que surgem aqui como forma de manutenção do discurso capitalista na autoajuda. A ideologia iluminista que perpassa o discurso de autoajuda tem como princípio de que todo ser humano é livre para escolher e possui os mesmos direitos, sendo capaz de conseguir tudo que deseja pelo uso da razão. Essa premissa favorece principalmente a classe burguesa, que usufrui das possibilidades que o capital lhe oferece (posses, bons estudos, bens, bens de consumo etc.) por meio do trabalho dos assalariados.

Como podemos verificar, na SD9, no recorte *determine ser alegre, seguro, feliz*, ou seja, a felicidade, a segurança, é questão de vontade e determinação. É por meio da capacidade de decisão (racionalizar) que o indivíduo conseguiria se autoconhecer e conseqüentemente saberia agir em todas as situações cotidianas. O sujeito gerado pelo discurso de autoajuda é aquele capaz de dar conta de si mesmo, e de romper com as estruturas apresentadas como repressoras, por isso, esse discurso “produz o sujeito autodisciplinador, vigilante de si mesmo, capaz de voltar-se para sua própria interioridade para buscar nela sua verdadeira identidade.” (DUARTE, 2008, p. 135).

Na SD10, o sujeito enunciador apresenta vários tipos de sofrimentos: *superar um câncer, crise emocional, crise financeira, transtorno profissional, conflito de relacionamento*; numa mesma relação de igualdade. Como se uma doença grave da ordem do corpo, da existência, pudesse ser equiparada a uma crise financeira. Assim, o enunciador homogeneiza situações que normalmente produzem sofrimento ao indivíduo e as coloca como uma *tarefa fácil*.

Podemos fazer dialogar a SD10 com a SD9 que na expressão *seja autor da sua história* coloca no indivíduo as responsabilidades por tudo que lhe acontece. Portanto, uma pessoa que não consegue tratamento médico para enfrentar uma doença, por motivos financeiros, ou situações de desemprego devido ao avanço tecnológico e conseqüentemente a troca da mão de obra humana, para o maquinário, ao entrar em contato com os enunciados apresentados pelo enunciador poderá se culpabilizar por tudo que lhe acontece. Sendo que, na verdade, o sujeito não tem o aparato social.

Essa estratégia de apresentar ao sujeito que qualquer situação a que for exposto pode ser superada, faz parte do movimento de constituição do discurso capitalista na composição do discurso de autoajuda. Como vimos, as condições de produção em que esse sistema econômico dominante se instaura é baseado na premissa de que é preciso lucrar a qualquer custo, mesmo que para isso os donos de produção tenham que massificar, precarizar e desvalorizar as condições de trabalho da mão de obra do trabalhador. No entanto, esse processo é mascarado através de recursos que fazem com que os indivíduos se sintam valorizados e respeitados, por exemplo, por meio de premiações, funcionário destaque do mês, entre outros mecanismos.

No Brasil, a jornada de trabalho em média é de oito horas por dia, perfazendo uma carga horária de 40 horas semanais, diante disso, a maioria dos

indivíduos que trabalham nessa quantidade de horas passa a maior parte de seu tempo nas organizações. Nessas condições, o enunciado da SD11, *talvez você esteja tão ocupado que nem ache tempo para dialogar consigo mesmo*, traz a inferência do sujeito enunciatador a respeito das atitudes do indivíduo: *é provável que você cuide de todo mundo, mas tenha se esquecido de você mesmo*. E propõe ao seu leitor um caminho: *Talvez seja bom você fazer um "stop introspectivo"*.

Como vimos, ao utilizar o advérbio “talvez”, o enunciatador o utiliza como mecanismo para que o próprio indivíduo se sinta dono de sua resposta. E, ainda, utiliza o verbo “será” que complementa a que ele quer atingir: que o indivíduo acredite ser ele que descobriu que é necessário olhar para dentro de si e verificar o que deve ser modificado. Nesse sentido, o leitor é levado a pensar que não são as condições de trabalho, o tempo gasto para que os donos de produção tenham cada vez mais capital, mas que o indivíduo deve olhar para si e resolver qualquer problema ou frustração somente na relação intrapessoal, desvinculando-se do social.

Por isso, o sujeito enunciatador, por diversas vezes, posiciona-se de modo a levar o leitor a se questionar sobre si mesmo, como acontece nas SD3: *Será que você era mais um número na multidão ou tinha algo especial?*; SD4: *Como você conseguiu?*; SD7: *Você contempla o belo?*; SD11: *Será que você não se auto-abandonou?* Ao mesmo tempo em que o sujeito enunciatador questiona um pretense sujeito leitor, ele apresenta também uma possibilidade de resposta de cunho positivo: SD1: *Deixe-me contar alguns fatos relevantes da sua biografia que talvez você desconheça!*; SD4: *É incrível, mas você venceu!*; SD2: *A palavra desistir não fazia parte do seu dicionário genético*. Diante disso, o sujeito enunciatador posiciona-se de modo a orientar aqueles que não conseguem perceber seu potencial e acreditar que podem mudar de vida.

O discurso constituinte capitalista pode ser visto como um dos discursos que tentam validar o discurso de autoajuda, sendo, no *corpus* em estudo, atravessado pelos discursos religioso e científico. Observamos, portanto, uma relação dialógica e interdiscursiva entre os discursos capitalista, religioso e científico que constituem o discurso de autoajuda. Podemos pensar que, por meio das sequências discursivas analisadas, o discurso de autoajuda produz determinados sentidos que são construídos a partir dessa relação dialógica e interdiscursiva com o discurso capitalista: o discurso de autoajuda, em última análise, atende aos interesses da classe elitista burguesa que visa

se manter dominante e por isso propaga um estado de felicidade que supera os sofrimentos, apagando a esfera da condição social da má distribuição de renda para a população.

### **2.3. “Cada ser humano possui um mundo único no palco da sua alma e espírito”: análise do discurso religioso**

Nessa seção, buscamos analisar a interdiscursividade religiosa presente no *corpus* de análise, para isso, estabelecemos uma reflexão sobre o discurso religioso a partir dos postulados dos alemães Ludwing Feuerbach e Sigmund Freud.

Ludwing Feuerbach apresenta em seu texto *A essência do cristianismo*, o fenômeno religioso como uma questão puramente humana. Essa premissa é debatida durante todo o texto, onde o autor vai destituindo a origem transcendental e o caráter sobrenatural da religião, para uma construção dos fenômenos religiosos com feições humanas e interpretados como respostas às necessidades profundas do ser humano religioso, que se julga incapaz de resolver, com os meios disponíveis na existência real, seus conflitos.

Segundo Feuerbach (2007, p. 44), “a consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento que o homem tem de si mesmo”. Portanto, a compreensão religiosa não passa de uma ilusão, ou seja, não foi Deus que criou o ser humano, mas o ser humano quem o criou. Diante dos conflitos provenientes da natureza, o homem, a respeito do conhecimento da origem da vida, do mistério da morte, dos fenômenos naturais, a fim de minimizar essa angústia frente ao desconhecido, cria os deuses.

Essa postura filosófica de Feuerbach sobre o fenômeno religioso teve como forte influência as ideias iluministas. O iluminismo tinha como principal objetivo iluminar as trevas, através do uso da razão. Se antes a vida era explicada pelos argumentos metafísicos, transcendentais, e nada era contestado, mas tratado como dogma de fé, com a queda de Deus como o centro do universo, a razão passa a ser detentora do conhecimento, e ocupa um lugar de poder na era moderna.

O pensamento iluminista foi difundido como um momento de extrema liberdade, igualdade e fraternidade, ou seja, todos os seres humanos são livres e possuem os mesmos direitos, vivendo num clima de harmonia e cooperação mútua, mas ao mesmo tempo, o ser humano era livre também para defender interesses particulares. Essa concepção ideológica iluminista favorecia principalmente a burguesia, sendo que esse discurso de liberdade é perpetuado atualmente, principalmente, pelos países capitalistas.

Ao percorrer as reflexões iluministas, Freud busca compreender o surgimento das religiões através do *mito da horda primeva*. A horda primeva é formada por um grupo de irmãos que vivem sob a violência e a repressão sexual de um pai que vigia e usufrui de todas as mulheres do clã. Indignados com essa situação, os filhos matam e devoram o pai.

O sentimento de culpa e ausência do pai, gerados por esse ato criminoso, faz com que esses irmãos se unam para estabelecer um pacto ao pai morto. Assim, “o pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizaram a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força” (FREUD, 1976, p. 170). Dessa forma, na concepção freudiana a religião nasce dessa ausência, de um vazio, acompanhado por um sentimento de culpa, em manterem a imagem do pai vivo, quando, o pai morto é mais forte que o “vivo”.

Para Freud, o homem adere à religião para lidar com a natureza e o destino, a fim de tornar a existência mais confortável, mantendo-se seguro a partir das explicações metafísicas a respeito de seu desamparo. Por isso, a religião é um vínculo, entre “o mundo profano e o mundo sagrado, isto é, a natureza (água, fogo, ar, animais, plantas, astros, metais, terra, humanos) e as divindades que habitam a natureza ou um lugar separado da natureza” (CHAUÍ, 2000, p. 380).

Tanto Freud como Feuerbach veem a religião como uma ilusão que garante ao sujeito que crer diz respeito a uma necessidade de proteção (proporcionada pelo pai/Deus), frente aos perigos da vida: é a crença que remedia a impotência humana ao enfrentar os percalços do universo. Para esses autores, todas as religiões se assemelham por serem produções humanas, e por conceberem a divindade como uma entidade sobrenatural.

Atualmente, existem milhares de denominações religiosas, sendo que a mais expressiva no Brasil é o cristianismo. O cristianismo tem como figura central Jesus Cristo, dessa denominação surgiram muitas outras ramificações como o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo, entre outras.

No Brasil, o catolicismo chega simultaneamente com o desbravamento de suas terras, já que Portugal tinha estreita ligação com a Igreja Católica Apostólica Romana. Os religiosos jesuítas são os primeiros cristãos católicos a adentrarem em solo brasileiro com a missão de catequizar os indígenas. Nessa época, a relação entre Igreja e Estado era estreita, numa parceria de conveniência, a igreja ofertava serviços de registro de nascimento, mortes e casamento, atendimento e manutenção dos hospitais. Em contrapartida, o Estado oferecia terras para construções de novas igrejas e também a nomeação de bispos e padres para cargos políticos.

Diante disso, a Igreja Católica exercia forte poder e influência nas decisões estatais, se mantendo ao lado da ideologia dominante. Apesar de formalmente ter ocorrido a separação entre a Igreja e o Estado em 1889 na proclamação da República, percebemos que muitas de suas crenças e tradições permanecem ligadas às leis brasileiras. Portanto, o discurso religioso católico brasileiro tem em suas origens o vínculo de suas práticas religiosas atreladas a interesses políticos/estatais, fortalecendo o modo de produção em vigência.

O discurso religioso, por se tratar de um campo discursivo que trabalha com questões referentes à fé e à crença, tem como uma de suas características, enunciados que fazem emergir a ideia de certeza e confiabilidade. A partir disso, enquanto as atividades da vida humana falham como, por exemplo, a medicina, o setor econômico, o sujeito procura na religião respostas para os seus anseios. De acordo com Bakhtin/Volochínov (2006), todo e qualquer discurso possui significações ideológicas, ou seja, traduz uma concepção de mundo e de que maneira lidar com a realidade. Nesse sentido, dependendo do posicionamento ocupado pelo sujeito do discurso, ele se inscreverá nos valores ideológicos desse ou daquele grupo religioso, sempre os tomando como um valor de verdade.

As religiões, nesse caso, são vistas como possibilidade de mudanças, de melhoria de vida, sendo, principalmente, no cenário de frustrações, que as alternativas religiosas apresentam caminhos. Assim, o indivíduo se inscreve no campo discursivo de

“fiel à igreja” e a procura nos momentos de sofrimentos e crises financeiras, afetivas e amorosas. Como afirma França<sup>10</sup> (2009, p. 12):

Diversos estudos sociológicos reconhecem que, no Brasil, as religiões são fontes de orientação de condutas e de legitimação das mudanças e transformações da sociedade. Os féis procuram as religiões, muitas vezes, para suprir aquilo que o mundo laico não pode lhe oferecer.

Enquanto os estudos sociológicos acerca das religiões e suas formas de divulgação orientam e esclarecem sobre seus modos de adentrarem no âmbito social, ao analisar o discurso religioso, observamos seu funcionamento numa memória discursiva que independe de classe social do fiel. Dessa forma, a adesão à religião não diz respeito à classe social e ao nível de escolaridade do sujeito, mas de uma busca de orientações de como viver e agir no mundo.

Procuramos destacar no *corpus* de análise sequências discursivas que evidenciem a presença do discurso religioso na constituição do discurso de autoajuda. Desse modo, podemos perceber que o discurso religioso se apresenta como constituição enunciativa do discurso de autoajuda com função idêntica a do discurso capitalista e científico: enquanto discurso constituinte. Diante disso, o discurso religioso é utilizado para validar os dizeres do discurso de autoajuda. A seguir, faremos a análise das sequências discursivas descritas abaixo.

<b>Sequência Discursiva</b>	
SD1	“Ao aprender a amar, o homem derramará lágrimas não de tristeza, mas de alegria. Chorar não pelas guerras nem pelas injustiças, mas porque compreendeu que procurou a felicidade em todo o universo e não o encontrou. Perceberá que Deus a escondeu no único lugar em que ele não pensou em procurá-la: dentro de si mesmo” (CURY, 2002, p.11).
SD2	“Pisou nesta Terra um excelente mestre da emoção. Ele conseguia erguer os olhos e enxergar o belo num ambiente de pedras e areias. No auge da fama e sob intensa perseguição, ele fazia pausas e dizia: “Olhai os lírios do campo”. Somente alguém plenamente feliz e em paz é capaz de gerenciar seus pensamentos e fazer de uma

<sup>10</sup> Apesar de França (2009) trabalhar especificamente com o discurso religioso evangélico protestante em sua dissertação de mestrado “Sentidos do signo ‘Dízimo’ no jornal Folha Universal”, e um dos objetos de estudo ser a análise interdiscursiva do discurso religioso católico, consideramos relevante trazer para essa discussão, pois as duas igrejas pertencem a uma mesma raiz fundadora (o cristianismo) e por fazerem parte da mesma instância discursiva: a do discurso religioso.

	pequena flor um espetáculo aos seus olhos” (CURY, 2002, p. 23).
SD3	“Se alguém lhe bloquear a porta, não gaste energia com o confronto, procure as janelas. Lembre-se da sabedoria da água: a água nunca discute com seus obstáculos, mas os contorna. Quando alguém o ofender ou frustrar, “você” é a água e a pessoa que o feriu é o obstáculo! Contorne-o sem discutir. Aprenda a amar sem esperar muito dos outros” (CURY, 2002, p. 69).
SD4	“Todo ser humano passa por turbulências em sua vida. A alguns falta o pão da mesa; a outros, a alegria da alma. Uns lutam para sobreviver. Outros são ricos e abastados, mas mendigam o pão da tranquilidade e da felicidade. Que pão falta em sua vida?” (CURY, 20, p. 7).
SD5	“Por que muitos falharam em conquistar a felicidade? Porque quiseram o perfume das flores, mas não quiseram sujar suas mãos para cultivá-las; porque quiseram um lugar no pódio, mas desprezaram a labuta dos treinos. Precisamos aprender a navegar nas águas da emoção se quisermos ter qualidade de vida no mundo estressante em que vivemos” (CURY, 2002, p. 20).
SD6	“Todavia, é possível que, hoje, você veja seus obstáculos e tenha se tornado um especialista em reclamar e não em agradecer. Por isso, não consegue deixar de falar da crise financeira, das pessoas que o machucam e das frustrações da vida. Talvez você gaste energia excessiva com as críticas que recebe e com coisas que prejudicam o encanto pela vida. Desperte!” (CURY, 2002, p. 44).
SD7	“Cada ser humano possui um mundo único no palco da sua alma e espírito. Descubra-o. Reis e súditos, miseráveis e abastados são igualmente ímpares. Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie. Quem almeja ver dias felizes precisa aprender a amar a sua espécie tanto quanto o seu grupo social” (CURY, 2002, p. 64).
SD8	“Há dois tipos de sabedoria: a inferior e a superior. A sabedoria inferior é dada pelo quanto uma pessoa sabe e a superior é dada pelo quanto ela tem consciência de que não sabe. Tenha a sabedoria superior. Seja um eterno aprendiz na escola da vida. A sabedoria superior tolera, a inferior julga; a superior alivia, a inferior culpa; a superior perdoa, a inferior condena” (CURY, 2002, p. 67).
SD9	“Temos que aproveitar as oportunidades que a vida nos oferece. Precisamos encontrar os oásis em nossos desertos. Os perdedores veem os raios. Os vencedores veem a chuva e com ela a oportunidade de cultivar. Os perdedores paralisam-se diante das perdas e dos fracassos. Os vencedores veem uma oportunidade para começar tudo de novo” (CURY, 2002, p. 96).
SD10	“Ainda que você tenha vários defeitos, cometa alguns erros e, em alguns momentos, seja derrotado pela ansiedade, não há duas pessoas iguais a você no palco da vida. Se você não existisse, o universo não seria o mesmo” (CURY, 2002, p. 107).
SD11	“Sem o perdão, o monstro do passado eclodirá em seu presente e controlará seu futuro. Qual é a melhor forma de enfrentar o inimigo? É perdoá-lo. A palavra-chave para perdoá-lo não é perdoá-lo, mas compreendê-lo. Ao compreendê-lo, você o perdoa. Se o perdoa, ele morre dentro de você e renasce de outra forma.

Caso contrário, seu inimigo dormirá com você” (CURY, 2002, p. 68).
--

A nosso ver e seguindo os estudos de Brunelli (2004), o discurso de autoajuda se apropria do discurso religioso para promover a validação de seu próprio discurso, pois o discurso de autoajuda apresenta verdades que precisam ser confirmadas por um discurso o qual não se questione. Assim é com o “discurso religioso, com a fé, as crenças, visto que ninguém questiona o discurso religioso por ser um discurso calcado na fé, não na ciência.” (FURLONI, 2009, p. 180).

O sujeito enunciador do texto de análise *Você é insubstituível* apresenta o caminho para que o sujeito encontre a felicidade dentro de si mesmo. Assim, quem acredita que vai conseguir desprender das coisas exteriores encontrará o que deseja. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença na capacidade absoluta em reverter a realidade de modo individual. Como podemos constatar na SD1, *ao aprender a amar, o homem derramará lágrimas não de tristeza, mas de alegria. Choraré não pelas guerras nem pelas injustiças, mas porque compreendeu que procurou a felicidade em todo o universo e não o encontrou. Perceberá que Deus a escondeu no único lugar em que ele não pensou em procurá-la: dentro de si mesmo.*

A visão de felicidade é compreendida pelo sujeito enunciador como algo a ser atingido, pois o sujeito a encontrando dentro de si viverá num estado feliz. Na sequência discursiva acima é possível observar o deslocamento que o discurso de autoajuda opera em relação ao discurso religioso, pois no discurso religioso o sujeito nunca está só, mas acompanhado por Deus. No discurso de autoajuda, a proposta é que o sujeito busque uma prática de fé que o faça olhar somente para si, para seus interesses, em busca de tranquilidade, de paz interior, *perceberá que Deus a escondeu no único lugar em que ele não pensou em procurá-la: dentro de si mesmo.*

Essa prática interior relaciona-se também com o discurso capitalista que, para se fortalecer, incute nos sujeitos a ideia de que uma vida feliz só depende de cada um. Sob essa perspectiva, questões sociais (miséria, tragédias naturais etc) devem ser abominadas da mente do sujeito que busca viver bem consigo mesmo: *Choraré não pelas guerras nem pelas injustiças.*

O discurso religioso que perpassa toda a obra é de cunho cristão, marcado por termos religiosos e citações bíblicas como na SD2: *Pisou nesta Terra um excelente*

*mestre da emoção. Ele conseguia erguer os olhos e enxergar o belo num ambiente de pedras e areias. No auge da fama e sob intensa perseguição, ele fazia pausas e dizia: “Olhai os lírios do campo”.*

Ao dialogar com o texto bíblico o sujeito enunciador faz referência de forma marcada ao fragmento bíblico de Mateus capítulo 6, versículo 28, “Olhai os lírios do campo”. Ao registrar esse enunciado entre aspas, notamos a presença de uma heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990), ou seja, as marcas linguísticas do outro são visíveis por meio do uso das aspas. Porém, o sujeito enunciador não menciona a fonte de onde retirou a citação, não oferecendo a possibilidade ao leitor de verificar o trecho na composição da obra fonte.

Apesar do discurso religioso ser consolidado, ele é constituído também pela presença de outros discursos, de modo dialógico e interdiscursivo, pela presença de vozes outras e dizeres outros, principalmente, pelo discurso bíblico, cuja palavra é algo extremamente significativo: a palavra bíblica é a ferramenta pela qual se constroem as relações de compromisso do sujeito com a religião.

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2006), a palavra é fruto das relações na sociedade. Assim,

A palavra é o fenômeno por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida pela por sua função de signo. A palavra não comporta nada do que não esteja ligado a sua função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 36).

A palavra de um representante religioso (papa, pastor, padre, médium) possui um teor de verdade intocável, pois é alicerçada pelas palavras bíblicas. Jesus não escreveu nenhum livro, mas sua palavra se mantém viva por meio dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, de modo oficial, sem considerarmos aqui os livros apócrifos que resultariam em um outro debate sobre o discurso religioso oficial e o não-oficial perante as ideologias da Igreja. São palavras que nasceram das vivências e pregações que se materializam de forma mais complexa nos textos bíblicos.

A partir disso, ao apropriar-se das palavras de Jesus, através das referências bíblicas, o sujeito enunciador de *Você é insubstituível* não apresenta somente palavras, mas valores que são constituídos a partir de concepções ideológicas. Pois, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e serve de trama a todas as

relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 42). Portanto, a palavra é um signo que recebe vários sentidos, pois representa um lugar valorativo a partir de um contexto histórico-ideológico. Por isso, ao analisar o discurso religioso presente no discurso de autoajuda, é necessário ir além da materialidade das palavras, a fim de detectar as questões interdiscursivas que perpassam o discurso religioso, por exemplo, a manutenção do poder ideológico da Igreja.

Na obra em análise, o sujeito enunciador propõe ao indivíduo evitar o confronto com o outro, como vemos na SD3: *se alguém lhe bloquear a porta, não gaste energia com o confronto, procure as janelas. Lembre-se da sabedoria da água: a água nunca discute com seus obstáculos, mas os contorna. Quando alguém o ofender ou frustrar, “você” é a água e a pessoa que o feriu é o obstáculo! Contorne-o sem discutir. Aprenda a amar sem esperar muito dos outros.*

Bakhtin apresenta o sujeito que se constitui com o outro através da interação verbal “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117).

É na interação que o sujeito se constitui, forma sua identidade, num processo contínuo, a partir das relações desde o nascimento com outros sujeitos, num constante diálogo que não exclui a harmonia ou compreensão mútua, mas que segundo Sobral (2006), é principalmente lugar de tensões, uma arena de vozes um campo de luta de confronto entre diferentes, somos seres que vivem e se constituem nas relações com os outros, que se formam nos diálogos que travam ao longo da vida.

O discurso religioso utilizado pelo sujeito enunciador se manifesta através da formação discursiva religioso-cristã mediante determinadas palavras, como *pão, alma, espírito, sabedoria: inferior e superior, perdão, inimigo*. Na SD4 a palavra *pão* é imbuída de sentidos que dizem respeito a sua inscrição na formação discursiva religiosa cristão-católica que tem o *pão* como um símbolo sagrado. Esse símbolo é utilizado nas celebrações religiosas católicas e por uma questão de fé é transformado no “corpo de Cristo”, por isso, o pão como alimento do corpo físico, já não é mais o mesmo quando consagrado, tornando-se alimento do espírito. Diante disso, o sujeito enunciador utiliza a expressão *o pão da tranquilidade*.

Podemos afirmar que há uma modificação do sentido de *pão* enquanto pertencente a uma FD religioso-católica, ao qual lhe é atribuído o pão da partilha, da comunhão com os irmãos, que memorifica a vivência dos cristãos. Nesse sentido, o pão é sinônimo de vivência com a comunidade, somente em comunidade se consagra o pão e nunca de maneira individualizada. Ao reutilizar esse termo, o discurso de autoajuda, o modifica dando-lhe outro sentido: *pão* está sendo usado como sinônimo de falta e não de partilha como vimos na FD religiosa cristão-católica. Portanto, o enunciador faz uso do discurso religioso, por ser um discurso que não dá margem para discussão e para a dúvida, relacionando-se de modo específico ao discurso capitalista, sob a marca do individualismo, propagado e vendido pelo discurso de autoajuda.

Na perspectiva do sujeito enunciador todas as pessoas possuem algum tipo de dificuldade, como vemos na SD4: *Todo ser humano passa por turbulências em sua vida*. Tanto o pobre, o miserável quanto o rico possuem turbulências a serem enfrentadas. Cada um passa por dificuldade seja pela falta do *pão da mesa; alegria da alma; pão da tranquilidade; pão da felicidade*. Percebemos novamente que o sujeito enunciador utiliza questões extremamente antagônicas, ou seja, de situações que dizem respeito a necessidades básicas do ser humano, como alimentação, comparando-as com situações de falta de tranquilidade e felicidade da classe social burguesa (ricos e abastados). Como vimos em algumas sequências discursivas que analisamos sobre o discurso capitalista no item anterior deste capítulo, o sujeito enunciador coloca no mesmo patamar acontecimentos diferentes, de natureza social distanciadas, sendo tratados com a mesma estratégia: “confie em si mesmo que tudo se resolverá”.

Portanto, ao se apropriar do discurso capitalista e do discurso religioso, o discurso de autoajuda marca sua estratégia de validação do que diz ao seu leitor, pois, assim, tenta garantir que a proposta do discurso de autoajuda é legítima e verdadeira. Como mesmo afirma Duarte (2008, p. 105):

O conhecimento religioso, do ponto de vista dos sujeitos inscritos na religião, apoia-se numa verdade revelada, que por ser doada por uma divindade, que não pode errar sem que se anule enquanto divindade, é considerado totalmente verdadeiro e indiscutível – é assim um conhecimento valorativo, inspiracional, considerado infalível e absoluto. Há nele uma sistematização ao explicar a origem, o significado e a finalidade do universo e das pessoas e da vida. O fundamento do discurso religioso é a fé, a certeza absoluta de que não pode ser falso, já que a divindade que o revela é onisciente; por isso, as

verdades que compõem o conjunto das doutrinas religiosas não são verificáveis nem tão pouco contestadas. (DUARTE, 2008, p. 105).

Nas SD5, SD6 e SD9, o sujeito enunciador faz referência ao processo que o indivíduo deve passar para se chegar à felicidade. Segundo o sujeito enunciador é necessário *aprender a navegar nas águas da emoção se quisermos ter qualidade de vida*, e isso só ocorrerá a partir de muito treino e luta pelo que deseja. Assim, se o indivíduo se esforçar ele terá a vitória, alcançará o *pódio*, terá o *perfume das flores*. Percebemos, portanto, que o importante é olhar para o que se deseja e seguir em frente independentemente das condições de existência do indivíduo, ou do que ele enfrentará para conquistar seus objetivos. É acreditar no caminho da felicidade e aceitar tudo que implica na realização desse desejo.

A interdiscursividade religiosa perpassa a SD5, pois, nesse discurso, tudo é encarado como providência para se chegar ao que se deseja: nada vem de graça, é pelo sofrimento, pelo sacrifício do corpo e do espírito, pelo esforço que se chega ao que almeja. Se o indivíduo não alcançou seu objetivo é porque não está no caminho certo, no caminho de Deus. No discurso religioso o importante é estar vigilante para aproveitar as oportunidades que Deus coloca no caminho do fiel, se ele não percebeu os sinais é porque não está em sintonia com Deus.

Na SD6 o sujeito enunciador propõe ao indivíduo deixar de *reclamar* e aprender a *agradecer*. A gratidão por tudo que acontece ao indivíduo é uma marca do discurso religioso-cristão que, nesse caso, é apropriado pelo discurso da autoajuda. O indivíduo religioso acredita que todos os acontecimentos da vida são providenciados por Deus, por isso, não há o que temer, é necessário somente aceitar tudo que a vida lhe oferecer. Assim, o sujeito enunciador retoma essas posições religiosas em um diálogo com o leitor: ao leitor cabe se encantar pela vida, mesmo em meio a obstáculo, dificuldades. No diálogo de constituição do discurso de autoajuda com o discurso religioso é notório o apagamento que o discurso de autoajuda faz do sujeito. Como estamos pontuando até então, o tratamento do discurso de autoajuda na relação dialógica com o discurso religioso se dá pelo viés da marca do indivíduo, sem rosto, sem nome, então, sem identidade, sem história, sem sociedade.

De acordo com a SD9: *Temos que aproveitar as oportunidades que a vida nos oferece. Precisamos encontrar os oásis em nossos desertos*. O sujeito enunciador vê

o deserto como forma de aperfeiçoamento e aprendizado para se valorizar as coisas boas. Sendo assim, de acordo com o discurso de autoajuda em interdiscursividade com o discurso religioso, os acontecimentos ruins (desertos) também são bons (oásis), pois ajudam o ser humano a aprender a valorizar os acontecimentos bons. Dessa forma, o aprendizado ocorre com todos os acontecimentos, sejam eles bons ou ruins, ou seja, o sujeito que consegue extrair coisas boas de acontecimentos ruins é um vencedor.

Mais uma vez, o sujeito enunciador apresenta ao seu leitor o que é uma pessoa vencedora, na análise da SD3 feita no tópico sobre discurso capitalista, vimos que o discurso de autoajuda tenta fazer crer que nascemos naturalmente vencedores, ou seja, o fracasso não faz parte do itinerário de uma pessoa que aprendeu a dominar a emoção. Nesse sentido, o sujeito enunciador estigmatiza os seres humanos em dois grupos: de um lado, os perdedores e, de outro, os vencedores. E propõe um caminho para quem quiser ser vencedor, de estar aberto para sempre começar tudo de novo, pois como vimos na SD 9: *Os perdedores paralisam-se diante das perdas e dos fracassos. Os vencedores veem uma oportunidade para começar tudo de novo.*

A partir disso, percebemos que o discurso de autoajuda em interdiscursividade com o discurso capitalista e religioso estabelece uma distinção entre os indivíduos (perdedores e vencedores) como forma de demonstrar ao seu leitor que para se vencer é necessário primeiramente aceitar as adversidades que a vida lhe apresenta como sendo caminho para uma vida feliz. Portanto, no diálogo que o discurso de autoajuda faz com o discurso capitalista e religioso, percebemos uma imposição do individualismo (como forma de manutenção do sistema capitalista, ou seja, é preciso lutar para vencer sempre, mas de forma individual) e o apagamento do social (não leva em consideração o contexto sócio-histórico).

Nas sequências discursivas SD7, *Cada ser humano possui um mundo único no palco da sua alma e espírito. Descubra-o. Reis e súditos, miseráveis e abastados são igualmente ímpares. Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie,* e SD 10, *Ainda que você tenha vários defeitos, cometa alguns erros e, em alguns momentos, seja derrotado pela ansiedade, não há duas pessoas iguais a você no palco da vida. Se você não existisse, o universo não seria o mesmo,* podemos observar que há um diálogo da FD religiosa-cristã e a FD da autoestima que

valoriza cada pessoa como única e insubstituível no mundo, foco temático da obra em análise.

Na perspectiva religiosa-cristã todas as pessoas têm uma função na terra, essa função é sabida pelas pessoas através de sonhos e desejos. Interdiscursivamente e dialogicamente, o discurso religioso constitui o discurso de autoajuda movimentando os sentidos na enunciatividade de modo que o leitor não o questione, pois o divino diz respeito a algo superior à lógica humana. Nesse sentido, o discurso de autoajuda ressoa o discurso religioso propondo ao leitor que aceite a vida, aceite ser um instrumento divino, um instrumento do Universo, como se fosse um chamamento superior para vencê-la e na voz do sujeito enunciator isso ecoa de modo romântico, novamente, com o apagamento do sujeito e do social: aquilo que se deseja realizar e que vem de dentro do coração é um desejo que não faz parte apenas do indivíduo, mas sim do Universo. Por isso, o discurso de autoajuda pontua sobre a necessidade de o indivíduo descobrir sua função na vida, porque é interdiscursivamente e dialogicamente construído pelo discurso religioso; e, do discurso de autoajuda é possível “ouvirmos” as vozes do discurso religioso e observar de que modo o discurso religioso funciona na autoajuda.

Ao apropriar-se da FD da autoestima, o sujeito enunciator exalta a existência de cada indivíduo (SD7: *Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie*), enaltecendo-o de maneira ilusória, pois, na sociedade capitalista, cada pessoa é mais uma no mercado organizacional, portanto, substituível (à revelia do que sugere o título da obra em estudo, *Você é insubstituível*; o discurso de autoajuda funciona, portanto, na contradição). A expressão *se você não existisse, o universo não seria o mesmo*, diz do lugar de pertença do discurso religioso que estabelece com cada indivíduo uma relação individual, de reconhecimento de cada ser humano como ser único e singular. Além disso, ao retomarmos a FD religiosa-cristã, podemos dialogar com a premissa de que, se Deus pai é misericordioso, ele não daria a seus filhos os sonhos se eles não fossem capazes de realiza-los. Se Deus dá os sonhos, junto com eles vem a força necessária para sua realização, todos são capazes de realizar, portanto, a FD da autoestima reforça essa concepção no discurso de autoajuda.

Nas SD8 e SD11, podemos perceber o processo interdiscursivo e dialógico do discurso religioso no discurso de autoajuda através das seguintes expressões: *sabedoria (inferior e superior); perdão e inimigo*. Se a língua é o espaço de

manifestação das relações de sentido que refletem uma luta de caráter ideológico, a enunciação constitui-se como o espaço para os embates ideológicos de caráter linguístico que refletem as lutas sociais. Dessa maneira, a seleção das palavras que “devem ser ditas” – *perdão* ao invés de “pedir desculpa”, por exemplo – é um indício que revela a interdiscursividade do discurso religioso na construção do discurso de autoajuda.

Ao discriminar a sabedoria como *inferior* e *superior*, o sujeito enunciador o faz a partir da concepção religiosa de que existem dois mundos em constante confronto, o mundo profano (*inferior*) e o mundo sagrado (*superior*). O mundo profano (*inferior*) refere-se aos prazeres da carne que, para os cristãos-católicos, corresponde à violação aos sete pecados capitais: luxúria, soberba, gula, inveja, preguiça, ira e avareza. Já o mundo sagrado (*superior*), diz respeito às questões vinculadas a divindade, especificamente os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, fortaleza, ciência, conselho, entendimento, piedade e temor de Deus. A vivência desses “mundos” é retomada pelo discurso de autoajuda em interdiscursividade com o discurso capitalista através do termo sabedoria inferior e sabedoria superior. No discurso de autoajuda essa concepção dos dois mundos é utilizada de forma deslocada pelo sujeito enunciador, pois nessa perspectiva, cabe ao indivíduo escolher entre agir de maneira inferior ou superior. Assim, uma pessoa que faz a escolha por ter uma sabedoria inferior é aquela que julga, culpa, condena, já a que escolhe ter uma postura de sabedoria superior, é aquela que tolera, alivia, perdoa, sendo um *eterno aprendiz na escola da vida*.

No discurso religioso, para se manter íntegro no mundo superior é necessário estar em constante comunhão com Deus, pois é Ele quem atribui ao ser humano seus dons. Ao apropriar-se dessas vertentes religiosas o discurso de autoajuda atribui ao indivíduo a escolha de viver em uma postura extremamente pacífica frente aos acontecimentos cotidianos. Entretanto, o sujeito enunciador sugere ao leitor que *tenha a sabedoria superior*, que significa uma conduta fechada (tolera, alivia, perdoa) que não abre possibilidades de vivências de acordo com o contexto em que as experiências acontecem, de acordo com a sua realidade social<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Não é o nosso foco de estudo aqui, mas, em uma leitura foucaultiana, poderíamos dizer que a literatura de autoajuda opera na apropriação dos discursos capitalista, religioso e científico de modo a “domesticar” seu possível leitor (poder pastoral), formar corpos dóceis que não questionem a religião, nem a forma de exploração dos trabalhadores pelo capitalismo (biopoder e governamentalidade).

Pedir desculpa é algo que diz respeito às pessoas “inferiores”, essa prática é referente àqueles que fazem algum ato que ofende o outro. No entanto, as pessoas “superiores” que vivem no plano da divindade não somente “pedem desculpas”, mas perdoam. O perdão, nessa concepção, não é algo próprio da condição humana, mas é um dom de Deus. Somente Deus perdoa, pois o perdão equivale ao esquecimento do indivíduo perante o mau que lhe causaram. Portanto, para perdoar é preciso que o indivíduo esteja em comunhão com Deus, ou seja, o perdão é a manifestação de Deus no ser humano. Por isso, o sujeito religioso nunca está só, mas acompanhado por Deus, que direciona suas práticas.

Percebemos aqui o deslocamento do discurso religioso sendo apropriado no discurso de autoajuda, a fim de legitimar o discurso capitalista. Não é mais a “Deus” que o sujeito irá encontrar se olhar para dentro de si mesmo, mas uma força, uma capacidade “natural” de lutar pela vida.

Compreendemos também que o conhecimento é visto pelo sujeito enunciador como algo “inferior”, como consta na expressão: *a sabedoria inferior é dada pelo quanto uma pessoa sabe e a superior é dada pelo quanto ela tem consciência de que não sabe*. Podemos constatar o diálogo desse fragmento dos discursos religioso e científico sendo utilizado pelo discurso de autoajuda. No senso comum, principalmente entre os religiosos, o conhecimento científico sistematizado é visto como transgressor, e uma ameaça aos atributos metafísicos. Por isso, circula entre os adeptos às religiões uma construção discursiva de que ciência e religião não podem se tocar, pois participam de instâncias antagônicas, a qual uma desmerece a outra. No discurso de autoajuda, o sujeito enunciador enaltece a pessoa que tem *consciência de que não sabe*, e está aberta ao aprendizado constante. Nesse sentido, o sujeito enunciador deixa transparecer que a proposta feita por ele em *Você é insubstituível* é mais indicada e, portanto, mais eficaz do que qualquer tipo de conhecimento sistematizado.

Na SD11 tudo que causa sofrimento, frustração, é visto como inimigo. Ora, as situações de confronto são avaliadas de modo negativo para o sujeito construído pela autoajuda, pois, segundo o discurso de autoajuda o sujeito deve buscar viver em harmonia consigo e com as situações ao seu redor, obedecendo, sobremaneira, os

preceitos da superestrutura que opera na organização capitalista<sup>12</sup>, seja pela via de orientação burguesa, seja pela via de orientação religiosa. Voltando a análise com foco no discurso religioso<sup>13</sup>, o inimigo, na inscrição religiosa cristã católica, refere-se a tudo que é contra a divindade e possui diversas denominações: capeta, diabo, demônio, satanás, entre outros. Para os cristãos-católicos não se pode dizer o “nome” do rival de Deus, pois, ao dizê-lo, é como se estivessem chamando-o, evocando-o. Diante disso, ao utilizar a palavra inimigo, essa palavra engloba todas essas inscrições ideológicas que existem para explicar religiosamente a existência do “mal” no mundo.

Nessa perspectiva, o ser humano por ser “imagem e semelhança de Deus”, não poderia se comportar de forma que contrarie essa sua filiação com a divindade, isto é, cometendo, por exemplo, os sete pecados capitais. Quando o indivíduo coloca em prática esses pecados, não é ele quem o faz, mas o *inimigo* que o domina e o provoca a tal ato.

Entretanto, ao se apropriar da palavra *inimigo* do discurso religioso, a autoajuda desloca o sentido atribuído a “instância-sujeito do mal”, para colocá-lo no outro e em si mesmo. Dessa forma, o inimigo, apresentado pelo enunciador, são as vivências passadas. Como vemos, na SD11: *sem o perdão, o monstro do passado eclodirá em seu presente e controlará seu futuro*. Portanto, não é necessário dizer o nome do inimigo (capeta, satanás, entre outros) para que o mal esteja próximo, ele já o está no passado que poderá ser diferente, caso o indivíduo comece a exercer as propostas sugeridas pelo sujeito enunciador.

Percebemos que o discurso de autoajuda se coloca na mesma posição do discurso religioso, propondo ao indivíduo caminhos que o levem ao encontro interior o qual lhe garantirá a felicidade plena.

O discurso religioso é um dos discursos constituintes do discurso de autoajuda, por meio de deslocamentos e modificações de suas concepções, em interdiscursividade também com o discurso capitalista e científico. Esses deslocamentos

---

<sup>12</sup> Talvez isso explique ou ao menos lance um debate, por exemplo, sobre trabalhadores e operários que votam em partidos de direita, com uma mentalidade de governo elitista e burguês.

<sup>13</sup> Como já dissemos no início desse capítulo, a divisão textual deste capítulo de dissertação entre discurso capitalista, discurso religioso e discurso científico dá-se no domínio de operacionalizarmos melhor as análises, tratá-las de modo mais didatizado. No entanto, como podemos ver pela análise, intentamos mostrar como esses discursos constituem o discurso de autoajuda e se encontram em diálogos; entendendo diálogos também como confrontos, conflitos, contradições, distanciamentos e deslocamentos de dizeres e, também, pelo seu oposto, como semelhanças, asseverações, validações.

e modificações só são possíveis devido à memória discursiva. É por ela que o interdiscurso é perpassado e se constitui nos dizeres do sujeito enunciador da autoajuda. Segundo Pêcheux (2007), a memória discursiva diz respeito a algo que fala antes, é por meio dela que ocorrem as repetições, deslocamentos e retornos. Portanto, o sujeito enunciador constrói os dizeres a partir do interdiscurso que o constitui que, no caso do *corpus* de análise, como vimos, prevalece o discurso religioso cristão-católico.

Por isso, focamos no discurso religioso cristão-católico, pois acreditamos que esta seja das “materialidade[s] discursiva[s], uma das que mais atravessa/interpela a constituição do sujeito, haja vista o seu valor hierárquico cristalizado” (FRANÇA, 2009, p. 11).

#### **2.4. “A lógica numérica jamais compreenderá a lógica da emoção”: análise do discurso científico**

A palavra ciência vem do latim *sciencia* que significa “sabedoria”, “conhecimento”. No senso comum, o entendimento a respeito da ciência, refere-se ao conhecimento sistematizado e verídico dos fenômenos do mundo. Nesse sentido, a produção científica sempre foi balizada pelas ideias de verdades absolutas, provenientes de pesquisadores que diferem do restante da sociedade pelo seu status. No entanto, os cientistas discordam dessa premissa, pois uma comprovação científica é uma hipótese a ser refutada, isto é, as teorias não são acabadas, nem constituem verdades indiscutíveis, pelo contrário, a partir de outra reformulação ou até mesmo de outra hipótese, a teoria pode sofrer deslocamentos ou até mesmo ser descartada.

A busca pela verdade e a explicação a respeito dos componentes da natureza através da comprovação empírica fizeram com que os cientistas desenvolvessem métodos e procedimentos de observação a fim de garantirem a validade e fidedignidade do experimento.

No final do século XIX, cientistas e filósofos afirmavam que o fazer científico deveria “empregar o método usado pela “ciência da Natureza”, mesmo quando o objeto fosse o homem” (CHAUÍ, 2000, p. 201). O método adotado nas ciências da Natureza (matemática, física, química, biologia etc.) é chamado de

experimental e hipotético. Experimental, pois tem como recurso de comprovação, as observações e os experimentos, utilizados tanto para construir bem como para verificar alguma teoria. Hipotético, porque o cientista constrói uma série de hipóteses sobre os objetos e as testa de diversas maneiras.

Por muito tempo, o que era considerado ciência eram somente pesquisas que se utilizavam dos métodos da ciência da Natureza, porém, atualmente, sobre a influência da concorrente filosófica conhecida como estruturalismo,

[...] considera-se que cada campo do conhecimento deva ter seu método próprio determinado pela natureza do objeto, pela forma como o sujeito do conhecimento pode aproximar-se desse objeto e pelo conceito de verdade que cada esfera do conhecimento define para si própria. (CHAUÍ, 2000, p. 202).

Portanto, o método matemático que trabalha com aspectos dedutivos existe apenas idealmente, pois, seus objetos de pesquisa são construídos no pensamento, ao contrário, das ciências naturais que tem seus objetos concretos possíveis de serem observados e manipulados.

As ciências humanas (psicologia, sociologia, antropologia, história etc.) utilizam de métodos que buscam a compreensão e a interpretação dos fenômenos sociais. O objeto de estudo dessas ciências é o ser humano, por isso, todas as significações e sentidos produzidos pelos seres humanos podem ser estudadas pelas práticas sociais e políticas, pelos comportamentos, pelas transformações históricas, entre outras.

Segundo Chauí (2000, p. 357),

O senso comum, ignorando as complexas relações entre as teorias científicas e as técnicas, entre ciência pura e ciência aplicada, entre teoria e prática e entre verdade e utilidade, tende a identificar as ciências com os resultados de suas aplicações. Essa identificação desemboca numa atitude conhecida como cientificismo, isto é, fusão entre ciência e técnica e a ilusão da neutralidade científica.

Nessa perspectiva, o cientificismo se baseia na crença de que a ciência pode conhecer tudo, sobre a primazia das ciências da Natureza, em detrimento das outras áreas do conhecimento (humanas, sociais).

Contraopondo a essa visão científicista, consideramos importante trazeremos para essa discussão o teórico Thomas Samuel Kuhn que, com seu texto *A estrutura das revoluções científicas*, publicado em 1968, é considerado uma referência nos debates a respeito da filosofia da ciência. Kuhn (2006) apresenta uma nova concepção de ciência contraopondo ao tipo de ciência defendida pelo positivismo lógico, sendo considerado responsável pela “mudança de paradigma” na epistemologia vigente. É relevante o fato de que Kuhn tenha atribuído um papel epistemológico a história, e não meramente ilustrativo, na sua reconstrução da racionalidade científica.

Kuhn (2006) desenvolve uma perspectiva sobre a ciência a qual denominou de ciência normal. A ciência normal refere-se às pesquisas que firmemente são baseadas em uma ou mais realizações científicas passadas, ou seja, a ciência entra numa fase normal justamente quando é orientada sob os moldes de um paradigma. Segundo Kuhn (2006, p. 29) “essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior”. Além disso, essas realizações científicas desempenham um papel de um exemplar, um modelo que corresponde ao sentido primeiro e etimológico de paradigma.

Portanto, paradigma para Kuhn (2006, p. 13) refere-se às “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. E ainda acrescenta que o paradigma se constitui como uma rede de compromissos ou adesões conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais compartilhados. Desse modo, é o paradigma que faz com que um cientista seja membro de uma determinada comunidade científica.

Ao se instaurar um paradigma, há uma noção de consenso considerada por Kuhn que não significa ausência de divergências pontuais, ou seja, para que haja a ciência normal, não é preciso que os cientistas pensem sempre da mesma maneira. Entretanto, as questões acerca dos fundamentos são vistas como pontos pacíficos, sendo passíveis apenas de aperfeiçoamento.

Assim, a construção de paradigmas não seria um privilégio da ciência normal, mas é construído em todas as áreas da cultura em que impere o consenso.

Na escolha de um paradigma - como nas revoluções políticas - não existe critério superior ao consentimento da comunidade relevante. Para descobrir

como as revoluções científicas são produzidas, teremos, portanto, que examinar não apenas o impacto da natureza e da lógica, mas igualmente as técnicas de argumentação persuasiva que são eficazes no interior dos grupos muito especiais que constituem a comunidade dos cientistas. (KUHN, 2006, p. 128).

Diante disso, o desfecho das revoluções científicas não é determinado por critérios estritamente lógico-empíricos, ou seja, não se pode recorrer à correspondência com os fatos nem à coerência interna da teoria, de modo a decidir acerca de um conflito entre paradigmas. Abre-se, portanto, um espaço para a retórica, para outras dimensões externas como o Estado, a política, os grupos sociais, já que os aspectos de ordem lógica e empírica não são suficientes para decidir uma controvérsia científica.

A fim de alargamos a compreensão a respeito do discurso científico o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin contribui efetivamente nessa discussão. Bakhtin (2011) posiciona-se a respeito das ciências humanas considerando seu objeto de estudo, o ser humano. Nos textos *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas e Metodologia das ciências humanas*, Bakhtin (2011) situa o estudo do texto nas ciências humanas como o objeto de pesquisa de todas as ciências e das disciplinas humanas. Em sentido amplo, esse autor compreende o texto “como qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2011, p. 307). Nesse sentido, Bakhtin adota uma visão semiótica do signo, compreendendo a música, a escultura, a enunciação oral, a arte plástica também como textos.

Portanto, qualquer pesquisa das ciências humanas parte do texto, como materialidade linguística, entendida por Bakhtin não como um fenômeno de uma mente isolada, mas é concebida a partir dos pensamentos de outros.

O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamento dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc.). (BAKHTIN, 2011, p. 307-308).

Todo texto, não se trata somente de estruturas fraseais ou linguístico-textuais, mas compreende expressões comunicativas e dialógicas humanas das manifestações discursivas do sujeito, pois

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.). (BAKHTIN, 2011, p. 312).

Dessa forma, as ciências humanas não estudam o ser humano em si, mas a sua expressão na forma de texto, pois a “a alma nos fala livremente de sua imortalidade, porém não podemos prova-la. As ciências procuram o que permanece imutável em todas as mudanças as coisas e as funções” (BAKHTIN, 2011, p. 395). Partindo dessa concepção baktiniana de ver a ciência a partir de aspectos sociológicos, o pesquisador das ciências humanas tem a possibilidade de visualizar a movimentação dos sujeitos sempre em interação verbal num processo dialógico.

A respeito das ciências exatas, Bakhtin afirma que “são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite o enunciado sobre ela” (BAKHTIN, 2011, p. 400). Assim, nas ciências naturais há uma relação entre sujeito e objeto, já nas ciências humanas uma relação entre sujeito e sujeito, na medida em que o objeto é o texto, e o texto tem autor, ou seja, um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com o qual se interage.

Na visão de Bakhtin (2011), as ciências humanas não deveriam somente dar explicações e descrever procedimentos dos fenômenos humanos, adotando uma metodologia monológica e passiva de pesquisa, mas deveria assumir uma metodologia dialógica e ativa, isto é, dialogar com o objeto de pesquisa a fim de serem estabelecidas compreensões diante das quais o pesquisador tenha um posicionamento responsivo frente o objeto estudado.

Ao tomar o conhecimento científico como um discurso que compõe a interdiscursividade do discurso de autoajuda, percebemos que o sujeito enunciador de *Você é insubstituível*, ao se autodenominar cientista e autor, se coloca numa posição de detentor do saber, uma vez que na nossa sociedade a imagem do cientista se vincula a uma posição diferenciada dos demais sujeitos, de *status quo*.

Chauí (2000) diz que no senso comum social, a imagem do cientista é vista como “engenheiro e mago, em roupas brancas no interior de grandes laboratórios repletos de objetos incompreensíveis, rodeado de outros cientistas, fazendo cálculos misteriosos diante de dezenas de computadores” (CHAUÍ, 2000, p. 360). Portanto, o

sujeito enunciador, no papel de cientista, transparece para o leitor de que o que ele propõe no texto é digno de ser acreditado, já que ele fala a partir de um lugar (ciência) referendado na sociedade contemporânea. Como afirma Duarte (2008, p. 105):

O conhecimento científico tem na observação a sua característica mais marcante; diferente das outras modalidades já vistas, as quais se apresentem como valorativas, o conhecimento científico prima-se por ser factual, por trabalhar com ocorrências, fenômenos ou fatos, sejam eles físico-naturais ou socioculturais. As hipóteses, proposições e afirmações alcançam veracidade ou falsidade por meio de observações e experiências rigorosamente controladas.

Por isso o sujeito enunciador utiliza, durante o texto, palavras que demarcam sua inscrição no discurso científico, especificamente de uma formação discursiva das ciências exatas e naturais, tais como: “lógica matemática”, “estatística”, “cientistas”, “átomo”, “laboratório”, “genética”. A escolha por essas palavras não se dá de forma aleatória, mas dizem sobre a posição de sujeito detentor de um determinado saber. Assim, o texto composto por expressões que se manifestam a partir de uma posição legitimada na sociedade, que é o saber científico, estabelece uma relação de poder e de autoridade com o sujeito leitor, uma vez que tais palavras não são usuais no senso comum.

A seguir, analisamos as seguintes sequências discursivas provenientes do discurso científico que constitui o discurso de autoajuda de *Você é insubstituível*:

<b>Sequência Discursiva</b>	
SD1	“Quando o homem explorar intensamente o pequeno átomo e o imenso espaço e disser que domina o mundo, quando conquistar as mais complexas tecnologias e disser que sabe tudo, então ele terá tempo para se voltar para dentro de si mesmo” (CURY, 2002, p. 8).
SD2	“Os cientistas tentaram entender a felicidade. Pesquisaram-na, fizeram estatísticas, mas ela os confundiu, falando-lhes: "A lógica numérica jamais compreenderá a lógica da emoção!" Perturbados, descobriram que o mundo da emoção é indecifrável pelo mundo das ideias. Por isso, os cientistas que viveram uma vida exclusivamente lógica e rígida foram infelizes” (CURY, 2002, p. 15).
SD3	“Os intelectuais buscaram a felicidade nos livros de filosofia, mas não a encontraram. Por quê? Porque há mais mistérios entre a emoção e a razão do que jamais sonhou a mente dos filósofos. Por isso, os pensadores que amaram o mundo das ideias e desprezaram o mundo da emoção perderam o encanto pela

	vida” (CURY, 2002, p. 16).
SD4	“Algumas pessoas creram que poderiam cultivar a felicidade em laboratório. Isolaram-se do mundo, baniram as pessoas complicadas de sua história e as dificuldades de sua vida. Gritaram: "Estamos livres de problemas!" Mas a felicidade sumiu e deixou-lhes um bilhete: "Eu aprecio o 'cheiro' de gente e cresço em meio aos transtornos da vida” (CURY, 2002, p. 19).
SD5	“A vida já tem suas complicações e, como sua mente está continuamente agitada, você a complica ainda mais. Se esse for seu caso, você está com a mais comum e moderna síndrome psíquica: a síndrome SPA, a síndrome do pensamento acelerado. Quando pesquisei essa síndrome, descobri que nem sempre ela representa uma doença psíquica, mas um estilo doentio de vida” (CURY, 2002, p. 81).
SD6	“Ao nascer, a memória de uma criança parece uma esponja, absorve tudo, arquiva inúmeras experiências. Foi assim que aconteceu com você. Nos computadores, o registro das informações depende de um comando. Na memória humana, ele é automático e involuntário, produzido pelo fenômeno RAM (Registro Automático da Memória). O fenômeno RAM se tornou o artesão de sua inteligência” (CURY, 2002, p. 55).

Podemos observar que nas SD1, SD2, SD3 e SD4, o sujeito enunciador apropria-se de termos que se inscrevem numa formação discursiva das ciências exatas como, por exemplo, nas palavras, *estatística* e *átomo*, e na expressão *lógica numérica*. Nesse sentido, ao se inscrever numa formação discursiva das ciências exatas, o sujeito enunciador não somente inscreve-se em um determinado lugar de fala, como também se posiciona socialmente. Desse modo, essa voz do discurso científico ressoa de modo interdiscursivo e dialógico no discurso de autoajuda, emergindo sentidos que configuram a busca do sujeito enunciador por legitimar seu próprio dizer via saber científico. Portanto, o discurso de autoajuda pode operar a seguinte relação com seu leitor: se o sujeito enunciador possui um conhecimento legítimo das ciências (um conhecimento tratado por vezes como inalcançável ou de difícil acesso pelas questões metodológicas e epistêmicas), trata-se de alguém confiável para orientar no campo da autoajuda e esse sujeito enunciador deve ser ouvido.

A palavra *felicidade* é retomada pelo sujeito enunciador para designar um bem estar interior, que na SD2 aparece da seguinte maneira: *Os cientistas tentaram*

*entender a felicidade. Pesquisaram-na, fizeram estatísticas, mas ela os confundiu; na SD3: Os intelectuais buscaram a felicidade nos livros de filosofia, mas não a encontraram; e na SD4: Algumas pessoas creram que poderiam cultivar a felicidade em laboratório.*

A partir desses dizeres percebemos que o discurso de autoajuda dialoga com o discurso científico do campo das ciências naturais, onde os fenômenos são observados, controlados para, posteriormente, serem estabelecidas hipóteses, nesse sentido, por exemplo, a ciência explica a felicidade através da química do nosso organismo. Todas as atividades humanas, desde a respiração, alimentação, dor, prazer, passando pela aquisição de memória, pensamento, são decodificados pelo Sistema Nervoso Cerebral<sup>14</sup>. Esse sistema é responsável por conduzir as informações recebidas durante a existência através de sinapses, que ocorrem na combinação dos milhares de neurônios que compõem o cérebro.

Desse modo, a pessoa que passa por situações positivas e desejáveis, é estimulada por uma substância chamada de dopamina que, ao ser liberada pelo cérebro, transforma-se em bem-estar, isto é, em felicidade.

Nas SD2 e SD3 percebemos uma breve observação a respeito da felicidade que traz a contradição: o sujeito enunciator traz a voz da ciência para colocar-se (a si mesmo e a autoajuda) acima da ciência. Logo, o sujeito enunciator desqualifica o trabalho científico: para o discurso de autoajuda, a felicidade não é possível de ser pesquisada pela ciência, contrariando (e apagando) resultados científicos de que a felicidade já foi pesquisada pela ciência. Por isso, o enunciator estabelece uma relação dos modos científicos diferentes para designar uma situação extremamente abstrata como a felicidade.

Dessa forma, os sentidos do discurso científico são deslocados no discurso de autoajuda para garantir ao leitor que a voz da autoajuda está acima de qualquer pesquisa científica que explique o funcionamento da felicidade e da emoção.

A busca pela verdade é um requisito balizar do discurso científico, não há uma verdade, mas muitas verdades que são refutadas a todo o momento pela ciência. Porém, no senso comum, o dizer científico é tratado como um conhecimento de

---

<sup>14</sup> Conforme MACHADO, Angelo. *Neuroanatomia funcional*. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu. 2000.

autoridade, que deve ser respeitado e seguido. Apropriando-se dessa concepção de “verdade”, o discurso de autoajuda apresenta ao seu leitor que a “verdade” encontra-se no interior do sujeito. Ela pode ser encontrada por qualquer pessoa, basta ter a atitude certa, basta querer e fazer a escolha certa, como se a noção de certo fosse um contrato tácito. Por isso, a autoajuda prende-se a abordar questões de cunho subjetivo, afetivo, emocional, pois tenta trabalhar pela via do conhecimento intuitivo, denegando o racional. No entanto, o discurso de autoajuda se instaura na contradição do diálogo com o discurso científico: embora seja da ordem da intuitividade, o discurso de autoajuda apresenta caminhos que podem ser ensinados e que são legitimados pela “ciência” e pelo “saber”.

Esse posicionamento de ser soberano e de dono de si corresponde a uma inscrição capitalista na qual o indivíduo tem a ilusão de ser dono da razão, de sua vida e de suas escolhas por completo. Essa é uma marca fundante no discurso de autoajuda: a ilusão de que por pior que esteja a vida do indivíduo, ele pode sozinho (em um processo de apagamento do outro e, conseqüentemente, do social) resolver os problemas<sup>15</sup>. Entretanto, na perspectiva da autoajuda, essa vontade individual de nada adianta se não for respaldada por uma racionalidade instrumental impessoal disciplinadora como o discurso da competência científica. No caso do *corpus* de análise, o enunciador se apresenta como conhecedor das emoções humanas, portanto, possui respaldo científico em seus dizeres.

De acordo com a SD2: *descobriram que o mundo da emoção é indecifrável pelo mundo das ideias*; com a SD3: *Porque há mais mistérios entre a emoção e a razão do que jamais sonhou a mente dos filósofos*. Isso produz sentidos que dialogam com a ideia de que não é possível conquistar o que deseja pelo mundo da razão, é necessário compreender o mundo da emoção. Mais uma vez, percebemos o apagamento e a negação do sujeito enunciador dos estudos científicos a respeito do mundo das emoções: *emoção é indecifrável pelo mundo das ideias*.

---

<sup>15</sup> E aqui não estamos considerando o que o discurso de autoajuda coloca como “problema”, mas podemos sublinhar que as questões de ordem econômico-financeira não de subsistência, mas de lucro que gera sucesso e status constituem-se temas explorados pela autoajuda. Assim, até então, podemos observar que o discurso capitalista, o discurso religioso e o discurso científico dialogam na constitutividade do discurso de autoajuda.

No entanto, notamos que ao mesmo tempo em que o enunciador propõe o domínio da emoção, como vimos na SD8 da análise do discurso capitalista, *é possível treinar a emoção para ser feliz*, na SD2 e SD3 ocorre um deslocamento, pelo qual o sujeito enunciador diz que não é pelo caminho da razão que se chega à felicidade, mas é possível pelo conhecimento e domínio da emoção apresentados pelo discurso de autoajuda.

Além disso, é nítido o processo interdiscursivo que se instaura entre o discurso científico de Augusto Cury e o discurso literário de William Shakespeare, em sua peça Hamlet: “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia” (SHAKESPEARE, 1976, Ato I, Cena 4). O sujeito enunciador não menciona a fonte acionada, assim, não permite ao leitor pensar que os sentidos possíveis de serem construídos em Hamlet são contextualizados com uma produção literária marcada cronotopicamente por suas condições de produção. Ao apagar a autoria da relação estabelecida entre discurso literário e discurso científico, o discurso de autoajuda se apropria desse diálogo: “céu” liga-se à “emoção”, “terra” liga-se à “razão” em uma relação de baixo e alto, daquilo que pode ser considerado *inferior* e *superior*, e o sujeito enunciador coloca expressa sua dúvida em relação à capacidade intelectual dos filósofos, dos cientistas, dos pensadores e pesquisadores em geral. Logo, é possível pensar que há uma motivação expressa no discurso de autoajuda nesse processo de desconsiderar a produção dos intelectuais: o sujeito enunciador se posiciona como sabedor de ciências e conhecedor das falhas e das fragilidades do fazer científico, portanto, na tentativa de se mostrar gabaritado, se coloca acima dos intelectuais.

O sujeito enunciador utiliza conhecimentos das ciências exatas para apresentar alguma justificativa a um fenômeno que não diz respeito aos fenômenos da natureza. Isso significa dizer que o sujeito enunciador não está trabalhando de fato com o fazer científico, mas ele falseia esse trabalho (e o conhecimento científico sobre o tema) no discurso de autoajuda. A felicidade não é a mesma para todos, no entanto, da maneira expressa no *corpus*, há somente um modo de ser feliz: pelo conhecimento e domínio da emoção. Percebemos, portanto, que há um embate dialógico: da formação discursiva das ciências exatas emergem dizeres capitalistas, uma vez que as fronteiras de toda e qualquer formação discursiva não são estanques e nelas perpassam formações ideológicas de outros campos, inclusive de campos que se contradizem.

A autoajuda, assim, funciona como um catalizador desses dizeres que são reconfigurados. Assim, ao apropriar-se desses discursos, seus sentidos não permanecem os mesmos quando enunciados pela autoajuda, sendo perceptíveis, na análise, observar seus deslocamentos.

Nas SD5 e SD6, o sujeito enunciador do discurso de autoajuda de *Você é insubstituível* dialoga com duas concepções psicológicas a respeito da mente e da memória. Na SD5, o sujeito enunciador apresenta a SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado) como uma doença psíquica típica da contemporaneidade. No entanto, a SPA não consta no Código Internacional de Doenças (CID), pois são palavras utilizadas para designar um sintoma de uma doença já conhecida que é o TDAH<sup>16</sup> (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

A questão é que, ao enunciar “SPA” (Síndrome do pensamento acelerado), o sujeito enunciador evidencia a deficiência da atenção, no entanto, a pessoa que possui desatenção devido ao pensamento ser acelerado, tem no pensamento a hiperatividade.

Portanto, o enunciador apaga essa questão e utiliza um sintoma como se fosse a própria doença, deslocando o discurso médico-científico do seu lugar ao enunciar *estilo doentio de vida*. O sujeito enunciador aponta uma característica do que denomina por *estilo doentio de vida*, que são pessoas que *vivem com a mente continuamente agitada*. Pensando na sociedade capitalista em que vivemos, onde a população, em sua grande maioria, tem que dar conta de trabalhar, cuidar dos filhos, da casa etc., ao ler esse posicionamento do sujeito enunciador, o leitor pode se identificar com a ideia de SPA, nessa apropriação do discurso de autoajuda que se distancia do discurso médico-científico. Logo, esse posicionamento evoca a possibilidade de seu leitor estar “doente”.

No entanto, em nenhum momento o sujeito enunciador questiona sobre essa “aceleração” do mundo moderno, como mecanismo de manutenção do sistema econômico-capitalista. Isso significa dizer que, assim como vimos nas análises do

---

<sup>16</sup> O TDHA (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) é uma doença psíquica, sendo diagnosticada pelo exame clínico segundo os critérios definidos pelas classificações internacionalmente reconhecidas como, por exemplo, o DSM-IV e a CID-10. As principais características são: falta de atenção frequente a detalhes ou comete erros por descuido; com frequência parece não escutar quando lhe dirigem a palavra; com frequência apresenta dificuldade para organizar tarefas e atividades; com frequência tem dificuldade para aguardar sua vez. Informações retiradas do site: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=335> Acesso em 02 de dezembro de 2013.

discurso capitalista e do discurso religioso, mais uma vez, agora no discurso científico, as condições de produção do universo sócio-histórico são apagadas do discurso de autoajuda, sempre com vistas a favorecer o sistema capitalista. O que emerge das sequências discursivas são vozes construídas pelo discurso de autoajuda que garantem ao seu leitor harmonia e tranquilidade via sistema capitalista, por meio da individualização.

Na SD6, o sujeito enunciador observa que *a memória de uma criança parece uma esponja, absorve tudo, arquiva inúmeras experiências*. Essa sequência discursiva se inscreve numa formação discursiva científica das ciências cognitivas que acreditam que a mente de uma criança é como uma “tábua rasa” a ser preenchida pelos pais, pela sociedade, pelas experiências. Essa concepção de *memória* como armazenamento é comparada pelo sujeito enunciador como um *computador*, que registra as informações e a qualquer momento, tais informações podem ser acessadas dependendo do comando. Entretanto, segundo o sujeito enunciador, a *memória* humana é automática e involuntária, não sendo possível de ser controlada.

Se a memória cognitiva é automática e involuntária como dominar os pensamentos para conseguir ter uma vida feliz? Se, como vimos, o sujeito enunciador garante que com treino e força de vontade é possível alcançar felicidade plena. São questões que emergem a partir das contradições instauradas nos dizeres produzidos pelo discurso de autoajuda de *Você é insubstituível*, de Augusto Cury.

Pêcheux (2007) concebe a memória discursiva não como um reservatório, mas ao contrário, como um espaço móvel, de constante transformação. Logo, a memória (sempre ligada ao interdiscurso), uma construção social, pode ser observada na análise do discurso como flexível, heterogênea, contraditória. A perspectiva do sujeito enunciador é que a memória é fixa, acabada, fechada.

Como dissemos anteriormente, a memória tem um papel peculiar no interdiscurso, pois é por meio dela que as formações discursivas são retomadas, transformadas nos dizeres dos falantes. É, portanto, através da memória que ocorrem os apagamentos e deslocamentos, enunciados pelo sujeito enunciador na discursividade de *Você é insubstituível*, pela voz e tomada de posição do sujeito enunciador.

Assim, os discursos constituintes – aqui, em estudo, o discurso capitalista, o discurso religioso e o discurso científico – se atravessam, se filiam, dialogam uns com

os outros, entram em contradição, se sujeitam num processo interdiscursivo de construção do discurso de autoajuda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pontuamos, logo no início desse trabalho, que o discurso de autoajuda é um discurso contemporâneo que se configura a partir das construções interdiscursivas principalmente dos discursos capitalista, religioso e científico, propagando, sobretudo, o individualismo por meio da meritocracia. Por meio dessa concepção, o discurso de autoajuda se coloca como um auxiliador do sujeito na solução de problemas imediatos, o que faz esse discurso funcionar na contemporaneidade como um guia prático no direcionamento dos comportamentos.

Por isso, buscamos demonstrar por meio dessa pesquisa como o discurso de autoajuda é fundamentado e constituído. Assim, ao estabelecer um diálogo com os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Francesa (ADF) e o pensamento dialógico da linguagem oriundo do Círculo de Bakhtin, consideramos que nas sequências discursivas, que formam o corpus desta pesquisa, retirados da obra *Você é insubstituível*, de Augusto Cury, as ressonâncias, vozes e sentidos produzidos por outros discursos legitimados socialmente, retomados pelo sujeito enunciativo como seus, como forma de garantir ao leitor a validação de seu dizer.

Para tanto, organizamos a análise em três categorias discursivas para pensarmos os interdiscursos e diálogos que perpassam as sequências discursivas colocadas em análise. São elas: discurso capitalista, discurso religioso e discurso científico. Essa divisão foi realizada para fins didáticos, pois a relação desses três discursos apresenta-se de modo relacional e dialógico, sendo que a constituição de um depende do outro. Ao analisar o discurso religioso, por exemplo, percebemos que ao ser apropriado pelo discurso de autoajuda, ele sofre modificações e deslocamentos, e que, nessa constituição, emergem diálogos do discurso religioso com os discursos capitalista e científico. Dessa maneira, as análises não são estanques a dada categoria discursiva, mas de modo dialógico e interdiscursivo, para pensar a constituição e funcionamento do discurso de autoajuda.

No discurso capitalista, o embate ideológico com o discurso religioso ressoa nas sequências discursivas, principalmente nas inscrições da formação discursiva da autoestima. O discurso de autoajuda em interdiscursividade com o discurso capitalista propõe ao sujeito uma vida feliz através do cultivo constante de si mesmo, ou seja, é

preciso conhecer e tomar posse de seus pensamentos e emoções, com o objetivo de garantir a realização de seus desejos. Esses desejos são apresentados ao sujeito leitor da autoajuda como algo possível, uma vez que o sujeito enunciador toma por princípio que tudo é possível de ser realizado: tornar-se um empresário de sucesso, conquistar o emprego dos sonhos, ter o casamento perfeito, ser feliz etc. No entanto, aqueles que não conseguem realizar seus desejos são culpabilizados, pois não treinaram conforme as “orientações” oferecidas no discurso de autoajuda: se não possuem domínio de si mesmos, não alcançaram a felicidade plena<sup>17</sup>.

A partir disso, percebemos que em nenhum momento na análise do *corpus*, o sujeito enunciador propõe ao sujeito leitor questionar a realidade social em que vive, pelo contrário, ele o induz a mudar a forma de pensar para obter sucesso e realização: se alienar pelo capital, pela religião, pela ciência; vozes e dizeres apropriados e deslocados de seus lugares e, conseqüentemente, de suas condições de produção para a constituição e funcionamento da autoajuda.

O discurso religioso é o discurso fundador da autoajuda, por ser um discurso socialmente cristalizado, o sujeito enunciador o utiliza como forma de garantir que seus dizeres sejam válidos e legítimos para o leitor. Porém, o sujeito enunciador faz uso, principalmente, dos discursos religioso e do científico, de forma deslocada. Isso é possível através da memória discursiva que, subordinada ao interdiscurso, estabelece uma reatualização dos dizeres pelas condições de produção que operam no momento em que se enuncia o discurso de autoajuda.

Além disso, o discurso de autoajuda apropria-se dos discursos capitalista, religioso e científico como sustentação do seu próprio discurso – o capitalismo opera socialmente como modelo econômico; a ciência é tida como um discurso da razão, sendo um discurso especializado e distante do conhecimento da massa; o discurso religioso se coloca acima da razão do sujeito, então, é preciso crer, ter fé, para ser feliz. Ao mesmo tempo em que é desejo do sujeito encontrar a “verdade sobre si mesmo”, é com essa ilusão de completude que o discurso de autoajuda funciona, apresentando ao sujeito “receitas” para conquistar seus desejos e sonhos, sempre apagando as condições sociais.

---

<sup>17</sup> Como se felicidade plena fosse possível.

Percebemos por meio das análises, que o discurso de autoajuda é um discurso que atende aos interesses da classe elitista burguesa: por ser uma construção interdiscursiva que induz o sujeito a procurar dentro de si as causas e as soluções para problemas que dizem respeito a questões sociais, culturais, históricas e, principalmente, econômicas.

Ao ser regido por essa “lógica burguesa”, que busca a manutenção dos meios de produção nas mãos de poucos, o discurso capitalista é alimentado de forma mascarada também pelos discursos religioso e científico. Dessa forma, podemos dizer que o discurso de autoajuda é um discurso de uma classe privilegiada que usufrui dos benefícios materiais e sociais; isso engloba saúde, educação, lazer, bens de consumo, bens materiais, propriedades, entre outros. Logo, a fim de que isso perdure a essa classe, é necessário manter a “massa” controlada de forma velada e a autoajuda apresenta-se como uma possibilidade.

Por isso, o discurso de autoajuda diz a partir de um grupo social que prefere a “massa” para se manter no modo de produção capitalista, onde o mercado é quem dita as regras, ou seja, o consumo exagerado deve ser mantido para que a produção capitalista se fortaleça sempre mais.

Desse modo, buscamos perceber as heterogeneidades de dizeres por meio das marcas linguístico-discursivas, construídas no discurso de autoajuda na voz do sujeito enunciador. Assim, ao pensar que todo sujeito constitui-se na e pelo discurso, estabelecemos uma relação de diálogo com o outro para pensar essa constituição que se apresenta de forma dialógica e ideológica. Enfim, sentimo-nos interpelados a nos posicionar ao final da dissertação de modo mais pontual: não compactuamos com a proposta do discurso de autoajuda de utilizar a fragilidade do sujeito para constituir-se como (mais) uma ferramenta da elite capitalista. Cremos que a autoajuda apaga as condições sociais de existência do sujeito, assim como apaga o sujeito que se constitui na relação discursivo-dialógica com o outro, sendo esse outro um outro sujeito ou um outro discurso, a própria autoajuda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. Resposta a John Lewis. In: *Posições-1*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. – 9. Ed. – Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderlei Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. (V. N. VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011.
- BRUNELLI, Anna Flora. “O sucesso está em suas mãos”: análise do discurso de autoajuda. (Tese de Doutorado em Linguística). 144 fls. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CORTINA, Arnaldo. “A literatura de massa na perspectiva dialógica”. Revista *Bakhtiniana*. Vol. 1, n. 5 1º semestre de 2011, p. 133-150.
- CORTINA, Arnaldo. “O gênero e o estilo na literatura de autoajuda”. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa. (Org.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Série Bakhtin Inclassificável (4 vols.). Vol. 3, Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 219-258.
- CURY, Augusto Jorge. *Você é insubstituível*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- DUARTE, Sirlene. *Práticas de subjetivação e construção identitária: o sujeito no entremeio da auto-ajuda e da ciência*. (Tese de Doutorado em Linguística e Língua

- Portuguesa). 141 fls. Araraquara: Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do círculo de Bakhtin. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa. (Org.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Série Bakhtin Inclassificável (4 vols.). Vol. 3, Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 167-182.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FRANÇA, Thyago Madeira. *Sentidos do signo “dízimo” na “Folha Universal”*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). 127fls. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tatu*. In. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FURLONI, Ivi. *A autoajuda como interdiscursividade em ‘O alquimista’ de Paulo Coelho*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). 202 fls. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- GUILHERME, Maria de Fátima Fonseca. “Bakhtin e Pêcheux: atravessamento teóricos”. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Série Bakhtin Inclassificável (4 vols.). Vol. 3, Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 259-279.
- GREGOLIN, Maria do Rosário, BARONAS, Roberto. (Orgs) *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Editora Claraluz, 2003.
- HENRY, Paul. “Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux”. In: GADET, F. & HAK, and T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997, 3. ed., p. 13-36.
- KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LACAN, Jaques. *O seminário: livro 2 - o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

- MACHADO, Angelo. *Neuroanatomia funcional*. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.
- MAINGUENEAU, D. Os discursos constituintes. In: *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006. p. 33-51.
- MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Editora Nova Cultural, Coleção Os Economistas, 1988.
- PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Vol. 1, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. “A análise do discurso: três épocas”. In: GADET, F. & HAK, and T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997a, 3. ed., p. 61-105.
- PÊCHEUX, Michel. “Análise Automática do Discurso (AAD-69)”. In: GADET, F. & HAK, and T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997b, 3. ed., p. 311-319.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *O papel da memória*. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2007, p.49-58.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. 4. ed. Campinas: EDUCAMP, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (Org.). *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 63-75.
- RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.
- SANTOS, João Bôsco Cabral. “Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos”. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral. (Org.). *Análise do discurso – unidade e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, 2004, p. 109-118.
- SHAKESPEARE, Willian. *Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Série Teatro vivo.

SOBRAL, Adail Ubirajara. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de autoajuda*. (Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). 325fls. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

STAFUZZA, Grenissa. *Análise do discurso literário: das vozes de Homero em Joyce*. Curitiba: Appris, 2011.

STAFUZZA, Grenissa; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. Apontamentos sobre a Análise do Discurso e suas práticas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Vol. 2. Campinas: Mercado de Letras (no prelo).

#### **Referência de sites para consulta:**

<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=335> acesso dia 12 de novembro de 2013.

<http://galileu.globo.com/edic/128/rdossie3.htm> acesso dia 25 de novembro de 2013.

**ANEXO**

CD contendo a obra *Você é insubstituível*.